

MEMÓRIA ALENTEJANA

CEDA (Centro de Estudos Documentais do Alentejo – Memória Colectiva e Cidadania) | Director: Eduardo M. Raposo | Periodicidade Anual: 2023 ■ N.º 45 ■ 3€



Beja... E O CANTE



FREGUESIA
CHARNECA DE CAPARICA E SOBREDA

#VILASDINÂMICAS



www.jf-charnecacaparica-sobreda.pt

Tlf: 212 972 827

E-mail: geral@jf-charnecacaparica-sobreda.pt

01 Editorial

CEDA

- 03 Lançamento em Montemor-o-Novo
- 04 Lançamento em Évora
- 05 8º Aniversário do Cante
- 06 CD Alentejo Ensemble
- 07 Colóquio: Almada - 50 Anos de Cidade
- 08 Colóquio: PS - 50 Anos depois
- 09 100 Anos Jornais Transtaganos

CADERNO TEMÁTICO

- 10 Beja... e o Cante
- 11 Entrevista com o Presidente da Câmara Municipal de Beja - Paulo Arsénio
- 18 Grupos Corais de Beja
- 25 Centro UNESCO
- 26 Museu Rainha Dona Leonor
- 27 Museu Jorge Vieira
- 29 Villa romana de Pisões
- 30 Biblioteca Municipal de Beja José Saramago
- 34 ASSESTA
- 36 Diário do Alentejo
- 37 Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo
- 38 Luiz da Rocha
- 40 Jorge Serafim - Entrevista
- 42 Os Vinhos de Beja
- 44 Grande Entrevista - João Paulo Ramôa
- 50 FAZER ÉVORA_27
- 52 Educação Popular na Universidade de Évora

FIGURAS

- 54 Luís Afonso - Entrevista
- 56 Carlos Rosa - Entrevista

CRÓNICAS

- 59 Território
- 60 Talha e Virtualha
- 61 Casas Com Alma

CENTENÁRIOS

- 62 Casa do Alentejo
- 64 Urbano Tavares Rodrigues
- 66 Centenários

ACONTECENDO

- 67 Destaque
- 70 Livros
- 76 CDs
- 77 Teatro / Festivais

79 A Fechar



Foto: Pedro Soares

Eduardo M. Raposo

Director
Presidente do CEDA
eduardomraposo0@gmail.com

“A importância da Memória no aprofundamento da Democracia”

“Beja é uma cidade tranquila, com muita qualidade de vida”

Paulo Arsénio

“O Alentejo tem futuro?

Tem, se o quisermos e fizermos. Está nas nossas mãos”

João Paulo Ramôa

É contagiados por este espírito positivo que iniciamos, citando duas figuras públicas de Beja, o presidente da Câmara Municipal, Paulo Arsénio e o penúltimo governador civil, João Paulo Ramôa. Dois bejenses ilustres, dois Amigos que valorizam em muito esta edição, com as respectivas entrevistas que nos concederam.

Apesar das dificuldades, da inflação, do aumento do custo de vida, da desertificação física e humana, da implementação que tarda dos projectos rodoferroviários para contribuir para a tão almejada coesão social, apesar... de tudo isso, é bom viver em Beja, uma cidade agradável, económica e culturalmente activa, como nos referem os nossos interlocutores, nesta nossa cidade bem no centro da planície que, por tudo isto e muito mais, tem muita qualidade de vida.

É a esta nossa cidade, com o seu alto-castelo, com a mais alta torre de menagem do nosso país, que dedicamos o caderno principal desta edição... a grosso modo, dedicamos esta edição.

Logo a seguir à já referida entrevista com o presidente da Câmara Municipal, o Cante, o nosso Cante com a sua grande riqueza e diversidade multiplicada pelos 16 grupos existentes no concelho – apesar do 2º congresso do Cante ter sido suspenso, a

aguardar melhores dias... - e o Centro Unesco, com o seu papel na promoção e valorização identitária, os monumentos que também são *ex-libris*, como a estação arqueológica de Pisões, o Museu Rainha Dona Leonor. Mas também o Museu Jorge Vieira, a Biblioteca Municipal José Saramago - uma referência não apenas do Alentejo, mas no país, na Península Ibérica e não só, por vários motivos. A ASSESTA, reunindo em Beja muitas das actuais gerações das letras transtaganas, o nosso histórico semanário, o *Diário do Alentejo* – de que destacamos uma fotografia icónica, que junta cinco jornalistas de referência que marcaram este jornal e um texto breve, assim era o espaço, mas sincopado, sentido, ao som do ritmo do viver e sonhar, sonhar sempre... a CIMBAL, o centenário Luiz da Rocha - uma referência em vários aspectos, desde a doçaria, à tertúlia... - ou uma das figuras mais carismáticas de Beja, ... quiçá de Portugal, o Amigo Jorge Serafim, o mais conhecido contador de histórias do Alentejo, ou os Vinhos de Beja, pela pena do grande conhecedor – Amigo, colega no *métier* da investigação histórica - e historiador, Manuel Baiôa.

Ainda a “Grande Entrevista”, que se insere no Caderno temático, pois João Paulo Ramôa não podia ser mais bejense, terminando este caderno

principal, que dá título à edição: São 40 páginas, o que, numa edição de 80 é muito. Mas, se se descontar este editorial, a derradeira “A fechar” - com a Ficha técnica e outros dados legalmente obrigatórios e necessários - é muito! E se a isso se adicionar as 13 páginas do “Acontecendo”... temos uma percepção mais clara de como o Caderno temático “Beja... e o Cante” é ainda estruturante nesta edição. Claro que esperava-se breves artigos das Rádios bejenses - *Voz da Planície e Pax*, assim como outros não tão breves do IP Beja e da Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja, que não chegaram... paciência.

No “Acontecendo”, livros, discos, fechando com a evocação de dois homens, um desaparecido há cinquenta anos, outro mais recentemente, que souberam viver a pensar nos outros, ajudar os outros, com dignidade e verticalidade, de cabeça erguida, ambos socialistas, que quiseram mudar o mundo, cada um à sua maneira, mas sobretudo dois seres humanos que nos merecem o maior respeito e admiração: o chileno, presidente Salvador Allende, o Alentejano, comendador Rui Nabeiro.

E na música, o som cristalino da guitarra portuguesa, o disco derradeiro de Mestre António Chainho, o Amigo, que nos chega de São Francisco da Serra, a vislumbrar a nossa bela Costa Dourada - quiçá a maior língua de areia da Europa, entre Tróia e Sines - e aqui perto, de Serpa, do Amigo Armando Torrão, dois excelentes trabalhos de recolha e análise, afinal de salvaguarda do nosso Cante, com a chancela da Confraria do Cante Alentejano. Ou os festivais, de Teatro em Almada - concelho com tantos ou mais Alentejanos e descendentes destes que a cidade de Évora - do melhor festival de World Music que acontece em Portugal; falo, claro do FMM de Sines, ou de internacional de Teatro de Setúbal, onde também há muitos milhares de Alentejanos. E entre uma vintena de livros - e trinta

recensões e outros - qual deles o mais interessante, em destaque temos Dora Gago - que reencontramos recentemente, na Feira do Livro de Beja - com o seu belo livro de viagens, *Palavras nómadas* e a reedição, tão actual, *Monsaraz. Reconstruir a Memória*, de Ana Paula Amendoeira, a nossa Directora Regional de Cultura - em destaque na “Grande Entrevista” da edição anterior.

Mas temos ainda, na rubrica “Figuras, dois Amigos Luís Afonso, cartoonista/jornalista e Carlos Rosa, o tece-lão/músico; dizem de sua justiça, e nas crónicas temos uma nova aquisição - a adicionar ao Manuel Baiôa, nos “Vinhos de Beja” - Rogério de Brito a dar a sua opinião avalizada sobre o “Território” e a sua desertificação - e continuam: “Talha e Vitualha” e “Casas com Alma”, por Ana Pereira Neto.

Mas porque este é o ano de diversos centenários, o nosso destaque vai para o da Casa do Alentejo - 10 de Junho - e do Mestre e Amigo Urbano Tavares Rodrigues - 6 de Dezembro - a que o CEDA vai dedicar um ciclo de cinema transtagano, em final de Janeiro, iniciando com o documentário *O Adeus à Brisa*, que Possidónio Cachapa lhe dedicou... ou a imagem, no verso da contracapa, do Jardim Público de Beja, provavelmente em meados do século XX, gentilmente cedida.

Claro que o CEDA e as suas realizações, marcam presença com notícia, das apresentações em Montemor e Évora da edição anterior - “Megalistismo no Alentejo Central” - a celebração do 8º aniversário do Cante em Almada, a digressão do Rancho dos Cantadores de Paris, a promoverem o seu disco “Alentejo ensemble”, assim como, no âmbito do ciclo “Revoluções” os colóquios “Almada - 50 anos de cidade (1973-2023)” e “PS 50 anos depois. Democracia Socialista ou Socialismo Democrático.” Ciclo a que damos continuidade, tendo, no passado dia 16 de Setembro, realizado na “Almada Mundo”, colóquio sobre os “50 anos do 11 de

Setembro de 1973”, no Chile, um excelente colóquio - que terá continuidade. Com Pedro Tadeu e Osvaldo Oyaneder, sob o lema “A importância da Memória na defesa da Democracia”.

Também teriam cabimento outros assuntos, tão actuais como o já autorizado abate de 1.821 sobreiros para a construção do Parque Eólico de Morgavel, no concelho de Sines, situação que preocupa profundamente a APCOR - Associação Portuguesa de Cortiça, que representa cerca de 250 empresas do setor - abate de sobreiros que ascenderá a mais de 35 mil, desde 2011, com nefastas consequências. Situação que muito preocupação deixa a que, como nós, tanto quanto o património cultural, também o natural nos importa. Ou a anunciada extinção da DRCA - no Alentejo e por esse país fora - tal como a da Agricultura, como questionámos os nossos entrevistados e a preocupação... não é pouca.

Porque Memória e Cidadania estão de mãos dadas...

Mas nem tudo é preocupante: Em 2024, em co-coordenação com o nosso Amigo historiador Manuel Baiôa prevemos - numa organização CEDA - iniciar o processo de publicação de uma obra em vários tomos sobre a História do Alentejo no Século XX... começando com a realização de um congresso, em Beja. Ou como refere, Paulo Arsénio na entrevista: “O CEDA e a *Memória Alentejana* desempenham um papel crucial na valorização identitária do Alentejo.”

Ou como refere João Paulo Ramôa: “Este é um trabalho de gente sã (...) Chegar aos 23 anos com essa persistência, com esse trabalho voluntário para deixar para memória futura o que estás a deixar é extraordinário.” Mas não esquecemos as sugestões do Serafim e do Carlos Rosa.

Enfim... todo o Alentejo deste mundo, a aportar a Beja, bela cidade da planície, no lançamento desta *Memória Alentejana*.

MONTEMOR-O-NOVO

Lançamento da edição nº 44



Fotos: João Santos



No passado dia 20 de novembro de 2022 teve lugar o lançamento da revista *Memória Alentejana*, no convento de São Domingos – Biblioteca do Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo.

Convento fundado na segunda metade do século XVI, encerrou as suas funções com o fim das ordens religiosas. Mais tarde, com a importante contribuição do grupo de Amigos de Montemor-o-Novo, o espaço ganhou nova vida. Atualmente, com biblioteca, museu de arqueologia local, para além de espaço de exposições e outros eventos, como o lançamento da edição número 44 da revista *Memória Alentejana*.

Na mesa estiveram presentes, o vereador da Cultura e de Arte, Henrique José Lopes, o arqueólogo Manuel Calado e o diretor da revista (MA) Eduardo M. Raposo. Tomando a palavra o Sr. Vereador, com amáveis palavras a todos os presentes e

ao trabalho desenvolvido pelo CEDA (Centro de Estudos Documentais do Alentejo) através da publicação regular da *Memória Alentejana*, em seguida fez uma breve abordagem da revista, e a sua importância com os vários artigos publicados para a divulgação e conhecimento do património do concelho e, do Alentejo em geral. Seguindo-se o arqueólogo Manuel Calado, que fez uma abordagem do panorama arqueológico do concelho e da região. Em seguida o diretor da revista fez as considerações e agradecimentos finais. Realizando-se logo de seguida visita ao Museu de Arqueologia, com uma importante coleção de artefactos, que vão

desde a pré-história com o paleolítico, até mais próximo dos nossos dias, com a Idade Média.

No âmbito deste lançamento, seguiu-se a visita guiada à Anta Capela de S. Brissos, ou como também é conhecida/designada, Anta Capela de Nossa Senhora do Livramento, pela arqueóloga Sira Camacho e também pelo arqueólogo António Carlos da Silva. Estes deram-nos uma visão do ambiente arqueológico do território, onde se insere este monumento megalítico, bem como as suas particulares tradições religiosas.

Assim terminou um dia de benquerença pela cultura alentejana.

João Santos

LANÇAMENTO EM ÉVORA



Foto: Eduardo M. Raposo



a importância que tem para si o trabalho desenvolvido no âmbito da arqueologia pública.

Foi uma bela sessão.

Saboreando os Almendres I

Lançamento da *Memória Alentejana*, dia 28 de Janeiro, no belo edifício da Biblioteca Pública de Évora.

Abriu com amáveis palavras de boas vindas da directora, Zélia Parreira, e de uma breve apresentação - destacando os artigos estruturais dos arqueólogos, as entrevistas, excelentes, dos oradores seguintes e após a referência ao "nosso" designer, Carlos Galvão - brindado com uma salva de palmas - tomou a palavra Carlos Pinto de Sá.

Este autarca, Amigo de longa data, antigo edil de Montemor referiu o "trabalho muito positivo realizado pelo CEDA para o desenvolvimento do Alentejo", pôs a tónica na importância de Évora Capital Europeia da Cultura em 2027, que "será muito mais do que uma festa", candidatura que logrou ser escolhida sob o conceito bem alentejano "Devagar", frisando a aposta da intervenção, preservação e valorização do megalitismo e realçando a importância da participação de todos como algo fundamental.

Ana Paula Amendoeira saudou o CEDA e a Revista pelo trabalho que tem vindo a realizar: "O CEDA e a Casa do Alentejo [que este ano completa 100 anos] são dois projectos fundamentais para o Alentejo." destacando o "Serviço público para a coesão de comunidade", no Alentejo e na diáspora através de um traço cultural comum, num percurso

que não hierarquiza temas ou pessoas, antes "dando a mesma atenção a tudo o que tem a ver com o Alentejo", do trabalho que se tem vindo desenvolver qualitativamente.

Depois referiu de como os novos fundos comunitários são quase inexistentes para o Alentejo, apesar da retórica nacional.

Destacou ainda como o desinvestimento verificado na área da cultura, em que um parte muito substancial se direciona para o entretenimento e não para as áreas estruturais. Neste contexto referiu a extraordinária importância de Évora Capital Europeia da Cultura.

Realçou a importância da classificação dos monumentos megalíticos, "mega projecto" levado a cabo pela DRCA, que assim garante a protecção legal destes monumentos.

Referiu ainda a gravidade o desmantelamento em curso, da Administração pública e destacou a importância de "ter a utopia e continuar o Sonho".

Os arqueólogos Manuel Calado e Sira Camacho, em intervenções breves, referiram respectivamente: o orgulho, como alentejano, por os dirigentes políticos que o procederam "Estarem no caminho certo" e a importância da defesa da paisagem; como jovem arqueóloga, dizendo-se honrada por escrever na Revista a par das maiores autoridades do megalitismo e

Saboreando os Almendres 2

Seguiu-se a visita no fim da manhã de um sábado frio mas solarengo estivemos, no âmbito do lançamento em Évora, da Revista *Memória Alentejana*, "Megalitismo no Alentejo Central", nos Almendres, primeiro no Centro Interpretativo, junto a aldeia de Gaudalupe, onde a Sira Camacho fez as honras da casa e depois, naquele monumento único no Alentejo, em Portugal e no mundo, que é o Cromelque dos Almendres, onde a Sira e o Manuel Calado, com a sua sapiência nos integraram, de forma humanizada, no mundo dos nossos antepassados neolíticos, afinal homens e mulheres com algumas preocupações como nós, que também intervieram na paisagem, ainda que talvez de forma menos agressiva... mas que a transformaram, disso não há dúvida.

Foi bom estarmos naquele lugar mágico, com diversos amigos do CEDA e não só, saboreando-o com um outro olhar, com a ajuda de quem sabe. O Manuel e a Sira. Bem-hajam!

Terminou ao fim do dia, após um almoço quase ajantarado., no dizer do amigo Victor Lamberto, aficionado gastrónomo e militante do slow food ... "O vagar sabe bem, como quase sempre... sobretudo entre alentejanos, arqueólogos, geólogos e... todos os outros! E a mMel, pois claro! E o CEDA..."

Bem-hajam!

Eduardo M. Raposo

8º ANIVERSÁRIO DO CANTE PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

"Almada Homenageia o Cante"



Fotos: José Alex Gandum

Na noite de 25, sexta-feira iniciou-se a programação de “Almada Homenageia o Cante”, assinalando a passagem do 8º aniversário do Cante Património Cultural Imaterial da Humanidade – PCIH - Auditório António Rodrigues Anastácio, Junta de Freguesia de Charneca de Caparica

Iniciou a apresentação de *Cuba Cante. Tabernas e Talhas*, da Amiga fotojornalista Ana Baião.

Uma excelente sessão, com muitas intervenções no debate, algumas despoletadas pelo Amigo Pedro Matias presidente da Junta - contente, tal como nós, por ter a “casa cheia” - onde a Ana nos confidenciou momentos deliciosos na construção deste belo livro, e o Amigo José Roque que o apresentou, nos deixou para além desta relação íntima entre vinho e Cante, sempre novos dados sobre o processo de produção do Vinho de Talha que conhece bem e melhor sabe transmitir.

Deste livro, onde assina um texto muito belo, deixamos um “cheirinho:”

"A Alentejo canta em coro, como sempre o terá feito. Celebrando a vida! Retratando-a através de sines-

tesias que fazem vibrar os nossos sentidos: Cores! O castanho da terra de barro, o verde dos pãmpanos das cepas, o doirado das espigas, a cor de fogo do Sol, o verde seco de sobreiros e azinheiras que parecem carregar nas suas cepas o peso do céu.

(...)

Vinho e Cante. Parceiros inseparáveis em modo de cumplicidade. Terras do mesmo chão."

Breves excertos de um texto em prosa poética, à altura das magníficas imagens que a Ana Baião captou da essência das gentes da Cuba, entre o Cante e o vinho, neste belo livro a não perder!

À Ana, que anunciou um novo livro para breve, assim como aos outros amigos um abraço fraterno, ela que de uma forma única soube/sabe fotografar a Alma do Cante, a Alma do Alentejo e dos Alentejanos.

O programa continuou no Sábado, dia 26, ainda no Auditório António Rodrigues Anastácio.

Iniciou-se com a apresentação da Comissão de Honra, seguindo-se o lançamento da 44 edição da Revista *Memória Alentejana*. Na sessão usaram da palavra o director da publicação e ainda o editor José Alex Gandum, enquanto da parte do Município intervieram Pedro Matias, presidente do Executivo e Fernando Jorge Fernandes, presidente da Assembleia de Freguesia.

Terminou com a projecção do filme de Sérgio Tréfaut, *Alentejo, Alentejo*, realizado no âmbito da candidatura do Cante a Património da Humanidade. Este trabalho cinematográfico foi apresentado por José Roque.

Domingo, dia 27, dia exacto em que passou os oito anos em que o Cante que foi considerado Património-

nio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, "Almada homenageia o Cante" finalizou estes três dias de comemorações.

Na Oficina de Cultura, em Almada, perante uma sala cheia com mais de 100 pessoas, onde o nº de cadeiras teve que ser reforçado, iniciámos as intervenções em representação do CEDA- Centro de Estudos Documentais do Alentejo- Memória Colectiva e Cidadania, seguindo-se Paulo Esteves, da UFACPPC – União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas - e o presidente da JFCCS – Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda - Pedro Matias – que marcou presença todos os dias das comemorações e mostrou de novo o seu empenho e o da sua Autarquia.

E um abraço especial também à Amiga Alda Fidalgo, Vogal da Cultura



Foto: José Alex Gandum

do Executivo da JFCCS, e Equipa, pelo seu empenho permanente, nossa interlocutora sempre disponível neste 8º Aniversário do Cante PCIH e não só.

Seguiram-se as actuações dos grupos corais do concelho de Almada:

Grupo Coral Alentejano Recordar a Mocidade - do CIRL; Grupo Coral Etnográfico Amigos do Alentejo

do Feijó e Cantadeiras de Essência Alentejana, que juntamente entoaram uma moda e cantaram os parabéns ao Cante.

Finalizou com a projecção de belo filme *Florabela*, de Vicente Alves do Ó.

Viva o Cante!
Viva o Alentejo!

Eduardo M. Raposo

LANÇAMENTO DO CD "ALENTEJO ENSEMBLE"

Rancho de Cantadores de Paris



O CEDA e a JFCCS promovem o Lançamento do CD "Alentejo ensemble", associando-se assim à digressão que o grupo internacional de Cante, Rancho de Cantadores de Paris, está a realizar em território nacional.

Foi no dia 29 de Outubro 2022, no Auditório António Rodrigues Anastácio - Freguesia de Charneca de Caparica.



Fotos: JFCCS

A sessão onde actuou o Rancho de Cantadores de Paris depois da apresentação do CD pelo responsável do Grupo, Carlos Balbino, que assumiu a direcção musical do CA, contou ainda com as Cantadeiras de Essência Alentejana e com o Grupo Coral Alentejano Recordar a Mocidade do CIRL. A sessão terminou com um fraterno convívio de Cante e enogastronomia.

O disco mereceu destaque na edição anterior da *Memória Alentejana*.

ALMADA - 50 ANOS DE CIDADE (1973-2023)



Fotos: JFCCS

O CEDA assinalou os 50 anos da elevação de Almada a cidade no dia 17 de Junho com um Colóquio onde estiveram presentes ilustres almadenses: o historiador Alexandre Flores; o Presidente da Assembleia Municipal de Almada, José Joaquim Leitão; e o Médico Pediatra, João Sequeira, todos eles com muitas décadas de trabalho dedicadas à comunidade almadense. O evento decorreu no Auditório António Rodrigues Anastácio, na Charneca de Caparica, e foi moderada por Eduardo M. Raposo, Presidente do CEDA.

Na altura recordou-se a elevação de Almada a cidade, no dia 21 de Junho de 1973, quando o distrito de Setúbal tinha apenas uma cidade, a sede de distrito, Setúbal.

Almada teve um assinalável crescimento populacional e industrial, para o que contribuiu decididamente a Ponte 25 de Abril (inaugurada em 1966), foram motivos mais que decisivos para que Almada subisse a cidade ainda durante o Estado Novo. No Colóquio foi referido que Almada cresceu exponencialmente ao longo de todo o século XX, princípio do XXI, passando de 15.769 habitantes em 1900 para 177.268

em 2021 (último censos). É hoje um concelho multicultural albergando indivíduos de 122 nacionalidades. Contudo, destaque para a região que mais imigrantes forneceu a Almada: o Alentejo, sendo que muitos dos almadenses de hoje são alentejanos de segunda e terceira gerações (hoje mais de 50 mil cidadãos).

“Foi, de facto, um momento alto, neste contributo que o CEDA, em parceria com a JFCCS - como aqui aconteceu, mais uma vez - tem vindo a dar ao aprofundamento da democracia, pois, de facto, tratou-se com um momento muito rico no exercício efectivo da cidadania, da democracia que Abril de 74 nos veio possibilitar:

Um Médico, um Historiador e um Político, três figuras de Almadenses de excelência, de Portugueses com P grande que, para além de toda a sua sapiência e entrega à comunidade ao longo de muitas décadas - no caso do médico quase seis décadas, mas no caso dos outros oradores muito próximo das cinco décadas - realçou o espírito democrático, tolerante e fraterno, sejam eles adversários político-partidários da actualidade, da igreja, ou até do antigo regime, no reconhecimento



Foto: Arquivo Histórico de Almada

dos diversos contributo para Almada e para a sua população ao longo deste meio século.”

Tendo sido um concelho bastante industrializado no passado, Almada hoje aposta essencialmente no turismo, no comércio, na cultura e no ensino.

O Colóquio 'Almada - 50 anos de Cidade' foi uma organização do CEDA em parceria com a Junta de Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda (JFCCS).

José Alex Gandum

PS 50 ANOS DEPOIS

Democracia Socialista ou Socialismo Democrático?



O Partido Socialista (PS) fez 50 anos no dia 19 de Abril de 2023. Para assinalar a data, o CEDA promoveu um Colóquio, que se realizou no dia 6 de Maio de 2023 no Auditório António Rodrigues Anastácio, na Charneca de Caparica. O Colóquio contou com a presença de Alberto Arons de Carvalho, fundador do PS; Daniel Adrião, Membro da Comissão Política Nacional do PS; e Maria Helena Carvalho dos Santos, Deputada à Assembleia Constituinte. A moderação do debate esteve a cargo de Eduardo M. Raposo, Presidente do CEDA.

O Partido Socialista nasceu na Alemanha, na cidade de Bad Münstereifel, onde militantes da então Acção Socialista Portuguesa (ASP) idos de Portugal e de diversos núcleos no estrangeiro, reunidos em Congresso, aprovaram a transformação da ASP em Partido Socialista. Foram fundadores do PS, entre

outros, Mário Soares, Maria Barroso, José Neves, António Arnaut ou o próprio Arons de Carvalho, presente no Colóquio.

O PS tem sido, em especial desde o 25 de Abril de 1974, um dos principais Partidos Políticos portugueses, com muitos anos de governação e com dois Presidentes da República, Mário Soares e Jorge Sampaio.

O PS lidera o Governo da República Portuguesa desde 2015, tendo alcançado maioria absoluta nas últimas eleições legislativas.

O Colóquio 'PS 50 anos depois - Democracia Socialista ou Socialismo Democrático?' foi uma organização do CEDA em parceria com a Junta de Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda (JFCCS).

da Charneca de Caparica e Sobreda (JFCCS).

Eduardo M. Raposo

JORNAIS TRANSTAGANOS IMPRESA DE ALÉM TEJO

Paço dos Henriques, Alcáçovas (Viana do Alentejo)



A exposição jornais Transtaganos – imprensa de Além Tejo reúne a memória e uma mostra do conhecimento dos jornalistas e editores que ao longo dos anos dedicaram a sua vida ao jornalismo e ao papel dos seus jornais no desenvolvimento local e regional.

Esta exposição estará patente no Paço dos Henriques, em Alcáçovas, Viana do Alentejo, de 3 de maio a 30 de dezembro 2023.

A exposição procura lançar caminhos de investigação, no âmbito de programas avançados na Universidade de Évora, para estudos mais aprofundados que permitam melhor compreender a região e organizar contributos que possam ser o ponto de partida de uma História do Alentejo e das suas gentes.

Entre estas linhas de investigação estão os jornais manuscritos, a rela-

ção de Eça de Queiroz com os seus leitores, as redes de bibliotecas e tipografias, em que se inclui a Casa do Alentejo em Lisboa que este ano comemora 100 anos, e o papel nacional e internacional da designação Transtagano que alguns jornais escolheram para o seu título, mas que poetas como Curvo Semedo (Montemos o Novo, 1766/1838) usaram como nome arcadiano.

O desafio que lhe lançamos é o de descobrir razão pela qual, em 1905, se lançaram mais jornais no Alentejo do que em qualquer outro ano, desde meados do século XIX e até aos nossos dias.

Conhecer, celebrar e recordar os Jornais da Imprensa de Além Tejo é uma forma de viver a forte identidade cultural que define a região, reconhecida através da Capital Europeia da Cultura 2027.



O CEDA e o MA estiveram presentes com três dirigentes: Eduardo M. Raposo, José Alex Gandum e José Moutela.

José Alex Gandum

A photograph of a stone archway in Beja, Portugal. The arch is made of large, rectangular stone blocks and is set against a clear blue sky. In the background, a stone castle with crenellated towers is visible, surrounded by lush green trees and a well-maintained lawn. A paved road with a low stone wall runs in the foreground. The text "Beja... E O CANTE" is overlaid in white, bold, sans-serif font.

Beja... E O CANTE

PAULO ARSÉNIO

Presidente da Câmara Municipal de Beja

Fotos Município de Beja



“Beja é uma cidade tranquila com muita qualidade de vida”

Conheci o Paulo Arsénio num anfiteatro da FCSH/UNL no final dos anos 80 do século passado. Apesar de ter outras cadeiras de História de Arte, então Variante, ao contrário do Paulo, e de eu ser uns anitos mais velho – Estudante-trabalhador, já casado e com uma filha que nasceu nessa altura – desde logo se estabeleceu uma ligação fraterna entre alentejanos. Recordo um fim de semana memorável – três dias - de uma tradicional visita aos castelos transtaganos, dirigida pelo Prof. José Mattoso – recentemente desaparecido - onde, na segunda noite ficámos umas horas retidos em Barrancos depois de um magnífico jantar de grão, fraternalmente oferecido pelo então jovem autarca, António Tereno, também ele antigo aluno do Prof. Mattoso, que “desmoemos” com uma visita nocturna pedonal ao património construído de Beja.

O Paulo teve uma breve passagem pelo Parlamento. Acontece que no dia em que iniciou funções fui à AR entrevistar Manuel Alegre para a minha tese de Mestrado... e encontrei o Paulo. Foi uma festa! Entretanto criámos em Almada a Cooperativa Origens, de que o Paulo foi um dos

cooperantes, e uma das iniciativas, para assinalar os 25 anos do 25 de Abril de 1974, recordo-me de estar a moderar um debate entre o general Vasco Gonçalves e o tenente coronel Otelo Saraiva de Carvalho - o Coronel Vasco Lourenço faltou - e vejo o Paulo sentar-se na plateia, vindo directamente do Parlamento.

Já nessa altura o Paulo tinha apetência pelo Poder Local... Paulo Jorge Lúcio Arsénio - Paulo, para os amigos - Presidente da Câmara Municipal de Beja

Memória Alentejana - Beja, a (nossa) cidade, bem no centro da planície, com o seu castelo altaneiro e a maior torre de menagem de Portugal. Presidente, se lhe pedisse, como apresentaria Beja em poucas palavras.

Paulo Arsénio - Beja é uma cidade tranquila no sul do Alentejo, com muita qualidade de vida e rodeada de uma paisagem entre o tradicional campo alentejano e as novas culturas que cresceram com o Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva. Um concelho com alguns dos melhores turismos rurais do mundo e que tem aumentado exponencialmente as suas exportações. Um concelho com atividades culturais diferenciadas a Sul com uma Biblioteca Municipal e um Cineteatro, ambos referências nacionais nas respetivas áreas de intervenção cultural.

Está exactamente há um mandato e meio à frente dos destinos deste município. Quer fazer-nos um balanço do trabalho realizado, de projectos em curso e/ou futuros?

Mantemos o lema que nos conduziu até ao Município em outubro de 2017: "Recuperar, valorizar e promover" o concelho de Beja. Dentro dessa lógica de obras ou terminadas ou a decorrer ou ainda a lançar e que farão a diferença na qualidade de vida do concelho, destaque - entre outras - para a recuperação do Complexo Desportivo Fernando Mamede, da Piscina Municipal Descoberta, para a criação do Parque de 5 Réis, criação de percursos acessíveis no centro histórico de Beja, instalação de sinalética turística na cidade, construção do novo edifício do CEBAL, remoção das coberturas de amianto das escolas do concelho de Beja, reabilitação de espaços públicos na cidade e nalgumas freguesias, criação de bolsas de estudo para alunos do concelho que frequentem o ensino superior (não existentes anteriormente), intervenções nas escolas e nos pavilhões gimnodesportivos ao nível da substituição total da iluminação dos espaços, pintura de escolas e de pavilhões gimnodesportivos municipais, aquisição de perto de quatro dezenas de

novas viaturas para a frota municipal, redução do preço e/ou oferta de passes de transportes públicos a todos os estudantes da área do concelho de Beja nas carreiras intermunicipais e nas carreiras urbanas, redução dos impostos sobre património imobiliário (IMI) e lucros das empresas (IRC), reabilitação da zona de acolhimento empresarial norte, colocação de experiências interativas no castelo, recuperação das casas de cultura e do Museu Regional Rainha Dona Leonor de Beja, colocação da primeira empresa a operar no aeroporto de Beja (na área da manutenção aeronáutica) com a criação dos primeiros 100 postos de trabalho na região, a projeção da reabilitação do estádio municipal Flávio dos Santos em parceria com a Federação Portuguesa de Futebol... Estas são algumas das obras e medidas de outras características que vieram do passado recente e se enquadram no lema que temos e que prosseguimos e que consiste, sobretudo, em recuperar património em mau estado, mais do que ter a ambição de ter e de construir novo.

A Ovibeja, que entre 30 de abril e 5 de maio de 2024 realizará a sua 40ª edição, tem como lema "todo o Alentejo deste mundo". Gostariamos de desafiar-lo a caracterizar-nos a maior feira do Sul e uma das mais importantes a nível nacional, no contexto da economia da região, nomeadamente na área económica, em crescimento, entre elas a agroalimentar.

É a grande Feira do Sul. A de maior expressão local e que mais visitantes - institucionais e particulares - traz anualmente a Beja. Coloca em destaque os setores agropecuários - que esteve na origem da Feira - e da agricultura, destacando sobretudo as novas oportunidades que vieram com Alqueva. Para além da agricultura a Ovibeja acaba por mostrar ao longo de 5 dias o melhor que se faz e se produz na região dando a conhecer no que designamos por "Todo o Alentejo deste Mundo". Do ponto de vista social, económico, noticioso e político até, a Ovibeja projeta o Baixo-Alentejo como nenhum outro evento. E a 40.ª edição não fugirá certamente à regra.

O Cante é, porventura o mais congregador traço identitário de todo o Alentejo. É-o, sem sombra de dúvida do Baixo Alentejo, onde a sua existência é a marca identitária mais visível e completa da região, quase como o ar que se respira e a terra mátria que firma a grande religiosidade ancestral e "pagã" do homem e da mulher da planície. Beja tem actualmente 16 grupos corais activos, sendo o maior concelho, pelo menos quantitativamente, se compararmos com Serpa - onde existem 11 grupos activos - que reclama a centralidade pois dinamizou a candidatura que a 27 de Novembro a UNESCO reconheceu o nosso Cante como Património da Humanidade, e tem o Museu do Cante, ou na Cuba, que se auto-intitula catedral do Cante e tem seis grupos activos. Fale-nos da actual situação do Cante em Beja e nomeadamente os objectivos, actuação e projectos do Centro para a Salvaguarda do Património Imaterial, que depende do Município de Beja.

O Cante em Beja está ativo e tem vindo a recuperar depois de um período pandémico complexo e que desativou grande parte dos grupos. Em Beja existem grupos masculinos, femininos, mistos e de crianças, consoante as possibilidades que existem em cada freguesia. No Centro Unesco realizam-se ensaios assistidos dos diferentes grupos do Concelho de Beja, abertos à população (municípios e visitantes). Temos ao longo do mês de maio desfiles ao longo de 4 semanas pelo centro da cidade, envolvendo todos os grupos no ativo em cada ano, bem como na Feira anual de outubro, "Patrimónios do Sul" onde em sistema rotativo procuramos trazer todos os grupos do concelho, de 2 em 2 anos. Apoiamos ainda os grupos com uma verba anual de apoio regular e pagamos, naturalmente, as atuações para as quais convidamos os grupos. O Centro Unesco não se esgota no cante, note-se. Também outras formas artísticas encontram aí o seu espaço.

A BIBLIOTECA TEM UMA PROGRAMAÇÃO VASTA E DIVERSIFICADA

Beja tem uma biblioteca municipal que é única no país. O actual edifício foi inaugurado em Abril de 1993, como projecto piloto e referência nacional, por vários aspectos, entre eles: o de em Novembro de 1998 ser a primeira biblioteca em Portugal a adoptar o nome do Prémio Nobel da Literatura 1998 – Biblioteca Municipal de Beja / José Saramago; é a que, provavelmente, a nível nacional tem um horário mais alargado, realizando um conjunto de eventos de grande qualidade – onde já tivemos o prazer de participar em diversas ocasiões.

Certamente a tal não é alheio a excelência dos seus dirigentes e falo de Joaquim Mestre, já desaparecido e da actual Bibliotecária, Maria Paula Santos, amiga e antiga presidente da Associação dos Técnicos de BAD. Quer falar-nos um pouco da programação da biblioteca no contexto da cidade, nomeadamente a Feira do Livro e outros eventos?

A Biblioteca tem um horário alargado até às 22.00 horas e está aberta à hora de almoço, algo que não sucedia até há pouco tempo, altura em que fechava por 2 horas diariamente nesse período.

Temos vindo a revitalizá-la em termos de melhoramento dos espaços (iluminação, espaço de jardim interior, espaço infantil, etc.). Mensalmente a Biblioteca tem uma programação vasta e diversificada, constituindo-se como um pólo central da vida cultural do município. A Biblioteca tem página de facebook autónoma, com gestão feita pela própria Biblioteca e que aí divulga as suas atividades regulares e é parte essencial na organização que acontece de 2 em 2 anos das "Palavras Andarilhas" - o grande festival nacional da narrativa oral -, e da "Feira do Livro" que retomámos há 2 anos atrás e que há mais de duas décadas que não se realizava em Beja, o que era incompreensível. Mais



Convento da Conceição - Museu Regional

do que um simples edifício que disponibiliza livros e documentos, em Beja a Biblioteca é um centro cultural da maior importância e relevo.

Beja tem uma actividade cultural muito intensa, desde a programação do Pax Julia, o Festival de BD de Beja, dirigido por Paulo Monteiro, muito conceituado com participações internacionais. E o Festival B, lançado há alguns anos na BTL, com direcção artística do Paulo Ribeiro teve, penso duas edições, é para continuar?

O Festival B não teve continuidade depois da pandemia. Terá sido porventura um dos maiores acontecimentos culturais do concelho dos últimos anos, devido às fusões de estilos musicais e ao facto do património histórico ter combinado com o evento com palcos espalhados junto de vários ícones edificadas do centro histórico. Para já não está previsto que possa ressurgir por motivos a que o Município é alheio. Mantemos um Festival Internacional de Banda Desenhada de renome nacional e mesmo internacional e apostamos muito no Pax-júlia como uma das melhores e mais ecléticas salas de espetáculos do país que o é e sem qualquer espaço de favor ou de vaidade. Os artistas procuram a CM para aqui poderem atuar. De facto, culturalmente

temos um conjunto de equipamentos dos quais nos podemos e devemos orgulhar. E refiro-me quer aos equipamentos, quer à programação que preparamos para cada um desses espaços.

Na área da Educação, o Instituto Politécnico de Beja é uma referência na cidade e na região. Até que ponto o IPBeja pode ser um pólo fundamental para atrair jovens com formação académica, nomeadamente dos PALOPs e de outros países e como é que esse aspecto se pode revelar de relevo na vontade de mitigar e até inverter a perda de população na região e ser um suporte na revitalização da economia da regional?

Em territórios de baixa densidade, todas as instituições são importantes para poderem reter população e desenvolver futuramente o território. Naturalmente que o IP Beja, como instituição de ensino superior da região por excelência, é absolutamente preponderante. O Município e o IP Beja têm uma relação de grande proximidade no sentido de se criarem cada vez melhores condições para o estabelecimento de estudantes em Beja, sabendo-se que o fator alojamento é hoje em dia muito importante - a par das ofertas de cursos, naturalmente - para a escolha do local pelo qual se opta para estudar.



EXISTEM PROJETOS EM CURSO PARA A EXPANSÃO DA REDE FERROVIÁRIA ATÉ AO PORTO DE SINES

Em declarações à LUSA, em finais de Abril passado, dizia: “Temos que continuar a insistir para que a rede ferroviária de Beja chegue ao porto de águas profundas de Sines para potenciar o negócio da carga e que haja também uma ligação, através de Ourique/Funcheira, ao Algarve, no imediato”.

Realçou ainda como presidente do município que “está prevista no Plano Ferroviário Nacional uma linha ferroviária direta entre Beja e Faro para que o aeroporto alentejano possa crescer substancialmente em termos de passageiros”.

Passados alguns meses qual é o ponto de situação? Quais são as expectativas tendo presente a pertinência da concretização destes projectos estruturais para a sustentabilidade do nosso Alentejo e o reforço da coesão social interior versus litoral?

Atualmente, o ponto de situação é o seguinte: existem projetos em curso para a expansão da rede ferroviária até ao porto de Sines, incluindo a possibilidade de utilizar a linha já existente entre Beja e Funcheira. No que diz respeito à ligação entre Ourique/Funcheira e o Algarve, ainda não existem desenvolvimentos concretos. No entanto, a inclusão desta ligação no Plano Ferroviário Nacional indica que é uma prioridade a médio/longo prazo.

As expectativas em relação a estes projetos são variadas. A concretização destas ligações

ferroviárias seria fundamental para impulsionar o negócio da carga em Sines, bem como para melhorar a ligação entre o Alentejo e o Algarve. Além disso, estas infraestruturas contribuiriam para o reforço da coesão social entre o interior e o litoral, ao facilitar o acesso a serviços e oportunidades para as populações locais.

No entanto, é importante ter em conta que a concretização destes projetos envolve investimentos consideráveis e a sua implementação pode demorar vários anos. É necessário o envolvimento e coordenação de várias entidades, incluindo o município de Beja, o governo central e as empresas responsáveis pela rede ferroviária.

Como vê a cultura intensiva e super-intensiva, nomeadamente do olival nas proximidades da cidade de Beja e que consequências futuras daí podem advir para o solo destas terras de barro, consideradas das mais ricas da Europa?

Importa referir que a expansão verificada na região de Beja da cultura intensiva e super-intensiva verificou-se há já alguns anos com o desenvolvimento e a implementação do EFMA – Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva – e

tem sido um dos fatores importantes para o aumento da produção de azeite e para o peso que hoje a região detém a nível de exportações.

Os organismos e associações estatais e regionais que acompanham e monitorizam este tipo de produção, a cultura intensiva do olival, acompanham e superintendem o planeamento previsto para este tipo de culturas, de forma a preservar a sustentabilidade dos solos e deste bem essencial, mas escasso, que é a água.

Não tendo o Alqueva concretizado as expectativas democratizadoras da terra que era expectável, com a posse da terra concentrada em grupos e empresários estrangeiros, com proventos pouco significativos para o Alentejo e para o país, antes aproveitando a “mão de obra barata” sazonal de migrantes, nomeadamente asiáticos, dependentes de redes clandestinas, que são abandonados em condições indignas, como vê e/ou acompanha a CMB estas questões de pendor económico e de desrespeito pelos mais elementares direitos humanos?

A CMB (Câmara Municipal de Beja) tem acompanhado e analisado de perto as questões de pendor económico e de desrespeito pelos direitos humanos relacionadas com a posse da terra e a mão de obra sazonal em Alqueva. No que diz respeito à mão de obra sazonal de migrantes, nomeadamente asiáticos, sabemos que existem situações de abuso e exploração, onde os trabalhadores são submetidos a condições de trabalho indignas e são deixados em situações precárias. Consideramos que é fundamental respeitar e garantir os direitos humanos desses trabalhadores, como condições de trabalho justas, remuneração adequada, acesso à saúde e segurança no local de trabalho.

A CMB tem vindo a desenvolver ações e parcerias com organizações e entidades locais, regionais e nacionais para combater este tipo de abusos e garantir a defesa dos direitos humanos dos trabalhadores migrantes. Estamos



Castelo de Beja

empenhados em promover iniciativas de sensibilização, fiscalização e intervenção para combater a exploração laboral e buscar soluções mais justas e equitativas para todos os envolvidos.

Além disso, promovemos o diálogo com os diversos atores envolvidos, incluindo empresários e grupos estrangeiros, para alertar para a importância de uma abordagem sustentável e responsável na gestão da terra e na contratação de mão de obra.

Neste sentido, implementamos políticas e medidas que visam a promoção do desenvolvimento local, a diversificação económica, a proteção dos direitos laborais e o combate à exploração e ao trabalho precário. Estamos conscientes de que ainda há muito a ser feito, e continuaremos a acompanhar de perto estas questões e a trabalhar para mitigar os impactos negativos e promover a justiça social e o respeito pelos direitos humanos em Alqueva.

Importa ainda referir o empenho das associações do concelho que têm desenvolvido um trabalho fundamental, em parceria com a autarquia e as entidades responsáveis, na tentativa de dar a melhor resposta a algumas situações mais críticas que se verificaram nestes últimos tempos.

Com o previsto – e já em curso – aquecimento global do planeta, acelerado devido à ação humana, que medidas estão previstas para atenuar ou enfrentar a desertificação não apenas humana mas também física do território devido às previsíveis alterações climáticas?

O Alentejo, como região no sul de Portugal, está sujeito à desertificação, principalmente devido ao clima seco e à escassez de água. Com o previsto aquecimento global e as alterações climáticas em curso, espera-se um agravamento desses problemas. No entanto, várias medidas estão sendo planeadas e implementadas para atenuar ou enfrentar a desertificação no Alentejo:

Gestão sustentável dos recursos hídricos: serão implementadas medidas para conservar e melhorar a eficiência do uso da água, como sistemas de rega inteligentes, recuperação de águas pluviais e reutilização de águas residuais tratadas.

Combate à erosão do solo: serão adotadas práticas agrícolas sustentáveis, como a promoção da agricultura de conservação e do pastoreio adequado, para prevenir a degradação do solo e a erosão.

Reflorestação: serão realizados projetos de reflorestação, com o plantio de árvores autóctones e resistentes à seca, para mitigar a desertificação e melhorar a agricultura e a biodiversidade.

Diversificação das atividades económicas: serão promovidas atividades económicas mais sustentáveis e diversificadas, como o turismo rural, a agricultura biológica, a energia renovável e o uso consciente dos recursos naturais, reduzindo a dependência da agricultura intensiva e da pecuária.

Sensibilização e educação ambiental: serão realizadas campanhas de sensibilização e educação ambiental para a população e para os agricultores, a fim de promover práticas sustentáveis e a conservação dos recursos naturais.

É importante notar que as medidas acima referidas são apenas algumas das estratégias previstas para atenuar ou enfrentar a desertificação no Alentejo. A implementação de tais medidas dependerá de políticas governamentais, da vontade e cooperação da comunidade local, do apoio financeiro e de um planeamento adequado para garantir um futuro sustentável para a região.

A posição da CM de Beja deve ser sempre a de parceira empenhada na



Convento - Atual Pousada de S. Francisco

procura das melhores soluções de sustentabilidade para a nossa região.

OS VINHOS DE BEJA POSICIONAM-SE COMO OPÇÃO INTERESSANTE DENTRO DO PANORAMA VITIVINÍCOLA DO ALENTEJO

Na última BTL assistimos a uma sessão sobre os vinhos de Beja, comentada pelo amigo comum Manuel Baiôa. Como é que os vinhos de Beja se posicionam com vizinhos com o nível do Vinho da Talha da Vidigueira e da Cuba, os de Serpa, de Moura ou até de Ervidel e outros? Que comentário lhe oferece fazer?

Os vinhos de Beja possuem uma característica única que os diferencia de seus vizinhos. Embora todos esses vinhos sejam produzidos na região do Alentejo, cada um deles tem suas particularidades e características distintas.

O Vinho da Talha da Vidigueira e da Cuba é muito apreciado pela sua tradição histórica de produção em talhas de barro, resultando em um vinho encorpado e com aromas intensos. Já os vinhos de Serpa têm uma forte influência das condições climáticas e solos específicos da região, o que lhes confere uma elegância e frescor únicos.

Os vinhos de Moura têm uma reputação consolidada, especialmente os tintos, que são conhecidos por sua estrutura e intensidade de sabores. Por fim, os vinhos de Ervidel, embora menos conhe-

cidos, têm sido reconhecidos por sua qualidade crescente e pela experimentação de técnicas de vinificação mais modernas.

No entanto, é importante destacar que a qualidade dos vinhos não é uma questão de competição ou comparação direta entre eles. Cada um desses vinhos possui seu próprio perfil sensorial e estilo, e a escolha entre eles dependerá dos gostos pessoais de cada apreciador de vinho.

Em conclusão, os vinhos de Beja posicionam-se como uma opção interessante dentro do panorama vitivinícola do Alentejo, ao lado de seus vizinhos renomados. Cada um desses vinhos tem sua própria identidade e vale a pena ser explorado por quem busca uma experiência enológica diversificada.

A promoção e o destaque que proporcionamos em diversos eventos, Vinipax por exemplo, procuram sempre mostrar o melhor dos nossos vinhos, a complementaridade e riqueza sempre presentes nos variadíssimos produtos da nossa região.

Qual a situação do património construído na cidade e no concelho? Sabendo que a gestão da Villa Romana de Pisões é feita pela Universidade de Évora e que a do Museu Rainha Dona Leonor é pela DRCA, qual o grau de “margem de manobra” do município e o relacionamento institucional nestes dois importantes exemplos identitários de Beja?

O património construído na cidade e no concelho de Beja é bastante rico e diversificado. Além da Villa Romana de Pisões e do Museu Rainha Dona Leonor, há muitos outros edifícios e monumentos históricos na região, como o Castelo de Beja, a Igreja de Santa Maria da Feira, a Torre de Menagem, entre outros.

No caso da gestão da Villa Romana de Pisões, esta é feita pela Universidade de Évora. Isso significa que a universidade é responsável pela conservação, manutenção, pesquisa e divulgação deste sítio arqueológico. Porém, existe algum nível de colaboração e coordenação entre a universidade e o município de Beja, especialmente no que diz respeito a questões de promoção turística e desenvolvimento cultural da região.

Já o Museu Rainha Dona Leonor, atualmente em obras importantes de remodelação e conservação, é gerido pela Direção Regional de Cultura do Alentejo (DRCA), que está subordinada ao Ministério da Cultura de Portugal, mas verificando-se uma forte colaboração entre a DRCA e a Câmara Municipal de Beja para a preservação e promoção deste importante museu da região.

Em relação à “margem de manobra” do município de Beja, isso pode depender de vários fatores, como acordos de cooperação estabelecidos entre as instituições envolvidas, disponibilidade de recursos financeiros e humanos, entre outros. Em casos como este, é comum que haja uma colaboração estreita entre várias entidades e uma divisão de responsabilidades para uma gestão eficiente e sustentável do património construído.

E as artes plásticas e outros equipamentos municipais. O que gostaria de destacar?

Existem vários espaços dedicados às artes plásticas, destacando apenas alguns não posso deixar de referir o museu Jorge Vieira/Casa das Artes e o Centro de Arqueologia e Artes e o Centro Unesco, equipamentos municipais importantíssimos na divulgação e promoção das artes plásticas

É importante destacar que todos esses equipamentos municipais desempenham um papel fundamental no fomento das artes plásticas e no enrique-

cimento cultural da cidade. Eles oferecem oportunidades para os artistas locais mostrarem seu talento, além de educar e inspirar o público em geral. Portanto, é essencial apoiar e valorizar esses espaços e programas, para que possamos desfrutar de uma sociedade mais criativa e culturalmente diversa.

Como vê a anunciada extinção das DRC e no nosso caso na DRCAlestejo com a passagem das suas competências para uma entidade de índole mais generalista como é a CCDR e a tutela passando da Cultura para a Coesão Territorial? Está preocupado com este processo que incide sobretudo na Cultura e na Agricultura? Que implicações poderá trazer para a nossa região?

A extinção das DRC (Direções Regionais de Cultura) e a transferência de suas competências para uma entidade mais generalista, como a CCDR (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional), e a mudança da tutela da Cultura para a Coesão Territorial podem ter implicações significativas para a região do Alentejo.

A transferência de competências da Cultura para a Coesão Territorial pode levar a uma menor ênfase na promoção e preservação do património cultural e histórico da região. Além disso, a CCDR pode não ter a especialização necessária para lidar especificamente com questões culturais, o que pode levar a uma diminuição na eficácia e eficiência das políticas culturais.

No que diz respeito à Agricultura, é importante mencionar que a DRCAlestejo não lida diretamente com essa área, então a transferência de competências da DRC para a CCDR não deve ter um impacto direto sobre a Agricultura na região. No entanto, pode haver implicações indiretas relacionadas à coesão territorial e ao desenvolvimento regional, que podem afetar o setor agrícola.

Em suma, a extinção das DRC e a transferência de competências para a CCDR e mudança de tutela da Cultura para a Coesão Territorial podem ter implicações na região do Alentejo, especialmente no que diz respeito à promo-



Praia Fluvial de Cinco Reis

ção e preservação do património cultural e histórico da região. No entanto, é importante acompanhar de perto os desenvolvimentos e avaliar o impacto real dessas mudanças.

UNIDOS PARA CONSTRUIR UM ALENTEJO PRÓSPERO E SUSTENTÁVEL

O CEDA – Centro de Estudos Documentais do Alentejo-Memória Colectiva e Cidadania foi apresentado publicamente na Casa do Alentejo a 4 de Outubro de 2000, enquanto a Revista iniciava publicação na mesma altura. Como vê o papel desenvolvido pelo CEDA e pela Memória Alentejana em prol da valorização identitária do nosso Alentejo?

O CEDA e a Memória Alentejana desempenham um papel crucial na valorização identitária do Alentejo. O CEDA, como centro de estudos documentais, tem como objetivo recolher, preservar e divulgar a memória coletiva do Alentejo, através da recolha de documentos, testemunhos e histórias que representam a identidade desta região.

Através da sua pesquisa e recolha de materiais, o CEDA contribui para o enriquecimento do conhecimento sobre a história e cultura alentejana, promovendo uma maior valorização e reconhecimento do património imaterial dessa região. Além disso, ao disponibilizar essas informações ao público, o CEDA também incentiva a investigação, o

estudo e a divulgação da história e cultura do Alentejo.

A Revista Memória Alentejana, por sua vez, complementa o trabalho do CEDA ao publicar artigos e estudos que abordam diferentes temáticas relacionadas com a região. Através da sua publicação, a revista contribui para a disseminação do conhecimento sobre o Alentejo, permitindo que mais pessoas tenham acesso a informações relevantes sobre a história, cultura, tradições e identidade desta região.

Ambos, o CEDA e a Memória Alentejana desempenham um papel crucial na valorização identitária do Alentejo, ao preservarem e difundirem o património cultural e histórico da região. Ao fazê-lo, ajudam a fortalecer a consciência coletiva sobre a importância e riqueza do Alentejo, contribuindo para a sua preservação e para uma maior valorização da identidade alentejana.

Para os bejenses, para os alentejanos em geral e para todos os nossos leitores: um lema para o futuro?

Para os bejenses estamos trabalhando arduamente para que Beja seja cada vez mais o “Centro do Sul”, em relação ao Alentejo acredito que o lema: “Unidos para construir um Alentejo próspero e sustentável”, é um excelente desafio para todos.

Entrevista conduzida por Eduardo M. Raposo com José Alex Gandum

Grupo Coral Masculino de Mombeja



O Grupo Coral Masculino de Mombeja foi fundado em fevereiro de 2018.

Em Mombeja sempre houve a tradição do cante, nos trabalhos agrícolas, Igreja, adegas e tabernas.

Destas manifestações espontâneas perpetuadas por pequenos grupos, surgiu a necessidade de afirmar as suas raízes, formando um grupo coral, inicialmente só com elementos femininos, que com o passar dos anos e desistência de muitos elementos mais idosos, terminou a sua existência. Foi nesta altura que um grupo de homens de Mombeja, alguns já ligados ao cante decide formar o Grupo Coral de Mombeja só com elementos masculinos.

Somos cerca de dezasseis elementos, cantamos várias modas do cancionário Alentejano, mas na sua maioria o nosso grupo prima por cantar modas originais alusivas ao Alentejo, escritas pelo nosso ensaiador e de outros poetas populares da nossa terra,

O nosso logótipo é a fotografia do grupo tendo por fundo a nossa Igreja, cuja Padroeira é Santa Susana.

Rouxinóis do Alentejo



A Associação Grupo Juvenil Coral e Etnográfico Rouxinóis do Alentejo tem a sua sede no Centro UNESCO para Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, em Beja. Foi constituída em 2018 mas o grupo existe desde o ano 2000 quando foi representar Portugal num festival juvenil de música na Hungria. Dezenas de crianças passaram pelo grupo, participaram em diversas atuações pelo país fora e foram gravados trabalhos em CD

áudio e DVD, incluindo recriações etnográficas associadas aos valores patrimoniais locais, tais como as tarefas dos ciclos do Pão, do Vinho e do Azeite. Os objetivos são proporcionar aos nossos jovens uma aprendizagem efectiva do Cante, a par de uma consolidação e maior enraizamento e vínculo ao património cultural e imaterial da nossa região, contribuindo para fortalecer o sentido identitário e de pertença à comunidade.

Após o período pandémico foi contratado o Diretor Coral ensaiador Paulo Ribeiro que lidera o grupo coral, tendo como princípio cantar o Cante tal como ele foi reconhecido como património da humanidade, a vozes sem recurso a instrumentos musicais. O Grupo apresentou-se publicamente no dia 26 de novembro no Centro UNESCO em Beja, espetáculo integrado nas comemorações do 8º aniversário do reconhecimento do Cante Alentejano como Património Cultural da Humanidade. Desde então têm atuado em diversas festas e feiras regionais.

O grupo é formado por 23 crianças do concelho de Beja, com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos e com uma enorme motivação para levar o Cante, o Património Cultural e a região Alentejo, ao Mundo.

Cantadores do Desassossego

Os Cantadores do Desassossego devem o seu nome à Galeria do Desassossego, nome que havia popularizado a antiga Taberna do Alhinho, depois Casa de Cante de Beja, local se encontravam informalmente para partilhar o gosto pelo Cante. Ensaiaados nesses primeiros anos pelo mestre Francisco Torrão. Os Cantadores do Desassossego pugnam pela criação de um estilo próprio de cante, juntando as diferentes maneiras de cantar das margens direita e esquerda do Guadiana, estudando e recuperando o repertório tradicional da região de Beja sem, contudo, renegar experiências mais contemporâneas, como a participação no projecto Cantexto, no âmbito do festival Futurama. Surgidos nos inícios de 2015, percorremos os mais variados palcos de todo o país, contando no seu historial, também, actuações em Sevilha, em Budapeste e, muito recentemente, em Madrid. Presentemente ensaiados por José Diogo Bento, no palco, na rua ou na taberna, defendem o Cante como forma de expressão identitária das populações do Baixo Alentejo em todo o Alentejo deste Mundo.



Grupo Coral Feminino da Casa do Povo de Nossa Senhora das Neves

O Grupo Coral Feminino da Casa do Povo de Nossa Senhora das Neves teve início em 2004, nas comemorações do 25 de abril, quando um grupo de 6 senhoras se juntou, e cantando algumas modas alentejanas dos tempos do trabalho no campo, surgiu a ideia de formarem um grupo coral. Convidaram outras senhoras, começaram os ensaios nas instalações da Casa do Povo e fizeram a sua primeira apresentação em público, no dia 23 de agosto de 2004, nas Neves.



O grupo completa, este ano, o 19º aniversário e tem feito, em média, 20 atuações anuais, a convite de outros grupos corais, instituições e autarquias. Conta também com dois CD's editados, um em 2006 e outro em 2014. Atualmente é composto por 21 elementos dos 07 aos 82 anos

Grupo Coral de Baleizão



O grupo foi criado por um grupo de amigos com o gosto pelo cante alentejano e foi aumentando de elementos, sendo o seu primeiro encontro de grupos corais em 19/05/2002, com homenagem a Catarina Eufémia, realizando-se esse encontro, desde então, anualmente.

O Grupo Coral de Baleizão é composto por 18 elementos.

A nossa indumentária é composta por calças escura, camisa verde com riscas brancas, colete da

cor das calças; jaqueta preta; lenço vermelho; chapéu preto; cinta preta e botins de cabedal.

Participou no projecto “terras de abrigo” com a ronda dos quatro caminhos em 2004.

Gravou o 1º CD em 2005 com título *Oh! Baleizão, Baleizão...* e o 2º CD em 2016, com o título *Toma amor uma laranja*.

A convite da C.M. Beja representou o concelho nas festas de Caminha.

Participou em 2015 no evento de comemoração do cante alentejano como Património Cultural e Imaterial da Humanidade (PCIH) no Centro Cultural de Belém.

Tem vindo a representar o Cante alentejano de norte a sul, sejam as actuações a nível de encontros de grupos corais como em iniciativas com outras entidades.

Grupo de Cantadores de Nossa Senhora das Neves



O Grupo de Cantadores de Nossa Senhora das Neves foi fundado em setembro de 2019 e é constituído por 28 elementos, com idades compreendidas entre os 17 e os 75 anos.

A sua primeira atuação em público foi em setembro de 2021, sendo deste modo, o grupo mais jovem do conselho de Beja.

O Mestre Francisco Torrão é o ensaiador do grupo, tendo como lema a interpretação de modas tradicionais alentejanas.

Este grupo etnográfico esmera no rigor do trajar, procurando dar a conhecer não apenas o cante mas também a forma como, na época, os alentejanos vestiam nas diversas profissões.

Entre as muitas atuações pelo país, destacam-se os espetáculos no Cineteatro Pax Júlia onde atuaram com a Orquestra da Força Aérea e no encerramento das comemorações do 8º aniversário da elevação do Cante a Património Cultural e Imaterial da Humanidade, espetáculo organizado pelo grupo e onde participaram diversos convidados.

Grupo Coral Os Moços do Penedo Gordo

O Grupo Moços do Penedo Gordo, e composto por 15 jovens, com idades entre 17 e até aos 30.

Este grupo está com cinco anos de existência, ensaiando todas as sextas feiras.

Trata-se de um grupo jovem, que honra o Cante alentejano, respeitando o tradicional com u repertório baseado no cancionero.

O Grupo já esteve em vários eventos, inclusivamente num programa de televisão, na Casa do Alentejo e em outros eventos e inaugurações.



Searas ao Vento

Nascido em Maio de 2018 na Aldeia da Trindade, tomou a designação de Grupo Coral Misto Searas ao Vento da Aldeia da Trindade inspirada no livro "Seara de Vento" de Manuel da Fonseca, que narra um episódio ocorrido na nossa freguesia, no Cantinho da Ribeira, na década de 1930,

A sede do Grupo situa-se na antiga escola primária da aldeia, local onde ensaiamos por auto recriação, sob a direção dos elementos mais experientes.

O Grupo é composto por 17 elementos, 3 masculinos e 14 femininos, com idades compreendidas entre os 15 e os 84 anos, onde os mais velhos têm cumprido a função de transmitir os ensinamentos e valores do Cante alentejano. Maioritariamente naturais e residentes na freguesia da Trindade, à exceção de três membros, um elemento deles de nacionalidade brasileira, que se apaixonou pelo Cante alentejano e o interpreta na perfeição. Cantamos modas identitárias da nossa região e também temos no nosso repertório algumas modas criadas por nós, dedicadas à nossa terra.

Com participações nas festas tradicionais das Freguesias vizinhas, encontros de Grupos Corais, certames e feiras na nossa cidade de Beja, organizadas pela CM e Centro Unesco. Destaque para "Noites ao Fresco", "Beja Acontece" e "Patrimónios do Sul", mas também a participação em emissões do "Programa Património" da Radio Castrense e o no projeto transmitido pela RTP Memória, "Musica Portuguesa a Gostar dela Própria", da autoria de Tiago Pereira.

A divulgação do Cante e transmissão dos seus valores às novas gerações, proporcionar convívio aos membros do grupo são os nossos objectivos, num território em que os fundamentos do associativismo estão cada vez menos presentes.



Grupo Coral da Freguesia da Cabeça Gorda



O Grupo Coral da Freguesia de Cabeça Gorda, Concelho de Beja, foi fundado em 14 de abril de 1996.

Ao longo da sua existência, tendo por princípio e orientação os objectivos que se podem consubstanciar no seguinte:

- Como Agente cultural, ao nível local, tem procurado desempenhar um papel dinamizador e de promoção do bom-nome da sua terra, organizando anualmente a festa do tradicional Cante Alentejano (Encontro e desfile de Grupos

Corais). Concomitantemente junto da sua comunidade contribui para a criação do hábito de prática pelo gosto do Cante.

De forma a promover e valorizar o tradicional Cante Alentejano de inigualável arte e único no Mundo, de Norte a Sul do País, tem participado em vários acontecimentos sócio-culturais que pela sua dinamização são por excelência momentos de grande significado na promoção dos usos e costumes que a gente alentejana, através da sua forma de estar, identifica e singulariza a sua região.

O Grupo é composto por 16 elementos. Ensaiam todas as semanas às sextas feiras na sua sede, na Casa do Cante.

Tem como Presidente, João Araújo e orientador técnico, Francisco Horta.

Como traje, os cantores usam chapéu preto, camisa axadrezada de tom variados, lenço verde, colete e calças de várias tonalidades.

Cantadores de Beringel



O grupo foi formado por um grupo de amigos que por sua vez, espalharam a motivação de se cantar à alentejana na vila, ficando marcado assim o dia 7 de janeiro de 2015 o primeiro ensaio e formação do Grupo Coral Cantadores de Beringel. Esta associação nasce da aglutinação de algumas boas vontades e tem como principais objetivos a divulgação, valorização do Cante alentejano, dando desta forma a continuidade do mesmo como património imaterial da humanidade. Queremos assim dar a conti-

nuidade à vasta tradição do Cante na nossa vila de Beringel. O nosso grupo é constituído por cerca de 18 elementos, dos 17 aos 65 anos, sendo essencial preservar esta poética riqueza musical, para assegurar a sua transmissão às próximas gerações.

Rosinhas de Santa Clara de Louredo

O sonho de constituir um grupo coral em Santa Clara de Louredo - pequena aldeia rural a quatro quilómetros de Beja – foi concretizado quando uma “filha da terra”, aluna na Escola Superior de Educação de Beja (EPBeja) propôs à Junta de Freguesia de criação um grupo coral.

A 10 de Junho de 2010 – sempre com apoio da

Junta de Freguesia - o ensaiador era então o Paulo Colaço, fundador do Grupo Adiafa, o grupo fez a primeira actuação na aldeia, e depois na EPBeja, na presença de figuras da região e de alguns grupos corais.

Lançamos o primeiro CD em 12 de Novembro de 2016, *Boavista dos meus amores*.

Ensaíamos às terças e quintas na sala da creche da Junta de Freguesia.

O nosso grupo está legalizado como uma secção no Louredense Futebol Clube, como Grupo Coral Feminino 'As Rosinhas' de Santa Clara de Louredo. De entre o reportório destacam-se modas bem conhecidas do vasto cancionero alentejano e algumas com pequenas adaptações feitas pelo grupo, dedicados sobretudo a enaltecer as maravilhas do nosso Alentejo e especialmente da nossa terra.

Já participámos tradicionais - com modas de roda e de baile – e no genérico do programa “O povo que ainda canta”, RTP 2 e realizado pelo Tiago Pereira, Música Portuguesa a Gostar Dela Própria.

Trajadas de camisa branca, saia e/ou calças pretas, com faixa cor de rosa ao pescoço e um talego branco adornado com rosinhas cor de rosa feitas em croché, são as 16 mulheres de várias idades, e profissões, que atualmente integram o Grupo Coral Feminino 'As Rosinhas' de Santa Clara de Louredo.



Douradas Espigas de Albernoa

O Grupo Coral Douradas Espigas é composto por dezoito elementos com idades entre os nove anos e os oitenta e cinco, tem quinze anos de existência.

Ensaiam todas as semanas para que possam levar o Cante alentejano para outras paragens, e não deixar morrer a tradição classificada como Património Cultural e Imaterial da Humanidade.



Moços da Aldêa



O Grupo Coral Moços da Aldêa iniciou os ensaios a 8 de Janeiro de 2014 sob orientação de Paulo Ribeiro.

O grupo começou a tomar forma quando se começaram jovens em conversas em torno do Cante Alentejano, sempre à volta do petisco, em eventos como a Feira do Queijo de Serpa e a Vitifrades, em Vila de Frades.

Num ápice, após abordagem a diversos jovens da Cabeça Gorda,

levou à constituição do Grupo Coral Moços da Aldêa, que em breve será formalmente constituída como associação.

Ao longo dos seus dois anos e meio de actividade os Moços da Aldêa levaram o Cante um pouco por todo o País e têm desenvolvido na sua freguesia, Cabeça Gorda, iniciativas em torno do Cante Alentejano, como o “Cabeça Gorda Terra de Cante” que já vai na sua 3ª Edição e é composto por um debate sobre o momento do Cante e seguido de uma rota das Tabernas, o seu Aniversário, onde convidam artistas e Grupos Corais, sendo que todos são abertos à população. Em 2015 inauguramos a nossa sede que visa recrear o ambiente de Taberna, local que os nossos membros convivem sempre com o Cante na voz e divulgam a nossa cultura a quem nos visita, conjugando o Cante e o petisco.

Lançamos em 2016 o primeiro EP do Grupo Coral Moços da Aldêa, com seis modas, sendo que três são do cancionero tradicional e outras três modas são originais.

Grupo Coral Feminino do Centro de Cultura, Recreio e Desporto de Santa Vitória “Estrelas do Alentejo”



O Grupo Coral Feminino de Santa Vitória “Estrelas do Alentejo” é uma secção do Centro de Cultura, Recreio e Desporto. Foi fundado no dia 5 de novembro de 2002.

O grupo tem como principal objetivo a divulgação do Cante Alentejano, mantendo as características próprias do “cante” da sua região, mais arrastado, mais melódico, mais espiritual, mais solene ou mais profundo, contribuindo assim para a preservação das suas raízes, tradições e cultura.

Atualmente é formado por 14 elementos com idades compreendidas entre os 46 e os 78 anos: Mariana Leão, Maria Manuel Soeiro, Maria José

Batista, Julieta Romão, Maria Maçano, Mariana Batista, Alice Mestrinho, Anabela Sola, Mariana Freitas, Margarida Batista, Violante Batista, Romana Raposo, Maria Francisca Raposo e Palmira Rita.

O Grupo Coral de Santa Vitória gravou o seu primeiro CD em 2007 e dele fazem parte modas populares e modas inéditas. Presentemente o grupo tem no seu repertório mais de trinta modas. Modas essas que cantam, na sua generalidade, a vida, a contemplação, a nostalgia, o amor, a saudade, o trabalho, a freguesia e o Alentejo.

O Grupo Coral já participou em vários encontros de grupos corais, em eventos culturais e desportivos e em iniciativas de solidariedade social nas regiões Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve.

Grupo Coral Moças da Aldeia



Em 2015 foi fundado o Grupo Coral Moças da Aldeia de Santa Clara de Louredo, composto por 14 elementos com idades compreendidas entre os 20 e os 78 anos. Durante todos estes anos, têm sido muitas as atuações em palco, desfiles, comemorações, programas de rádio e televisão, onde tem sido solicitada a nossa presença. Temos mantido os nossos ensaios duas vezes por semana e temos procura-

do manter-nos fiéis às origens do nosso cante, tal como nos foi ensinado pelos nossos antepassados. Esta é a nossa maneira de estar com respeito pelo cante alentejano, transmitindo às novas gerações esta maneira tão única de cantar. É com muito orgulho que somos o Grupo Coral Feminino Moças da Aldeia.

Sobre o cante diz-nos Antunes da Silva em *terra do nosso pão*.

"As cotovias cantam para o céu, tresnoitadas. Os alentejanos cantam para os horizontes sonhando. Dessas duas castas melodias nasce a força de um povo".

CENTRO UNESCO

Centro Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial - Beja



O Centro Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial em Beja resulta da vontade do Município de Beja, da UNESCO, e parceiros como a DRCA, o Centro Nacional de Cultura, a Fundação Aga-Khan, o CENA-STE, Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, do Audiovisual e dos Músicos, a MODA – Associação do Cante Alentejano e a Confraria Gastronómica do Alentejo, em salvaguardar e promover as várias manifestações do património cultural intangível. Ao englobar este conjunto de instituições que actuam em diversos domínios da Cultura, e em várias geografias, este Centro



UNESCO está mais do que capacitado para dar resposta aos problemas que estes patrimónios, mais transientes que os imóveis, exigem. Da música à gastronomia, do saber-fazer tradicional aos contos e histórias populares, o âmbito de acção deste Centro pretende ser diverso mas incisivo. A salvaguarda e a valorização, isto é, conseguir que estas histórias, estes saberes, possam chegar a mais gente, são os objectivos fundadores desta entidade. Ao atingi-los estaremos certamente a preservar a memória das comunidades e povos e a garantir a preservação da diversidade cultural.

MUSEU RAINHA DONA LEONOR



Fachada do Convento

O Museu Rainha Dona Leonor, em Beja, é um tesouro ainda desconhecido para muitos, embora a imagem do Convento da Conceição, sua sede desde a fundação, seja uma referência identitária muito comum da região e da cidade.

Recentemente integrado na Direção Regional de Cultura do Alentejo/Ministério da Cultura, faz parte dos museus que, na sequência da anunciada reestruturação dos organismos deste Ministério e pela importância nacional e referência internacional das suas coleções, fará parte da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.

Por iniciativa dos Duques de Beja, D. Fernando e D. Beatriz, na segunda metade do século XV teve início a construção do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, destinado a receber freiras da Ordem de Santa Clara. As obras prolongaram-se por várias décadas, cumprindo um programa de qualidade arquitetónica e decorativa assinalável, como era apanágio dos seus poderosos e cosmopolitas fundadores, pais da Rainha D. Leonor e do futuro Rei D. Manuel I. Constitui um dos primeiros exemplares da arquitetura tardo-gótica no Alentejo, mas integra já as primeiras manifestações do que viríamos a designar "estilo manuelino".

O Convento beneficiava da proteção real e dispunha de grandes rendimentos que eram aplicados, por exemplo, em obras de renovação, como o exuberante programa decorativo dos séculos XVII e XVIII que se mantém no interior da Igreja, combinando talha dourada e policromo-

mada com azulejaria historiada representando a vida de S. João Batista, ou os claustros redecorados com azulejaria do séc. XVII.

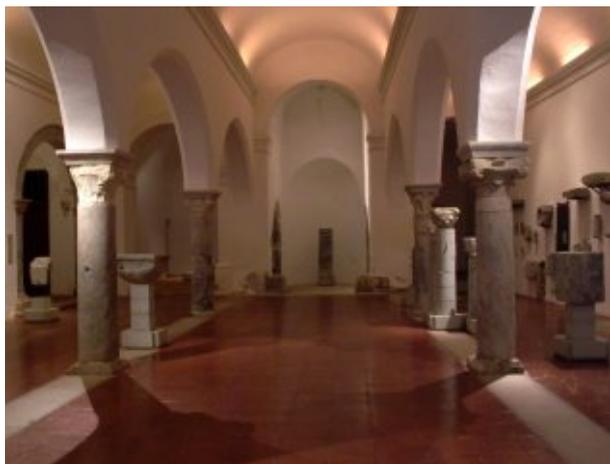
O decreto de extinção das Ordens Religiosas, de 1834, autorizava as freiras a habitar o Convento da Conceição até à morte da última, mas determinou o seu declínio, uma vez que a Ordem foi expropriada das suas fontes de rendimento e deixou de poder zelar pelo seu património que, aquando do óbito da última religiosa, se encontrava significativamente reduzido e degradado. Foi então efetuada a demolição de cerca de três quartos do imóvel e o desviados ou leiloados grande parte dos seus bens.

Já em 26 de dezembro de 1917, respondendo aos apelos de cidadãos atentos ao destino do património histórico e artístico da cidade, o Decreto nº 3.782 do Ministério da Instrução Pública do Governo da República determinava a criação do Denominado Museu Regional de

Arte e Arqueologia para assim prevenir a continuação da dispersão dos bens do património cultural da cidade e região. Como acervo recebeu as instalações do antigo Convento da Conceição e o conjunto dos bens artísticos e históricos da extinta Mitra de Beja e do Museu Municipal, incluindo bens arqueológicos e parte da coleção de Frei Manuel do Cenáculo. O Museu abriu ao público a 5 de outubro de 1927, após as obras de adaptação para as novas funções, projetadas por Raul Lino.

O Convento da Conceição foi classificado Monumento Nacional em 1922. Também a Igreja de Santo Amaro, posteriormente integrada no Museu e sede do Núcleo Visigótico, recebeu a mesma classificação em 1936. A este notável património, junta-se um acervo de coleções de referência, como as de Arte Religiosa de Pintura, de Azulejaria, de Arqueologia ou o Arquivo Histórico.

O hoje designado Museu Rainha Dona Leonor tem por missão pri-



Núcleo Visigótico

mordial a salvaguarda, o estudo e a valorização do seu acervo e a sua apresentação acessível ao conhecimento e fruição do público. Nesse contexto, e até dezembro de 2025, está em curso um vasto programa de requalificação cuja primeira fase é cofinanciada pelo programa Alentejo 2020, e a segunda com financiamento do PRR. Quando concluído,

os espaços de acolhimento e de exposição serão outros, promovendo, descobertas, diálogos e interações, com novas linguagens e leituras das coleções.

Estamos a preparar esse momento, sem descurar o papel que hoje se atribui ao Museu, mais presente, ativo e interventivo, criando e estimulando a participação de todos



Igreja

e estabelecendo parcerias para a promoção da cidadania e o bem-estar das comunidades. Na sua circunstância local, mas com uma perspetiva global o Museu Rainha Dona Leonor tem um lugar no futuro.

Beja, 7 de agosto de 2023

Deolinda Tavares
Diretora do MRDL

MUSEU JORGE VIEIRA

O Museu Jorge Vieira é um espaço de arte contemporânea que ocupa um lugar de destaque na dinâmica cultural da cidade de Beja.

Ao acolher parte do espólio do artista, que foi considerado como um dos escultores mais importantes do século XX, Beja presta uma justa homenagem ao homem que, desde cedo, estabeleceu uma forte relação afetiva com o Alentejo.

Jorge Ricardo da Conceição Vieira nasceu em Lisboa, a 16 de novembro de 1922. Entre 1944 e 1953 frequentou a Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde começou por se matricular em arquitetura transitando depois para escultura. Em 1953 concorre ao Concurso Inter-





samente, nos temas que representou: animais e humanos, homens e mulheres, prisão e liberdade. No papel, claro (o desenho é transversal à sua obra), mas essencialmente na terracota e no ferro, materiais que melhor se adaptavam à sua sensibilidade e ao seu labor. Dos seus trabalhos evidencia-se o recurso a figuras e personagens cíclicas, onde predominam nus eróticos, casais de amantes, animais como o touro e o cavalo, ou figuras relacionadas com a mitologia pagã, de onde sobressaem, essencialmente, peças assentes em tripés e o absurdo de algumas associações anatómicas, onde a fantasia dá o mote à criação e cuja diversidade nos permite conhecer o imaginário do artista.

O Museu Jorge Vieira atualmente instalado na Casa do Governador, no castelo de Beja, ganhou uma nova visibilidade, permitindo que um maior número de pessoas possa contemplar a obra deste nome maior da escultura portuguesa. Pretende-se uma renovação de conteúdos através de exposições temporárias, mas também, compreender, aprofundar e divulgar a vida e obra do escultor que tanto nos orgulha, alargando-a a públicos diversificados, através da partilha transversal a todas as gerações, formas de entender e sentir a arte.

Exemplo disso são as inúmeras iniciativas que se desenvolveram na cidade de Beja por ocasião das comemorações do centenário de Jorge Vieira, em 2022, e de que destacamos a exposição 'Memória e Mitos - O Touro na Obra de Jorge Vieira', distinguida com uma menção honrosa na categoria 'exposição temporária' da APOM - Associação Portuguesa de Museologia.

nacional de Escultura O Prisioneiro Político Desconhecido, promovido pelo Institute of Contemporary Arts, de Londres. Entre mais de 2500 concorrentes, representando 54 países, foi o único português selecionado, expondo o seu trabalho, juntamente com os outros premiados, na Tate Gallery. Em 1954 instala-se em Londres para frequentar a Slade School of Fine Arts, trabalhando sob a orientação, entre outros, de Henry Moore. Regressa a Portugal em 1956, onde retoma a sua atividade docente, participando, desde essa data, em inúmeras exposições coletivas e individuais, em Portugal e no estrangeiro, ganhando

diversos prémios. A sua ligação a Beja fortalece-se em 1994, quando é inaugurado, o seu Monumento ao Prisioneiro Político Desconhecido, uma iniciativa do Município da cidade. É a partir do estreitar desta relação que o escultor decide doar parte do seu espólio à cidade de Beja. Jorge Vieira faleceu em Estremoz, em 1998.

Nome basilar da terceira geração de modernistas portugueses, Jorge Vieira (1922-1998) marcou definitivamente a Arte portuguesa da segunda metade do século XX. A sua linguagem oscilou quase sempre entre o figurativo e o abstrato, dualidade que encontrou paralelo, curio-

MUSEU JORGE VIEIRA

Castelo - Casa do Governador

Largo Dr. Lima Faleiro - 7800 Beja

Geolocalização: 38.017222, -7.865306

Tef: 284 311 913 · email: museujorgevieira@cm-beja.pt

Horário: 9h30-12h30 | 14h00-18h00

Encerra às segundas feiras e nos feriados:

01/01, 25/04, 01/05 e 25/12.

ENTRADA GRATUITA

Com acesso a pessoas com mobilidade condicionada

A villa romana de Pisões

Poucos sítios arqueológicos portugueses apresentam uma relação identitária tão forte com a comunidade envolvente como o caso da *villa* romana de Pisões com o território de Beja. As pessoas da cidade e, em especial, do aglomerado populacional próximo em Penedo Gordo conhecem e preocupam-se com o local, quer por nele haverem directamente trabalhado, envolvidos nas múltiplas escavações e outros trabalhos realizados, quer por em algum momento o terem visitado ou dele ouvido falar. Contudo, as primeiras décadas do século XX, em que a abertura ao público e sua manutenção foram quase sempre postas em causa, acabou por determinar uma frustração e desconfiança que se mantém.

A que se deve esta fortíssima ligação? Desde logo, à circunstância de Pisões ser o único testemunho salvaguardado e valorizado do que seria a riquíssima paisagem rural de Beja em época romana. Nesta época a cidade, denominada *Pax Iulia*, desfrutava do estatuto administrativo de *colonia*, ou seja, os seus habitantes estavam equiparados aos cidadãos itálicos de direito latino. Tal significa que a *urbs* tinha um papel de grande relevância fruto da centralidade territorial mas, sobretudo, da estirpe dos primeiros colonizadores, uma vez que estes eram os eméritos soldados que após o termo das conquistas se vinculavam ao território de instalação. Desta forma, a paisagem da cidade e da envolvente seria pontuada por construções e uma estrutura genuinamente itálica.

A *villa* de Pisões mostra-nos essa herança. Conhecemos o nome de um dos proprietários – *Gaius Atilius*



Cordus, lembrado numa inscrição – e as mais de 50 divisões que compõem a residência, a chamada *pars urbana*. Uma casa com amplo corredor de acesso que desemboca em pequeno átrio com largas colunas, que utilizam um dos recursos locais mais notáveis – o mármore de Triga-ches. Com ampla utilização de suportes decorativos de excepção – desde os pavimentos de mosaico até ao abundante uso de mármore e revestimentos parietais de estuque pintado -, nota-se a magnitude da *natatio*, ampla piscina defronte da fachada principal da casa, tendo por moldura o pórtico colonado. No lado oeste encontra-se o edifício termal, bem conservado e no qual se destaca o hipocausto ou fornalha de aquecimento para os ambientes temperados, que nos permite perceber os cuidados princípios de engenharia que presidiam à concepção destes espaços. Para abastecer de água este edifício e todos os espaços residenciais encontra-se ainda preservada uma barragem.

Este espaço monumental singular está classificado como Imóvel de Interesse Público, mas durante muito

tempo esteve encerrado a visitas públicas. Nos últimos anos, a actividade regressou. Em fase inicial com estudos académicos e científicos, que permitiram mapear todo o subsolo, mostrando, por exemplo, a densa rede da estrutura de abastecimento de água que se encontra sob o espaço residencial, ou as fontes de aprovisionamento do material edílico. Entretanto, foram preparados conteúdos, de modo a poder fornecer ao visitante uma nova percepção do local.

Na realidade, um problema transversal ao património português reside na dificuldade de comunicação para o grande público, uma vez que o grau de preservação ou as dificuldades de leitura das estruturas são constantes. Assim, para Pisões os visitantes dispõem agora de conteúdos multimedia, 3D e realidade virtual que ajudam a comunicar os elementos do sítio. Queremos, assim, que Pisões seja visitado por todos mas, sobretudo, que volte a ser relevante e estimado por quem nele mais próximo habita.

André Carneiro
Universidade de Évora¹

¹ Departamento de História da Universidade de Évora, Investigador integrado no CHAIA-UÉ e colaborador do CECH/FLUC. ampc@uevora.pt. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>.

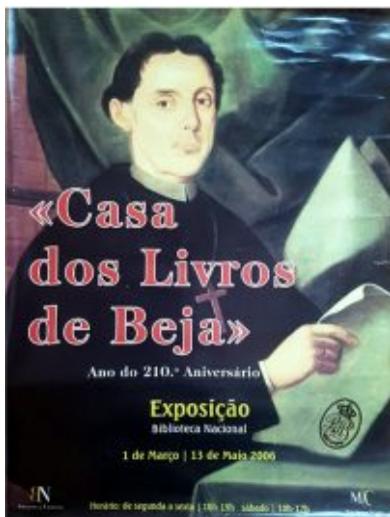
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BEJA JOSÉ SARAMAGO

Memórias de uma identidade

A Biblioteca Municipal de Beja foi fundada no dia 21 de Junho de 1874 no espaço do Paço Episcopal, onde no século XVIII havia funcionado a Academia Eclesiástica de Beja, fundada em 1793 por D. Frei Manuel do Cenáculo.

A história desta biblioteca é marcada pelo seu destino de andarilha.

Esta é uma história que se faz com todos os leitores que ao longo dos anos integraram a biblioteca na sua vida e no seu processo de construção como pessoas e como cidadãos, e com todas os profissionais que contribuíram com o seu trabalho, o seu profissionalismo e a sua dedicação, para a evolução deste projeto de leitura pública que coloca Beja no mapa cultural do país e é uma referência para as suas congéneres nacionais e europeias.



Cartaz da exposição na Biblioteca Nacional de Portugal

A “Casa dos Livros de Beja”

Num documento de 22 de março de 1777, Frei Manuel do Cenáculo tece considerações acerca dos estudos eclesiásticos de Beja, determinando que os ordinandos (seminaristas) teriam disponíveis os livros necessários para os seus estudos, numa biblioteca que o bispo tinha já formado.

A Biblioteca de Beja seria uma biblioteca-museu - Ms. De Frei José de S. Lourenço do Vale – Códice na BPE: desenhos de moedas, peças arqueológicas, tábuas interpretati-

vas, cópias de lápides, inscrições... e seria constituída por cerca de 20.000 volumes.

Em carta datada de 27 de Setembro de 1796, Frei Manuel do Cenáculo, então Bispo de Beja e afastado do centro da Corte Régia, anuncia a Ribeiro dos Santos a intenção de «concorrer muito de graça com algum sortimento» para a Real Biblioteca Pública da Corte, doando-lhe uma «destroçada livraria» que possuía. Tal colecção, cujo «Catalogo Methodico dos Livros» o próprio Ribeiro dos Santos elaborou e à qual viria a chamar «Casa dos Livros de Beja», além de volumosa, é valiosíssimo núcleo de raridades bibliográficas (...).

Nesta carta de doação é bem claro que Frei Manuel do Cenáculo deixou livros em Beja:“(...) os quaes separei daquelles, que para os estudos proprios desta diocese nella se devem conservar, não havendo nesta dilatadissima provincia livraria alguma publica, sendo necessaria a cada instante...(...)”.

Nesta carta de doação é bem claro que Frei Manuel do Cenáculo deixou livros em Beja:“(...) os quaes separei daquelles, que para os estudos proprios desta diocese nella se devem conservar, não havendo nesta

dilatadissima provincia livraria alguma publica, sendo necessaria a cada instante...(...)”.

A Biblioteca Nacional de Portugal realizou uma exposição inaugurada a 1 de março de 2006, com alguns dos livros que Cenáculo doou a Real Biblioteca Pública em 1796-97, tendo por base os catálogos elaborados por António Ribeiro dos Santos, lente de Coimbra e bibliotecário dessa Universidade, que foi o primeiro bibliotecário-mor dessa instituição criada por Alvará de 29 de Fevereiro de 1796.

Fundação da Biblioteca Municipal de Beja Inauguração 21 junho 1874



Edifício do Paço Episcopal

As primeiras instalações foram no Paço Episcopal (actual Quartel da GNR).



O Paço Episcopal era o mesmo edifício onde no séc. XVIII havia funcionado a Academia Eclesiástica de Beja fundada em 1793 por D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, assim como o seu museu e biblioteca particular.

Por iniciativa do Vigário Capitular do Bispado, Pe. António José Boavida, foi inaugurada a Biblioteca Municipal de Beja a 21 de Junho de 1874, resultado de um acordo entre o Pe Dr. José Boavida (Vigário Capitular e Governador da Diocese de Beja) e Anselmo de Assis e Andrade (Presidente da Câmara Municipal).

O primeiro bibliotecário foi Constantino Feliciano Menezes.

“...Decorridos alguns anos, a biblioteca, passou do Paço Episcopal para a casa do Largo do Porvir, onde atualmente funciona a Escola de Santa Maria; aí abria de dia e de noite; mas como a frequência nocturna, a princípio diminuta, se portasse mal, a Câmara para evitar a inútil despesa de luz e serões, determinou que só funcionasse de dia.”

In: Boletim do Município de Beja. - Beja. - S. 2, n.º 4 (Out./Dez. 1923). - p. 56 Cota na BMBEJA: PR 71.

Setembro de 1892



Edifício dos Paços do Concelho, ao fundo à direita. Este edifício foi destruído por um incêndio a 23 de junho 1947.

A Biblioteca foi transferida para edifício dos Paços do Concelho, que inclui também o espólio do Museu e o do Arquivo Histórico.

Setembro de 1895



Edifício do extinto Convento de N.ª Sr.ª da Conceição, enquanto este estava a ser já adaptado para ser o Museu Regional de Beja (inaugurado no dia 5 de outubro de 1927)

Foi transferida para Convento de N.ª Sr.ª da Conceição, onde ocupava três salas, as arcadas e dependências anexas, sendo a sala de leitura no átrio, que estava envidraçado.

16 de novembro de 1953



Edifício da Repartição de Finanças

Devido à exiguidade do espaço no edifício do Convento de N.ª Sr.ª da Conceição, o então Presidente da Câmara, Dr. José António da Silva transferiu a biblioteca para uma ala do 1.º piso do edifício das Finanças.

Com a criação da Biblioteca Fixa n.º 154 da Fundação Calouste Gulbenkian, acabou por ocupar todo esse piso (já com Presidente da Câmara Dr. Joaquim Freire d'Andrade).

1973

A Biblioteca é transferida para o edifício do antigo Colégio do



Sagrado Coração de Jesus (onde funcionou o Departamento Técnico da CMB).

Na sala de entrada encontrava-se a Biblioteca Gulbenkian - Biblioteca Fixa n.º 154 e nas salas adjacentes o fundo documental da Biblioteca Municipal.

De 1975 até Abril de 1993



A biblioteca é transferida para as instalações do Arquivo Distrital de Beja, na sequência de um acordo entre o Presidente da Câmara José Carlos dos Reis e o Governador Civil Major Brissos.

Neste espaço durante a década de 1980, iniciou-se uma intensa atividade cultural, com atividades para as crianças e as escolas.

A 1.ª Biblioteca moderna do Alentejo - A Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP)

Em 1987, o Presidente da Câmara, José Manuel Carreira Marques e o ex-I.P.L.L. (Instituto Português do Livro e da Leitura), assinam um contrato-programa com vista à construção de uma nova biblioteca. Contrato esse que passou pela construção do edifício, aquisição de mobiliário e equipamentos, bem como um importante fundo biblio-



Neste espaço durante a década de 1980, iniciou-se uma intensa atividade cultural, com atividades para as crianças e as escolas

gráfico inicial de cerca de 40.000 novos livros e documentos audiovisuais (em 2022 = 211.084 documentos).

29 de abril de 1993



É inaugurada a nova Biblioteca Municipal de Beja, sendo uma das primeiras cidades do país a ter uma biblioteca integrada no projeto da Rede de Bibliotecas de Leitura Pública (Ministério da Cultura).

Beja passou assim a ser uma das primeiras cidades do país a possuir uma biblioteca moderna.

O 1º bibliotecário foi Joaquim Figueira Mestre, a que ao longo dos anos se foram juntando outros bibliotecários, dos quais destacamos os que se mantiveram ou mantém por mais tempo: Cristina Taquelim, Maria José Toucinho, Maria Paula Santos e Carla Lopes.



O programa de inauguração foi muito vasto e intenso e desenvolveu-se durante muitos meses, marcando desde logo o carácter inovador dos serviços desta biblioteca, a que se junta o facto de ser a única Biblioteca no país com um horário alargado: 2ª a 6ª 9h30-23h00 (encerrada hora almoço) e sábado 14h30-20h00, horário que se manteve até 2020, tendo sido alterada a hora de encerramento semanal para as 22h00 e passando a estar aberta à hora de almoço.

10 de novembro de 1998



A BMBEJA adopta, por iniciativa do próprio, o nome de José Saramago por ocasião da atribuição do Prémio Nobel da Literatura a este escritor.

Passa a designar-se Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, sendo a primeira a quem este escritor deu o seu nome.

Para além do escritor José Saramago, a cerimónia teve a presença do então Primeiro-ministro, António Guterres e do Ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho

Cumprindo este compromisso a BMBEJA organiza anualmente, desde 2016 (entre Portugal e Espanha), os Encontros Ibéricos de Leitores de Saramago, fruto de uma par-

ceria com Diego Mesa (Aula Saramago) e do apoio da Fundação José Saramago.

A 22 de março de 2019, por iniciativa da BMBEJA é criada formalmente, em conjunto com a Fundação José Saramago, a Rede de Bibliotecas José Saramago, que em 2022 se constituirá como parceira no programa de celebração do centenário do nascimento do escritor.

31 de agosto de 2009



Entra em funcionamento a Biblioteca Andarilha – Bibliobus, que leva diariamente a Biblioteca Municipal de Beja a todas as freguesias rurais do Concelho de Beja.

“Numa cidade acordada, uma biblioteca sem sono”, Joaquim Figueira Mestre



A partir de 2001 este passa a ser o lema e missão da BMBEJA.

Esta frase marca assim em palavras a necessidade da Biblioteca Municipal estar sempre em constante inquietação, para que possa estar sempre “acordada” e ativa no seu papel na comunidade bejense. Assim se vai construindo uma política local de leitura, expressa num projeto de intervenção na promoção das literacias que abrange uma diver-



cidade de interesses, que possa desafiar constantemente as pessoas da comunidade bejense, contribuindo assim para manter a “cidade acordada”, num caminho de construção de um cidadão mais informado, com mais sentido crítico, interveniente no seu próprio desenvolvimento e comprometido com o desenvolvimento da sua comunidade.

Este projeto de intervenção de continuidade na promoção das literacias, tem vindo a ser construído ao longo do tempo e materializa-se mensalmente numa programação cultural que envolve diversas áreas de intervenção e de interesse para comunidade bejense: mediação leitora para pais e filhos e comunidade escolar; mediação leitora através de Clubes de Leitura; divulgação do livro e da leitura com autores locais e nacionais; promoção das literacias da informação, ciência e da saúde, com especialistas e cientistas; divulgação da tradição oral e da arte de contar, com contadores nacionais e internacionais.

Inclui ainda duas grandes iniciativas de celebração do seu trabalho, com periodicidade bienal: Palavras Andarilhas (festa da palavra contada e lida) – desde 1999; Feira do Livro Solstício das Palavras (festa da pala-

vra escrita, lida, dita e cantada) – desde 2021.

Biblioteca fora de portas A partir de 2011



A Biblioteca tem vindo a levar os seus serviços de mediação leitora para fora do espaço da Biblioteca, com carácter de continuidade, junto de comunidades específicas:

Comunidade Terapêutica da Horta Nova;

Grupos de Lares de 3º idade;

Grupo de sem abrigo, grupo de idosas e comunidade de reinserção, da Caritas Diocesana de Beja;

Grupo de professores e pais da Associação Social, Cultural e Recreativa do Bairro da Esperança;

Grupos de idosos das Juntas de freguesia do Concelho de Beja;

Comunidade escolar do 1º ciclo das freguesias rurais do Concelho de Beja;

Estabelecimento Prisional de Beja - Biblioteca;

Todos os edifícios e serviços da Câmara Municipal.

A partir de 2012



Desde 2004 que tem o seu catálogo bibliográfico online, onde disponibiliza também documentos em texto integral relacionados com a história e património local.

A partir de 2012 desenha uma estratégia de comunicação e marke-

ting que passa por um plano de presença online, passando assim a estar presente junto dos seus leitores nas redes sociais:

Google +

Facebook da Biblioteca Municipal de Beja

Blog do Clube de leitura da BMBEJA

Blog da Biblioteca Andarilha

A partir de 2018



A 4 de Outubro de 2018 é inaugurada uma Cabine de leitura (jardim da Praça Diogo Fernandes), resultante de uma parceria com a Fundação Altice, que disponibiliza livros de literatura num ambiente descontraído de responsabilidade cidadã: “Leve. Leia. Devolva”.



Paula Santos

Bibliotecária Municipal
Biblioteca Municipal de Beja
José Saramago

ASSESTA ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES DO ALENTEJO



A ASSESTA – Associação de Escritores do Alentejo – foi pensada em meados de 2013, constituída em setembro de 2015 e apresentada, oficialmente, no dia 23 de janeiro de 2016. Na sua génese estiveram 15 escritores naturais do Alentejo ou com fortes vínculos à região empenhados em promover a literatura nas terras desafogadas de além Tejo. A sede é na Casa da Cultura de Beja, mas o seu terreno de sementeação é o Alentejo todo e as terras vizinhas.

A ASSESTA apresenta-se assim como uma entidade mediadora entre criadores literários e comunidade consumidora de conteúdos literários. Para cumprir a sua missão no território das letras, promove: encontros culturais entre escritores, leitores e outros agentes da literatura e da cultura em geral, visando o convívio e a discussão de assuntos de interesse comum; projetos de criação literária; parcerias de promoção cultural com entidades da região; oficinas de escrita criativa; prémios literários destinados a várias faixas etárias. Para além destas ações ditas regulares, a ASSESTA, como Associação de horizontes abertos, está recetiva a novas ideias e projetos que



vão ao encontro dos seus propósitos.

A ASSESTA conta com cerca de quatro dezenas de associados oriundos de várias geografias do território e afetos a diversas modalidades

literárias, tendo sempre a porta aberta a novos membros, a novos arautos da palavra literatura aqui e além Tejo.

E para ser associado basta consultar a página oficial (assesta.pt),



cumprir os requisitos do Artigo 3º dos Estatutos da ASSESTA (disponíveis no mesmo domínio), retirar e preencher a proposta de sócio, e enviar por via digital ou por correio para a Associação.

A ASSESTA, nestes sete anos de existência, tem feito um trajeto ascendente nos propósitos que nortearam a sua fundação. Das diversas intervenções literárias e culturais destacam-se: a instituição do encontro anual ASSESTA – um momento criado para juntar escritores, leitores e outros agentes culturais, promovendo o convívio, e o intercâmbio entre as partes, e que acontece, rotativamente, em diversas geografias alentejanas; a criação e a publicação de várias antologias literárias tendo como pano de fundo o Alentejo, as suas gentes e os seus acontecimentos; a organização de quatro edições do Prémio Literário Joaquim Mestre, um projeto instituído pela ASSESTA e que conta com as parecerias da Direção Regional de Cultura do Alentejo e do Município de Beja; a participação na organização de feiras do livro, nomeadamente as feiras do livro de Beja e Odemira; a coordenação dos ELA –



Encontros Literários do Alentejo – uma criação da ADMIRA (Associação de Desenvolvimento da Região do Mira) e que a ASSESTA deu continuidade em 2017; a realização de oficinas de escrita criativa, introduzindo novos autores e publicando-os no âmbito desses projetos.

Porque o difícil não é fazer, porque o difícil é manter, e porque a ASSESTA tem conseguido seguir este segundo trilho das possibilidades, procurando melhorar os seus desempenhos, procurando corrigir o que faz menos bem, procurando superar-se na missão a que se propõe, a ASSESTA encara o presente e o futuro com o desassossego bom

dos inconformados, com o desassossego bom dos que querem fazer mais e fazer melhor. Em suma, a ASSESTA ambiciona continuar, desassossegradamente, a semear literatura nas terras desafogadas de além Tejo.

Luís Miguel Ricardo

Contactos da ASSESTA

Casa da Cultura de Beja / Rua
Luís de Camões / 7800-508 Beja
www.assesta.pt //
assesta@sapo.pt //
https://www.facebook.com/ASS
ESTA2015

“DIÁRIO DO ALENTEJO”

Memória, identidade e retrato de uma região

1932: numa tarde que se adivinharia soalheira, no dia 1 de junho, nasceu um vespertino que haveria de ficar para a História, mesmo que os seus fundadores não o soubessem. Em 1932, o dia 1 de junho ainda não era sinónimo de criança, mas mal adivinhavam todos os que o viam nascer, naquele dia, que o “Diário do Alentejo” haveria de tornar-se criança, jovem, adulto e, finalmente, chegar à propecta idade de 91 anos. Um feito, sem dúvida, apenas à altura de poucos. E que o “Diário do Alentejo”, com muitas privações e provações, conseguiu!

Ao longo dos seus longos anos de existência, o “Diário do Alentejo” já passou por muito. Nasceu num tempo em que o tempo tinha outros preceitos, outros vagares. Nasceu num tempo difícil, de censura, de pobreza, de atraso, mas frutífero em esperança, em alma e em acreditar. Acreditar que algo poderia ser mais do que aquilo a que estava condenado à partida. Sem o fatalismo ou o destino do lugar, da condição social, da época e de tudo o mais que quisessem impor, numa fabricação artificial e condicionada do potencial do ser humano e das suas criações. Numa terra de injustiças e desigualdades, de tirania de coisas pequenas e grandes coisas, o nosso jornal sempre tentou contrariar o rumo da maré. Sempre foi luz na escuridão. Sempre lutou contra o estado de coisas. Fez o seu papel, muitas vezes ingrato e inglório, numa região ostracizada e esquecida, ao longo dos anos. Ao longo de longos 91 anos.

Noventa e um anos é muito tempo. São muitas histórias e vidas. As que passaram pelas diferentes redações do jornal; as que o jornal contou ao longo dos anos. O “Diário do Alentejo” é um retrato de uma cida-



José Moedas (primeiro plano) Miguel Patrício, Pedro Ferro, Manuel Sousa Tavares e João Paulo Velez - pela ordem dos ponteiros do relógio. Fotografia da redacção do “DA”, em 1983, com alguns dos grandes jornalistas que marcaram este jornal

de, de uma região, do ser-se alentejano no território mais a sul do alentejo. De agora e de outrora. O “Diário do Alentejo” é o Baixo Alentejo, com as planícies e as serranias do sul. Com os dias de inferno e a noites de inverno. O “Diário do Alentejo” é suor, é luta, é persistência contra o esquecimento. É tentar marcar ritmo onde apenas se quer marcar passo. O “Diário do Alentejo” é o pulsar sanguíneo de um pedaço de Portugal que, por muito que tentemos, é indizível, é intangível. É incrível.

O “Diário do Alentejo” é de todos nós, património de uma região. De uma memória coletiva de Baixo Alentejo e de construção de uma personalidade baixo alentejana. Uma idade respeitável para um jornal respeitável. Pelo que faz, pelo que tenta fazer, na sua atividade diária, mas pelo que representa, ainda, para esta região. Se hoje é um jornal completamente diferente do que já foi, mais ainda se comparado com o que saiu à estampa a 1 de junho de 1932, continua a significar o esforço de mostrar e retratar a região. O bom e o mau, o que é digno de nota, para o bem e para o mal. Trazer ao prelo o que merece conhecer a luz do dia informativo. E que,



Primeira capa do “Diário do Alentejo”, de 1 de Junho de 1932.

muitas vezes, na espuma dos dias, não tem essa oportunidade. O que merece reflexão. O que muitas vezes não tem visibilidade. Quem não tem voz. É isso que perseveramos em fazer. Tentamos ganhar tempo ao tempo, dispensando atenção ao que tantas vezes não consegue romper o silêncio.

Marco Monteiro Cândido
Diretor “Diário do Alentejo”

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO BAIXO ALENTEJO

Cooperação e Desenvolvimento Regional



Cante Alentejano. José Ferrolho - Diário do Alentejo



Vinho de Talha. Ricardo Zambujo - Diário do Alentejo

A CIMBAL - Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo é uma pessoa coletiva de direito público de natureza associativa e âmbito territorial, e visa a realização de interesses comuns dos treze municípios do Baixo Alentejo, que a integram. De entre as suas atribuições, releva a promoção do planeamento e da gestão da estratégia de desenvolvimento económico, social e ambiental do Baixo Alentejo, assegurando ainda a articulação dos municípios e os serviços da Administração Central, num conjunto de áreas.

Através da implementação de iniciativas e projetos de âmbito regional, nacional e internacional, a CIMBAL procura potenciar as riquezas do território, atrair investimentos e fomentar o espírito empreendedor dos agentes dinamizadores da região. Desempenhando um papel fulcral na captação de fundos europeus e na gestão de programas de financiamento destinados a impulsionar o desenvolvimento regional.

Ao longo dos anos têm sido

desenvolvidos projetos nas mais diversas áreas, realçando-se áreas da educação, cultura, promoção territorial, ambiente, transportes, saúde, habitação e bem-estar social, dando destaque às iniciativas de salvaguarda e promoção do património cultural e natural do Baixo Alentejo.

Também a questão ambiental tem sido uma das principais preocupações, nomeadamente a adaptação e mitigação dos efeitos das alterações climáticas no nosso território. No âmbito do Plano Intermunicipal de que dispomos, promovemos e participamos em projetos internacionais, identificando boas práticas, replicáveis no Baixo Alentejo. A gestão eficiente da água e a preservação da nossa biodiversidade, estão presentes nesta nossa ação. Naturalmente, a proteção contra incêndios, ao nível intermunicipal, com a coordenação da Comissão sub-regional do Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais do Baixo Alentejo figura nas nossas prioridades, de forma a proporcionarmos uma maior resiliência ao nosso território.

Enquanto Organismo Intermédio na gestão de fundos comunitários, esperamos proporcionar, com o financiamento do Alentejo 2030, um Baixo Alentejo mais Competitivo e Inteligente; mais Conectado; mais Social e Inclusivo e territorialmente, mais Coeso.

Nos últimos anos, os desafios vão-se sucedendo. Para além das atribuições e competências originárias, outras nos chegam, através de transferência e delegação de competências, provenientes as primeiras da administração central e, as segundas, dos nossos municípios. O reforço e capacitação da equipa da CIMBAL, tem sido constante. Esperamos continuar a corresponder às solicitações que nos chegam.

Baixo Alentejo, Território Sustentável! Esta é a nossa “divisa”, suportada na vertente económica, social, ambiental, mas também cultural. Com um profundo respeito e sentimento de pertença do que é ser “Baixo Alentejano”...

LUIZ DA ROCHA

Manter a tradição do convívio



António Leandro, Presidente do Conselho de Administração

mente só no rés-do-chão como café e pastelaria. Luiz da Rocha, o fundador deste estabelecimento comercial que é uma instituição e certamente o mais antigo estabelecimento do ramo a funcionar ininterruptamente em Beja, veio a falecer em 1940.

Em 1960 tornou-se uma sociedade, detida por quatro sócios, saindo depois alguns e dando lugar a outros, mas dificuldades de gestão levou a um acordo com os trabalhadores a quem foi feita uma venda simbólica em 1976, que constituíram uma cooperativa.

A gestão deste estabelecimento comercial icónico de Beja tem, nestes 47 anos, sido assegurada por esta cooperativa, com assinalável êxito, pois para além de o estabelecimento ter mantido a mesma linha de qualidade e tradição, em 2008 abriu uma segunda casa na Avenida Filho de Almeida, esta só como café pastelaria, mantendo a tradição doceira da casa mãe, mas com mais fáceis acessibilidades, pois a casa mãe situa-se na principal artéria pedonal da cidade, na área comercial por excelência, a “Rua das Lojas” da cidade de Beja, o que, todavia, pode dificultar o acesso a cliente mais idosos, com dificuldade de mobilidade.

Estivemos à conversa com o sr. Leandro, a trabalhar há meio século no Luiz da Rocha, onde, como refere com uma simplicidade desconcertante aliada à simpatia, é empregado de balcão – e pode-se vê-lo às vezes a atender ao balcão da pastelaria – mas exerce sobretudo a função de dirigente máximo da cooperativa, pois é presidente do Conselho de Administração

Verdadeira instituição da cidade de Beja, a Confeitaria Bejense de

O centenário café Luiz da Rocha, que completou 130 anos é uma verdadeira referência na cidade de Beja.

Fundado em 1893, curiosamente coincidiu com a visita do rei D. Carlos, por Luiz da Rocha, primeiro proprietário do estabelecimento que lhe deu o nome, que deu o nome. Natural de Vagos, Aveiro que tinha vindo trabalhar para Beja, para a casa do doceiro Baltazar, na rua do

Buraco, actual rua Brito Camacho, onde terá aprendido e aprofundado a arte doceira.

Inicialmente terá funcionado como café, pastelaria e frutaria num edifício em frente às actuais instalações do nº 63 na Rua Capitão João Francisco de Sousa, junto onde funciona actualmente o armazém desta casa.

No início do século XX estabeleceu-se no edifício actual, inicial-

Luiz da Rocha é uma referência incontornável da doçaria convencional alentejana: Desde as deliciosas queijadas de requeijão aos porquinhos de doce, as trouxas d'ovos, os doces de amêndoa, ou as saborosas empadas de galinha. Esta excelente oferta é parte de um conjunto de iguarias caracterizadoras do património gustativo de muitas gerações de alentejanos e forasteiros.

No piso superior, a oferta gastronómica de pratos de referência, desde o ensopado de borrego, as migas, as sopas de cação ou, no Verão o gaspacho com peixe frito são pratos que podemos saborear, acompanhados por vinhos de referência da região. A tudo isto adicionamos um atendimento quase fraterno, não apenas para os clientes habituais mas também para quem, ainda que espaçadamente porque forasteiros, voltam ao Luiz da Rocha sempre que podem em deslocações a Beja, como é o nosso caso. Há ainda que adicionar o esmero, nomeadamente com o uso de guardanapos de pano, o que faz a diferença de muitos estabelecimentos de restauração que proliferando, quais cogumelos em época de primeiras chuvas – e não falamos das saudosas e populares casas de pasto e tascas que escasseiam em vias de extinção – mas de estabelecimentos com ar pretensioso, meio *fast-food* que ficam a léguas de distância do Luiz da Rocha na qualidade, na apresentação e no atendimento.

O Luiz da Rocha tem uma equipa composta por 40 pessoas, que a tempo inteiro laboram nesta cooperativa, cujos órgãos sociais têm a seguinte composição: Conselho de Administração – 5 elementos; Conselho Fiscal – 3 elementos; Mesa da Assembleia Geral – 2 elementos. A equipa da Pastelaria é composto por 7 elementos e a equipa da Cozinha por 4 elementos.

A Confeitaria Bejense de Luiz da Rocha, para além de preservar a



característica decoração interior e a tradição pasteira conventual, cumpre também uma importante função social de convivialidade de tertuliano debate de ideias, pois é muito mais do que um café singular, muito mais do que um restaurante esmerado. Espaço aprazível e único de convívio, de lazer e de comunicação, mantém vivo o espírito e o ambiente dos clássicos cafés-

tertúlia, que nestes tempos marcados pelo individualismo e pela “dita-dura” dos telemóveis e das redes sociais, no Luiz da Rocha ainda se pode discutir e debater a vida social, política, desportiva e cultural, bejense e nacional, espaço de tertúlia onde já tivemos oportunidade de participar.

Eduardo M. Raposo

JORGE SERAFIM

O contador de histórias com “14 ofícios”



“A leitura faz mal à sua ignorância”

António Jorge Serafim nasceu em Beja, a sua cidade de sempre. Autor (Poesia, Teatro, livros para a Infância), Actor, Contador de Estórias (ou storyteller), Mediador do livro e da leitura, TV, plataformas digitais, nomeadamente com “Stand up comedy”. Inigualável na arte única alentejana de fazer humor sobre as vivências alentejanas, Jorge Serafim esteve ou está ainda está ligado a projectos como a livraria-café e “Páginas à Margem”, que dinamizou, bem como “Jorge Serafim e as vozes da Cal” – com alguns amigos comuns - ou outros como “Os Alentejanos”, os “Tais Quais”. Mais recentemente dedica-se também à produção da marca Marmelos Aurora.

Memória Alentejana - Jorge, tu és o homem dos 14 ofícios – ultrapassando o “homem dos sete instrumentos” que o Sérgio Godinho canta. Como é que compatibilizas todas estas actividades? Afinal quem é e o que faz correr Jorge Serafim?.

Jorge Serafim - Na verdade alguns projectos já morreram, nomeadamente a livraria. Outros nascem e renascem como as estações do ano. Mas o que me faz abraçar tantas coisas e causas advém deste desassossego interior. Às vezes febril, outras vezes intuitivo. Excessivamente observador. Sou natural de Beja, terra onde resido. Desde muito cedo estive ligado ao associativismo e ao teatro. Sempre acreditei que a cultura e todas as suas formas de expressão teriam e terão um papel de afirmação e transformação dos territórios e suas gentes. Talvez mais uma ingénua utopia. Mas o facto de trabalhar muitos anos na Biblioteca de Beja e de, desde os 13 anos ser sócio da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja fez-me necessitar o território muito para além de uma iconografia bacoca que lhe está associada.

Jorge, nas tuas centenas (milhares) de sessões de contador de estórias por esse país fora, festivais de narração oral, na Argentina, Uruguay, Espanha ou Cabo Verde, actuações para as comunidades portuguesas – Suíça, Luxemburgo, Canadá, EUA e Macau, tu já és um cidadão do mundo, pois tens percorrido meio mundo divulgando a tua arte única e inigualável. Mas, por outro lado também és um cida-



“Sempre senti e entendi que o confronto que as artes nos provocam, colocam interrogações necessárias para não seguirmos em caminhos monocromáticos”

dão do mundo porque partes do particular, das tradições, dos usos e dos costumes das nossas vilas e cidades - que conheces como poucos e que são um pouco com o que a tua ancora - para a universalidade que tu lhes dás. O que achas? É por isso que como dizias há dois anos e meio, em entrevista ao *Diário do Alentejo*: “desde tenra idade procurei, na cidade, frequentar e assistir a manifestações que me levassem mais além do que minis à boca e moelas em molho de tomate”?

Um homem só escreve com as palavras que conhece. Entendo que a tradição é um perpétuo movimento, desloca-se com as pessoas, emigra com elas e mistura-se onde quer que chega. É como a água, infiltra-se em qualquer buraco. Sentir desta forma este aspecto é fulcral para que não cristalizemos a cultura num conservadorismo sem fundamento. Assim sempre senti e entendi que o confronto que as artes nos provocam, colocam interrogações necessárias para não seguirmos em

caminhos monocromáticos. Quando percebi que há contos da tradição oral portuguesa que têm dezenas de versões por todo o mundo, comecei a interrogar-me não sobre a minha origem, mas sobre de como aconteceu a origem. Sou daqui, mas aqui como começou? E descobrimos que afinal somos feitos de uns e de outros. Na entrevista que dei ao Diário do Alentejo, disse o que disse, porque não podemos continuar a promover apenas o território como local de comer e beber. É importante, fazê-lo, mas as ciências e a investigação? E as artes que continuam a ser experiências avulso e não projectos de eterna continuidade?

Projectos em curso ou para o futuro?

Com tintura a contar muitos contos, a fazer mediação do livro e da leitura. Tenho em carteira a edição de três livros: um romance, um infantil e um de contos. Continuar juntamente com a minha mulher, com o projecto da produção de Marmelos (www.marmelosaurora.pt).

O que pensas do CEDA e a Revista Memória Alentejana e do trabalho desenvolvido na valorização da memória identitária e da cidadania do nosso Alentejo – já lá vão 23 anos. Que sugestões darias para acções a realizar ou assuntos a tratar?

É fundamental para que um território que se situa apenas a uma hora e trinta de Lisboa, continue a dizer que existe. É imperioso que a revista afirme à capital do império periférico - Lisboa - que a sul do Tejo há uma riqueza que não se pode apagar, porque o desordenamento do território é catastrófico. Sugiro que deem espaço a muitos alentejanos (a estudar ou a trabalhar) que estão na área das artes, das ciências e consequente investigação tenham a oportunidade de partilhar o que fazem assim como a sua visão e contributo para o desenvolvimento do interior.

Um lema para o futuro?

A leitura faz mal à sua ignorância.

Entrevista de Eduardo M. Raposo com José Alex Gandum

OS VINHOS DE BEJA



Existe a percepção de que Beja foi sempre uma terras de cereais e não tanto de uvas. Esta imagem acentuou-se durante o Estado Novo, com a campanha do trigo, que pretendia aumentar consideravelmente a produção deste cereal através de uma política protecionista e de incentivos à produção. No entanto, se recuarmos a meados do século XIX ou a tempos mais longínquos, constatámos que os campos de Beja eram de policultura, com zonas de cereais, vinhas, olivais, montado, pastagens e hortas. Procurava-se colocar cada cultura no local mais propício e tentava-se diversificar as produções, “não colocando todos os ovos no mesmo cesto”.

A paisagem alentejana foi-se moldando e adaptando ao longo dos tempos ao mercado e à política governamental. Neste momento o Alentejo é a região líder no mercado nacional na categoria de vinhos engarrafados de qualidade com Denominação de Origem (DOC Alentejo) ou Indicação Geográfica (Regional Alentejano), tendo uma quota de mercado de cerca de 40%.

Nos últimos 30 anos a área de vinha no Alentejo passou de cerca de 13 mil hectares para quase 23 mil hectares e de cerca de 40 produtores/engarrafadores passou-se para

quase 360, tendo a produção de vinho crescido de cerca de 40 milhões de litros para mais de 100 milhões de litros. Esta situação foi uma consequência do crescimento da procura do vinho alentejano, o que provocou uma autêntica revolução na região. O êxito continuado dos vinhos alentejanos desde o final da década de oitenta levou a que inúmeros agricultores e investidores, alguns externos e outros da própria região, quisessem investir num negócio muito rentável.

Nesta história de crescimento para o estrelato merecem destaque,

para além dos produtores e das Cooperativas Alentejanas, a Associação Técnica dos Viticultores do Alentejo (ATEVA), criada em 1983, a Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVR Alentejana), criada em 1989 e as instituições de Ensino Superior do Alentejo. Deve-se ainda sublinhar que em 1988 foram regulamentadas as primeiras denominações de origem alentejanas. Estas instituições revelaram-se mais dinâmicas, modernas e profissionais que as suas congéneres de outras regiões, apostando claramente na inovação, na tecnologia e na ciência,

tornando possível que o vinho alentejano fosse um caso de sucesso. A partir do final dos anos 80 a maioria dos produtores de vinho comprou cubas de inox com sistemas de frio, entre outros equipamentos modernos e contratou técnicos especializados que tinham saído há pouco tempo das universidades e politécnicos, tornando-se alguns deles enólogos famosos passados alguns anos. O vinho alentejano tornou-se uma marca de qualidade porque foi a primeira região a eliminar os vinhos com defeito e passou a proporcionar ao consumidor vinhos jovens, frutados, com aromas e sabores que nunca tinham experimentado. Os amantes do vinho passaram a ter plena confiança no vinho alentejano, pois sabiam que não iam ficar dececionados. Os produtores de vinho alentejano conseguiram colocar no mercado um vinho moderno, pronto a beber, cheio de fruta, quente e alcoólico, qualidades muito apreciadas nesses anos. A região passou a ser conhecida como o “Novo Mundo” de Portugal, devido às semelhanças às novas regiões vinícolas da América, África e Oceânia, no que respeita à abertura a novas castas e a processos enológicos inovadores. Durante estas três décadas os produtores alentejanos souberam adaptar-se aos novos tempos e aos novos gostos dos enófilos, e por isso, experimentaram diversos caminhos para o sucesso, mas sem perder a identidade desta vasta região. Neste momento os vinhos alcoólicos, potentes e demasiado frutados começaram a perder seguidores e o Alentejo já começou a adaptar-se a esta nova tendência que procura vinhos genuínos, elegantes e sóbrios, com frescura e mineralidade.

O concelho de Beja também se integrou nesta expansão da mancha vitivinícola alentejana no início do século XXI, altura em que surgiram os primeiros vinhos engarrafados de



**SANTA VITÓRIA
VERDELHO 2022**
Vinho Regional
Alentejano, Branco
Casta: Verdelho

Apresenta um aroma com notas de frutos citrinos. Na boca revela-se fresco e vibrante, com leves apontamentos de frutos tropicais, embora os frutos cítricos se sobreponham. Vinho jovem, com um final longo, seco e mineral, mas que merece guarda para acompanhar a sua evolução nos próximos anos.

12,5% / PVP 12 euros



**HERDADE DOS
GROUS MOON
HARVESTED 2021**
Vinho Regional
Alentejano, Tinto
Casta: Alicante
Bouschet

A cor revela a presença de uma casta tintureira, com um rubi profundo e carregado. Apresenta um aroma complexo de frutos negros e chocolate e fumados da madeira onde estagiou. Na boca é denso, com os taninos presentes, mas já

amaciados. Vinho indicado para pratos intensos de carne da cozinha regional alentejana.

14% / PVP 24,99 euros

Beja da era moderna, fruto da aposta de diversas casas agrícolas na plantação de vinhas, na vinificação e na comercialização de novas marcas. Algumas destas empresas foram

fruto de investimentos estrangeiros ou oriundos de outras zonas do país. Contudo, algumas casas agrícolas tradicionais do concelho de Beja já tinham nessa altura instaladas vinhas com dezenas de anos. O seu negócio centrava-se até aí na venda de uvas para outras empresas, mas nesse momento transformaram-se em produtores engarrafadores. O concelho de Beja passou a dispor de um conjunto de adegas modernas com tecnologias de última geração e de enoturismos de grande qualidade.

As novas vinhas do Alentejo, e as do concelho de Beja em particular, começaram a instalar-se em locais onde nem sempre tinham existido. As novas vinhas foram plantadas com alinhamento e condução modernas, com rega gota a gota, com talhões diferenciados para cada casta e sem consociação com outras culturas. Reduziu-se o número de variedades plantadas, pois selecionaram-se as castas e os clones que naquele momento parecia darem melhores garantias de sucesso: boa produção, aromas e sabores intensos. Neste momento existem oito empresas no concelho de Beja que certificam Vinho Regional Alentejano: Santa Vitória; Herdade Paço do Conde; Herdade da Figueirinha; Herdade dos Grous; Herdade da Mingorra; Herdade da Malhadinha Nova; Herdade do Vau; Herdade da Poupa. O concelho de Beja tem neste momento cerca de 740 hectares de vinha e uma produção anual de 3 a 4 milhões de litros de vinho.

Os vinhos do concelho de Beja surpreenderam os consumidores num primeiro momento e afirmaram-se ao mostrarem uma grande pureza da fruta, com aromas e sabores exuberantes, utilizando para isso uma combinação de castas regionais e internacionais. Hoje damos destaque a dois destes vinhos.

Texto: **Manuel Baiôa**
Fotografia: **Ricardo Zambujo**

JOÃO PAULO RAMÔA

Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Beja



“O Alentejo tem futuro? Tem, se o quisermos e fizermos. Está nas nossas mãos”

João Paulo Assunção Ramôa é uma personalidade incontornável do Alentejo. Figura muito popular na cidade e na região, com um envolvimento humanista na sociedade e motivações pelo bem-estar e pelo futuro dos seus concidadãos.

João Paulo é engenheiro civil, empresário (Beja, Évora, Montemor, Moçambique), Foi Governador Civil do Distrito de Beja, (2002-2005), Autarca, Vice-presidente do Núcleo Empresarial da Região de Beja (NERBE), Coordenador do Observatório do Baixo Alentejo (OBA), Presidente do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Beja (IPB) – onde foi assistente do 1º triénio em 2000. Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Beja nos últimos sete anos, nos tempos livres é ainda comentador na Rádio Pax e até já apresentou alguns dos meus livros, o último deles na Biblioteca de Beja, “Uma Vida com História: Cláudio Torres”, a Biografia deste amigo comum.

Memória Alentejana - Como acontece com Jorge Serafim, outro bejense ilustre, em destaque nesta

edição, no respectivo caderno, apetece dizer: tu és um homem dos 14 ofícios, ultrapassando o “homem dos sete instrumentos” que o Sérgio Godinho canta. Como é que compatibilizas todas estas actividades?

João Paulo Ramôa - Em primeiro lugar muito obrigado pelo convite. Parabéns Eduardo Raposo porque as perguntas que fazes são imensas, mas revelam uma preparação muito grande, pois são questões muito concretas, que percorrem uma vida cheia de actividades diversas e uma vida dedicada a trabalhar, sempre em torno do desenvolvimento da região. Julgo que o Sérgio Godinho, que aprendi a cantar e a tocar viola aos 13 anos pela mão do Monseñor Cartageno, me incluiria facilmente na letra da música da canção que referiste. Quanto à compatibilização, para mim é fácil, tendo referência em três pontos fundamentais; organização, foco e paixão.

Durante cerca de quatro anos em que desempenhaste as funções de Governador Civil do Distrito de Beja imprimiste uma liderança de proximidade, então invulgar neste cargo. Recordo-me de quando nos conhecemos pessoalmente na Casa do Alentejo – era eu vice-presidente da cultura – em finais de 2004, há 19 anos, pela mão da amiga comum, a autarca Isabel Balancho, de Santo Aleixo da Restauração. Que realizações mais marcantes destacas? Que recordações guardas?



Museu da Farmácia

Foi com pena que deixei essa função na altura em que foi. Porque, depois de um ano de aprendizagem, de um segundo ano a estabelecer e a criar ligações entre as Entidades Regionais e as Entidades Nacionais, com o conhecimento profundo do Alentejo, na medida em que percorri todo o Distrito e creio que todas as Instituições, esse conhecimento e reconhecimento me permitia estar numa fase de uma grande eficácia. A porta do Governo Civil era uma porta totalmente aberta e apartidária, quer para Instituições quer para Cidadãos. Como se fosse um Provedor do Cidadão do Distrito. Essa função extremamente necessária, deixou de existir com as várias reformas políticas que foram acontecendo. Agora, o distanciamento entre o Governo e as pessoas é enorme, e era através do Governo Civil que as pessoas chegavam às mais altas instâncias nacionais. Todas as terças-feiras a cada 45 minutos, recebia o mais singelo cidadão. Na agenda, não tinha lista de espera, e era fácil o acesso à minha função e, portanto, ao poder político. Agora isso é impossível, existe um vazio muito grande, e as pessoas quando sentem que são fruto de uma injustiça ou de algo que pretendem ser ouvidas, não o conseguem, sentindo-se desamparadas e órfãs do poder central.

“SER GOVERNADOR FOI COMO SE FOSSE UM PROVIDOR DO CIDADÃO DO DISTRITO”

Guardo imensas recordações, na altura pouco vividas pois focava-me muito em resolver os assuntos, e porque a seguir a um problema resolvido vinha logo outro para resolver. Quando uma Instituição se fecha, menos problemas tem, e quanto mais se abre, mais questões surgem. Mas foi essa a minha opção. Muitas das vezes, conseguimos ajudar mas noutras não. Só anos passados desses momentos consegui relembrar e saborear.

É muito difícil particularizar, mas posso dizer que criámos um sistema de proteção civil distrital que era inexistente. Obviamente com o tempo, o sistema evoluiu mais, mas o nosso era à data, exemplar a nível nacional. Recordo o combate à sinistralidade (passámos de cerca de 70 mortos por ano para 33, com muito trabalho e envolvimento de muita gente). Com o apoio muito próximo aos que são diferentes. Mas como atrás referido, recordo a função de Provedor do Cidadão. Além do apoio às Estruturas Administrativas Regionais, que por vezes se confrontavam com muitas dificuldades no acesso ao poder central, com maior ênfase quando envolviam vários Ministérios em simultâneo.

E o João Paulo empresário? Queres falar-nos desta tua área profissional, no âmbito do teu desempenho, número de trabalhadores, etc, o que gostarias de destacar? Como manténs o teu percurso empresarial paralelamente às funções públicas e privadas na região, como o NERBE, desde finais dos anos 90 até hoje?

Tive uma vida profissional intensa, sempre por minha conta e risco, quer criando ou desenvolvendo algumas empresas. A compatibilização entre as funções públicas com as privadas, foi uma opção inconsciente que veio do meu interior. Nada foi planeado. Exerci todas as funções por paixão. Por paixão à terra, por paixão à região onde nasci e fui criado. Estive apenas cinco anos fora para estudar em Lisboa, e dois anos na tropa, mas sempre aqui estive, nos bons e nos maus momentos da vida. A paixão pelo Alentejo e que nos transmite, levou-me com naturalidade a disponibilizar grande parte da minha vida a partir da década de 90, a várias funções nesta minha Região. Ainda hoje, mais de metade do meu dia é dedicado a várias funções, que nunca foram remuneradas. Sou pago pela gratificação, pela felicidade e pelo prazer em ajudar e contribuir para que a minha terra se desenvolva.



Aeroporto

Dirigente político local, foste autarca eleito nas listas da tua formação partidária. O que motivou essa candidatura e o que destacarias desse teu mandato?

Sempre fui social democrata. Inscrevi-me como militante depois do PSD ter perdido as Eleições Legislativas. Nas eleições seguintes fui candidato à Junta de Freguesia de S. João Baptista, depois à Câmara Municipal por duas vezes, à Assembleia Municipal, assim como à Assembleia da República. Além das várias eleições internas político-partidárias. Sempre como cabeça-de-lista. Fi-lo na base de servir a minha região e naquilo que acredito. E acredito totalmente nos princípios sociais democratas, mas respeito em absoluto e gosto da discussão ideológica, quando praticada com respeito, elevação e democracia. A sociedade evolui muito mais quando surge a discussão de vários pensamentos, do que o resultante da apatia das maiores absolutas. Parece que hoje esse é o caminho que todos procuram, mas a minha experiência política é o contrario. É bom ninguém ter a desnecessidade de ter de ouvir os outros.

“NA AUTARQUIA A DISCUSSÃO ABERTA E FRANCA SEMPRE GRATIFICANTE E POSITIVA”

Nos dois mandatos autárquicos, em que deixou de haver maiorias absolutas

(3+3+1), realço exactamente o facto de existir a possibilidade de discussão sobre os vários temas. Tínhamos a possibilidade de pensar sem restrições. Na altura houve várias discussões ideológicas (como no caso da gestão da água), e a cidade estava em franco desenvolvimento, havendo sempre temas interessantes. Mas mesmo assim, sem qualquer maioria, nunca um orçamento municipal foi inviabilizado. A discussão aberta e franca foi sempre gratificante e positiva. Até que um dia, um certo Presidente, achou que a democracia era uma chatice e entendeu “comprar” um vereador ao PS e passar a ser 4+2+1. Deixou de haver discussão, as reuniões passaram a ser inúteis e obviamente o PCP perdeu as eleições seguintes.

Em entrevista ao Correio do Alentejo (Maio de 2019, na qualidade de coordenador do Observatório do Baixo Alentejo - OBA) referias que o aeroporto de Beja “é o único do país com uma zona industrial anexa” e que se devia focar em criar condições nessa vertente. Qual é a tua posição sobre esta questão, em relação ao Aeroporto de Lisboa e ao de Faro?

Conheço o projecto do Aeroporto desde o início, do tempo do Engenheiro Guterres, em que com ele discutimos o projecto lei da constituição da EDAB. É na verdade o único aeroporto no país com uma zona industrial anexa, e é esta a sua mais-valia.

Desde que coordenei o segundo grupo de trabalho em 2011, a pedido do Dr. Passos Coelho, que a opinião pública começou a interiorizar a ideia do conceito de Aeroporto Indústria e como tal, olha para esta infraestrutura com outros olhos. Havia um mundo de assuntos para falar sobre o percurso, o ponto actual e o seu potencial futuro. Só isso daria para uma longa entrevista. Vou limitar a fazer apenas um ponto da situação da minha posição: nunca será alternativo a Lisboa mas é o complemento óbvio de Faro. A sua função fundamental é industrial (manutenção, logística). A compatibilização com o Porto de Sines é uma grande mais valia. É importante ser zona franca. O espaço está esgotado, e precisa de ser urgentemente reformulado o projecto de arquitectura. Precisa também de ser revisto o contrato de concessão, não devendo ser permitido a quem o gere actualmente, continuar a falar muito bem, até ao jeito do actual politicamente correto, mas nada fazer para que o diamante que ali temos possa ser polido. O investimento nessa ampliação e reformulação é muito pequeno. E se precisamos de uma linha férrea adequada e de estradas dignas e seguras, estas, muito pouco influenciarão as funções prioritárias do aeroporto.

“A FERROVIA DEVERIA SER UMA APOSTA PRIORITÁRIA NO PAÍS”

Como vêes o problema das acessibilidades rodoferroviárias entre Beja e o litoral alentejano, Espanha, Lisboa e o Algarve?

É fundamental porque é seguro, ecológico e no global muito mais económico do que qualquer outro meio de transporte. Como se sabe, a União Europeia dentro de muito pouco tempo não vai permitir voos aéreos em distâncias inferiores a 1000 km. Até Barcelona a alternativa ao carro, camioneta ou o camião, será sempre o comboio e nunca o avião. A ferrovia devia ser uma aposta prioritária no País. E na nossa região, nem devia estar neste patamar de discussão, mas sim como resolver uma questão que envergonha o país. Este Governo só tem conseguido embrulhar a solução. Se uma parte da CP já está vendida a estrangeiros

(carga) a outra parte vemos os privados espanhóis a querer investir, tal a oportunidade é gritante e óbvia. Mas Beja não é um problema único. Outras zonas de Portugal até com muito mais passageiros, também foram abandonados a alternativas poluentes e sem futuro. E a questão da bitola, se não fosse um caso muito sério para as gerações futuras, até seria grotesco. Mas na verdade não em graça alguma e é muito preocupante

Parafraseando «Portugal e o Futuro» do general António de Spínola, primeiro presidente da República pós 25 de Abril, o Alentejo, e nomeadamente o Baixo, actualmente debate-se com uma desertificação humana acelerada, secas sucessivas e prolongadas, a cultura intensiva do olival. O Alentejo tem futuro?

Quanto à desertificação e à questão ambiental vou tentar apenas tocar nos pontos fundamentais. Estamos a perder população a olhos vistos. Portugal vai perder cerca de 20% da população nos próximos 15-20 anos, e dos 10 milhões passamos a 8 milhões. O que leva a que nós tenhamos que olhar para a questão da imigração como um factor fundamental para o nosso futuro e desenvolvimento. Imagine-se o Concelho de Beja com menos 6 mil pessoas. Parece inviável, pois temos estruturas e economia que não pode prescindir dessas 6 mil pessoas. Precisamos então de pensar como o resolver. Os nossos jovens, atraídos por um mundo global mais atraente, continuarão a sair, e em sentido inverso, temos uma política de imigração que é uma aberração, ou melhor é uma balda. Um facilitismo e uma bandalheira total e completa que vai acontecendo em todo o País, sem qualquer critério. No nosso território só temos atraído populações sem formação, mão-de-obra barata, sem qualquer capacidade de organizar uma vida estável, quanto mais trazer a sua família e construir aqui o seu futuro. Porque o país não precisa de apenas mão-de-obra. Precisa de INTEGRAÇÃO dessas populações e que se insiram na sociedade. A nossa região está economicamente pujante, com um PIB em crescimento, mas a situação não pode continuar assim, sem regras, com total des-



prezo pelo ambiente, sofrendo anualmente com as alterações climáticas, com um rasto de destruição, como já temos exemplos noutras regiões do globo, onde as atitudes foram iguais. A voracidade económica, acompanhada pelo total alheamento do Estado, não augura nada de bom. Mas temos de ter desenvolvimento e aproveitar as oportunidades. Sem dúvidas e sem radicalismos. Mas... se o Alentejo tem futuro? Tem, se o quisermos e fizermos para tal. Por si só ou por obra do acaso ou da sorte, não terá. Está nas nossas mãos.

Relativamente ao cargo – na década passada - de presidente do Conselho Geral do IPB, quais as principais linhas de força durante o mandato? Que lembranças guardas desse período?

A primeira vez que me liguei ao Politécnico foi numa fase em que trabalhei como engenheiro civil, na gestão de vários espaços físicos. Depois leccionei uma disciplina, até que voltei a cruzar-me como Presidente do Conselho Geral durante dois mandatos. Recordo com nostalgia a Academia, os seus professores, funcionários e alunos. É um local de juventude, irreverência, procura de saber, de renovação constante. Recordo como fundamental a revolução dos novos Estatutos, aproveitando a amplitude da Lei e desenhado uma arquitetura centralizadora, permitindo que o Presidente tivesse a capacidade e responsabilidade de gerir todo o Instituto como um todo, e não como a soma de quatro partes. Tenho muita pena que não tenha envere-

dado por cursos ligados a países em desenvolvimento, que lhe permitiria, na minha opinião, ter uma internacionalização muitíssimo mais eficaz.

“CONSIDERO UM DISPARATE TOTAL E COMPLETO A EXTINÇÃO DA DRCA”

A Direcção Regional de Cultura do Alentejo (DRCA), como as outras direcções regionais congéneres em todo o país, assim como as da agricultura, vão em breve ser extintas. O que se oferece dizeres sobre este assunto e que consequências podem daí advir?

Considero um disparate total e completo. Um atentado até à democracia, pois é uma Regionalização encapotada e com a cobardia de quem tem medo de ouvir o povo novamente. Extinguem-se várias Direcções Regionais, além das que referiste, cria-se um monstro de burocracia e um número brutal de funcionários debaixo da mesma tutela, propõe-se vários conselhos de opinião e reguladores, para dar um ar de regulação, mas que pela sua composição não terão qualquer eficácia, e que resultará em nada. E nada, para a nossa região é uma catástrofe. O que se faz às escondidas e nas costas das pessoas não dá bom resultado, pois as pessoas não se revêem e não colaboram. Prevejo a burocracia do Terreiro do Paço, agora em duplicado, na Praça do Giraldo.

Candidataste-te ao segundo mandato de Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Beja por



“haver necessidade de consolidar alguns dos projectos” que tinhas iniciado no teu primeiro mandato, assim como dar “continuidade do trabalho que está a ser desenvolvido junto dos mais velhos, dando-lhes qualidade de vida em suas casas até o mais tarde possível” e ainda que “Esta missão não tem fim e inclui diversos projectos”, como referiste à Rádio Voz da Planície em Janeiro de 2020. Que balanço fazes passados três anos e meio?

Decorridos sete anos, pois estou a terminar o segundo mandato, tem sido uma função apaixonante. Uma Santa Casa não tem valências específicas, mas dedicamo-nos a intervir no que é mais urgente e necessário. E isso também significa mobilidade e capacidade de mudança constante. Destaco, além da reorganização interna, da criação de quadros técnicos que nos permite intervir socialmente, do projecto da saúde mental, do projecto “Ao Encontro do Amigo”, apoiando os idosos que vivem isolados e sem retaguarda, ao desenvolvimento do sistema informático de gestão do medicamento (Gemec), aos quatro bancos (alimentar, vestuário, equipamentos técnicos, mobiliário), da recuperação de 12 habitações, da integração de refugiados oriundos de países como Síria, Iraque, Ucrânia, Afeganistão. Temos o projecto pronto para lançar a

concurso de 40 fogos e em candidatura o edifício para 22 refugiados. Colaboramos cada vez mais com outras instituições, cedendo espaços, com apoio técnico e por vezes financeiro. Temos tido uma intervenção na área da cultura em crescente, já com programa anual próprio, não só dando vida a um edifício sede magnífico, como a um acervo documental de uma Instituição com cerca de 530 anos. Quando conseguirmos digitalizar e trazer ao acesso de todos, o acervo histórico da Instituição que em muito representa a história da nossa região, muito se saberá dos costumes do que foi a nossa terra ao longo destes mais de cinco séculos. O balanço que faço, tem duas faces. Se por um lado, é gratificante, porque contribuímos todos os dias para que alguém esteja a viver melhor, por outro lado é frustrante, pois ficam sempre muitos por apoiar. Uma nota: no futuro, cada vez os apoios sociais serão menores e os custos maiores, e será necessária uma coordenação e capacidade de as várias Instituições se complementarem e não haver redundâncias na intervenção. Caso contrário o dinheiro disponível não vai chegar...

“A CIDADELA DA MISERICÓRDIA É O NOSSO PROJECTO DE FUTURO”

Em que ponto está o projecto “Cidadela da Misericórdia”, algo em que a Santa Casa estava a trabalhar desde 2022, no sentido de receber investimentos nas áreas social e da saúde? Como tem ocorrido a colaboração com as outras entidades da cidade, nomeadamente a Câmara Municipal?

A Cidadela da Misericórdia é o nosso projecto de futuro. É um grande projecto. Neste momento está em fase de Estudo Prévio, estando aprovado a sua primeira versão. Desenvolvido em 45.000 m² de terreno dentro da cidade, É um verdadeiro polis na área social e de saúde, já que os projectos estão a ser desenvolvidos nestas valências, Terá estruturas de saúde, de lar, de residências autónomas, de áreas de apoio social

domiciliária, de espaços de integração e formação profissional. Na nossa opinião é um projecto do século XXI, que terá de ter uma componente privada e uma componente social que usufrua do rendimento da primeira. O espaço é todo aberto, sem muros nem barreiras arquitectónicas entre as várias valências de modo a criar uma interdisciplinaridade moderna. Com muitos espaços verdes, sem circulação automóvel além dos veículos prioritários, É evidente que a Santa Casa não tem capacidade nem financeira, nem logística ou de gestão, para desenvolver um projecto desta dimensão. Mas sem projecto nunca conseguiríamos estimular parceiros públicos, privados ou sociais. Será desenvolvido por fases, mas será necessário ter logo de início uma visão global. Temos tido toda a receptividade por parte da CMBeja que nos financiou, por unanimidade, o anteprojecto. É um sonho. Mas o sonho comanda a vida, como bem sabes.

O Cante e o Vinho de Talha são provavelmente os dois traços identitários mais marcantes da região. Como tens acompanhado o processo de expansão / salvaguarda do Cante nestes oito anos e meio desde que a UNESCO o inscreveu nas suas listas de Património Cultural Imaterial da Humanidade, tendo presente que o segundo congresso do Cante, adiado várias vezes devido à pandemia, e que estava finalmente previsto para Outubro foi cancelado? E a candidatura de Vinho de Talha a património da humanidade? Como avalias cada uma destas realidades? Qual a tua relação pessoal com cada um deles?

Pelo que tenho observado, foi a inscrição do cante Alentejano como património Cultural Imaterial da Humanidade, que o revigorou e o retirou de uma morte quase anunciada. Hoje canta-se em todo o lado, com orgulho das raízes alentejanas, por muitos e até muito jovens. Não há razão para não acontecer o mesmo ao Vinho de Talha. Nada tive a ver nem intervim nessas candidaturas. Mas um profundo agradecimento a quem acredi-

tou e tornou realidade essa distinção. Obrigadíssimo, malta.

Tens estado ligado à Rádio Pax, tens apresentado livros meus, o que já aconteceu em Santo Aleixo da Restauração, em Almada e em Beja, este último a Biografia de Cláudio Torres, amigo comum. Mas recordo o que disseste em Santo Aleixo da Restauração, em Agosto de 2006 – poucos meses após uma eleição presidencial onde apoiamos publicamente candidatos diferentes, tendo sido tu o mandatário em Beja do presidente eleito. E dizias a abrir: “Eu e o Eduardo temos algumas coisas que nos separam mas temos uma coisa que nos une: o grande amor que temos ambos pelo Alentejo”... Está tudo dito. Preocupado com as dificuldades quotidianas dos(as) bejenses, como vês a situação actual do país em geral e do Alentejo em particular? E as populações migrantes na cidade e na região.

Tenho que reconhecer que tens uma memória extraordinária. Tive a honra de apresentar um livro teu, assim como a Biografia do Cláudio Torres. Apesar de irmos de áreas políticas muito diferentes e até termos estado em campo opostos (eu e o Cláudio fomos cabeças de lista nas mesmas eleições para a AR), mas sempre houve uma empatia e um respeito muito grande que levou a uma amizade genuína e pura. E tudo começou pelo que disseste, “Pelo grande amor que temos pelo Alentejo”.

Política partidária à parte, o futuro não se apresenta risonho, apesar de poder ser vibrante e entusiasmante, pois as mudanças terão de acontecer, mais tarde ou mais cedo. Vejo uma classe média a desaparecer, num país já com dois milhões de pobres e outros dois milhões a empobrecer, a necessitar de reformas e desígnios que nos una e fortaleça, a caminhar a passos largos para a cauda da Europa, subsidiário-dependente dos fundos europeus, reféns da oligarquia financeira mundial, com muito pouco futuro interessante a oferecer aos nossos jovens (só no ano passado saíram mais de 165 mil). Com apostas



Projecto de Bairro com 40 fogos - Santa Casa da Misericórdia de Beja

contrárias ao futuro (exemplo a ferrovia), com envelhecimento acelerado, com a assimilação de imigração sem critério nem regras. Por outro lado, temos um povo com uma resiliência tremenda, que dá esperança que um dia o ciclo inverta, pois sempre que batemos no fundo, damos a volta por cima. E os alentejanos acompanharão o que acontece com o resto nacional. Não seremos a aldeia do Astérix, mas precisamos de políticas autárquicas coerentes, convergentes e com objetivos comuns, e não em quintais pequeninos. Tenho a convicção que se a minha geração viveu melhor do que a geração dos meus Pais, o mesmo não vai acontecer à dos meus filhos.

“A VIDA QUE VALE A PENA VIVER É UMA VIDA DE EVOLUÇÃO DINÂMICA”

Como vês o trabalho desenvolvido pelo CEDA e pela Revista Memória Alentejana – já lá vão 23 anos - na valorização da Memória identitária e da cidadania do nosso Alentejo? O que poderia ser feito que não se concretizou?

Este trabalho, é um trabalho de gente sã, mas com enorme dose de loucura. [sobre o CEDA e a revista]. Chegar aos 23 anos com essa persistência, com esse trabalho voluntário para deixar para memória futura o que estás a deixar é extraordinário. Para o futuro, muito ainda há para se

concretizar, não porque não se fez, mas porque a vida interessante e que vale a pena viver, é uma vida de evolução dinâmica. A vida é feita de coisas que não se concretizaram, pois os bons projectos nunca estão fechados. Só tu saberás o que é que há para fazer, o que se tem de fazer diferente após 23 anos, com novos desafios como a leitura digital, a internet, globalização, olhar para o local, olhar para o global... tudo tão tão diferente, mas sempre possível.

Que mensagem para o futuro gostarias de deixar aos(as) bejenses e aos alentejanos em geral?

Não sou ninguém para deixar mensagens a alguém. Tenho uma experiência de vida que é composta por muitas coisas. É composta pela minha educação, onde nasci, onde fui criado ou com quem pratiquei desporto. Com quem estudei, com quem vivi, com os meus filhos, a família que tive, com a região onde trabalhei, no que acredito, as oportunidades que tive, com os passos que fui dando, com as coisas boas que me aconteceram e com coisas más com que esbarrei. Isso é algo pessoal e, portanto, irrepetível. Apenas poderei dizer o quanto deve ser bom morrer com um sorriso nos lábios, por ter gasto a vida que nos foi dado viver...

Entrevista conduzida por Eduardo M. Raposo com José Alex Gandum

FAZER ÉVORA_27 CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

Fotos: © André Rebelo e Costa



No Alentejo, sabemos que o tempo tem outro tempo, mas 2027, o ano em que Évora, e o Alentejo, serão Capital Europeia da Cultura, parece estar já ao virar da esquina. Ao longo dos últimos anos, andámos, acreditámos, caminhámos. Agora é tempo de fazer Évora_27, de concretizar todas as propostas apresentadas no dossiê de candidatura.

Fazer uma Capital Europeia da Cultura é um processo longo e complexo, muitas vezes comparado a uma maratona, que entendemos, desde o início, como um caminho coletivo. Enquanto candidatura e agora como iniciativa, Évora_27 conta com um alargado apoio institucional, que se estende a toda a região do Alentejo que expressou o seu apoio através das comunidades intermunicipais do Alto Alentejo, Alentejo Central, Alentejo Litoral e Baixo Alentejo.

O dossier de candidatura apresentado na fase final de seleção da cidade portuguesa que seria designada como Capital Europeia da Cultura, contém a descrição detalhada da iniciativa que agora concretizamos, contemplando diferentes dimensões, desde a articulação de Évora_27

com a estratégia de longo prazo de desenvolvimento da cidade, ao programa cultural e artístico e a sua dimensão europeia, passando pelas propostas para capacitar o sector cultural e criativo e a sociedade civil, e o modelo de gestão, entre outros aspetos. Está disponível para consulta no website de Évora_27, e assume-se como um contrato de facto entre a cidade designada, por um lado, o painel de especialistas que o avaliou, o Ministério da Cultura português e a Comissão Europeia por outro. É esperado, por isso, que toda a concretização de Évora_27,

esteja perfeitamente alinhada com este documento-mestre, que é simultaneamente mapa e compromisso.

Submetido à apreciação do painel de especialistas internacionais independentes, o dossiê de candidatura que deu a vitória a Évora e o Alentejo, para representarem Portugal na iniciativa cultural mais emblemática da União Europeia, resulta de um processo contínuo de auscultação do território e de aprofundamento do conceito inspirador de Évora 27: o VAGAR, transversal a todas as dimensões da iniciativa e com forte





ressonância europeia. Mais do que serem meramente envolvidas, as comunidades de Évora e do Alentejo são cocriadoras da iniciativa. Nos últimos anos, num amplo processo participativo que continua em desenvolvimento, estas comunidades deram os seus contributos e propostas, e continuarão a fazer parte dos projetos culturais e artísticos, participando ativamente nos processos criativos e dividindo o palco com artistas profissionais.

VAGAR, uma palavra que conhecemos bem no Alentejo, atravessa cada um dos capítulos do dossiê de candidatura, permeia cada uma das propostas e ganha um novo fôlego e uma dimensão muito mais extensa, e ainda mais profunda, indo muito além das fronteiras do território. Sendo um modo de ser e de viver aperfeiçoado ao longo de milénios no Alentejo, o VAGAR surge como “uma outra arte de existência” que agora queremos levar à Europa e ao mundo, porque acreditamos que o mundo precisa dele.

Neste sentido, o principal objetivo de Évora_27 é **afirmar o VAGAR como princípio para uma coexistência mais pacífica com tudo o**

que nos rodeia. Neste movimento, queremos restabelecer a ligação de Évora e do Alentejo com o resto da Europa; empoderar as suas comunidades, e restaurar a sua voz; promover o desenvolvimento social, cultural e económico da região; contribuir para ultrapassar os atuais desafios europeus e desenvolver novas colaborações locais, regionais, nacionais e europeias sustentáveis.

Mais do que uma sucessão de eventos, Évora_27 Capital Europeia da Cultura é, assim, um projeto progressivo de transformação da cidade e da região. O programa cultural e artístico que será executado entre 2023 e 2027, é um convite a experienciar as diferentes dimensões do VAGAR, envolvendo uma grande seleção de artistas e organizações culturais locais, nacionais e internacionais. Para acolher a iniciativa cultural mais emblemática da Europa, propomos um programa com mais de uma centena de projetos, que acontecerão não só em Évora, mas por todo o Alentejo, cruzando arte e ciência, diferentes disciplinas artísticas, artistas e públicos, local e global, para lançar questões urgentes sobre o futuro da Humanidade. 56 proje-

tos que correspondem a 70 por cento do programa cultural e artístico estão já definidos no dossiê de candidatura, sendo que serão ainda contemplados cerca de mais 55 projetos que serão selecionados a partir de quatro open calls, chamadas, entre 2023 e 2025.

Para isso, o dossiê de seleção, reafirma a manifesta intenção de transformar Évora, e toda a região que acolhe, e vive, a Capital Europeia da Cultura, num laboratório vivo do VAGAR para discutir o paradigma do Antropoceno e aprofundar as relações entre humanos, universo, natureza, através do recurso ao poder disruptivo da arte e da ciência. Com a cultura, e as pessoas, ao centro, Évora e o Alentejo serão um lugar que questiona, provoca e partilha soluções para um futuro mais sustentável, inclusivo e belo na Europa e no mundo, reunindo artistas, cientistas e públicos para uma reflexão urgente sobre a relação da Humanidade com tudo o que a rodeia.

Paula Mota Garcia
Coordenadora da Equipa
de Missão Évora_27

EDUCAÇÃO POPULAR NA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Fotos: da Universidade Popular Túlio Espanca



Aula no âmbito do dia da Universidade Popular Túlio Espanca

De acordo com a Constituição da República Portuguesa, “todos têm direito à educação e à cultura” (n.º 1 do artigo 73.º, Decreto de 10 de Abril de 1976). A educação não se restringe, contudo, a uma idade ou espaço específicos. Ela ocorre ao longo da vida, em diferentes contextos educativos.

O exercício da cidadania é um processo pessoal e pressupõe uma ação deliberada do indivíduo com a finalidade de construir uma capacidade pessoal, autónoma e responsável de se autodeterminar, de acordo com os seus princípios e valores fundamentais. Nestas condições, o exercício da cidadania é um verdadeiro processo de aprendizagem permanente (Nico & Nico, 2023).

A Universidade Popular Túlio Espanca/Universidade de Évora (UPE/UE) foi fundada no ano 2009 e, assume-se, desde o seu início, como uma unidade científico-pedagógica prevista nos Estatutos da Universidade de Évora. Desde a sua criação, a UPE/UE estabeleceu, como objetivo estratégico, o desenvolvimento de uma atividade, em estreita parceria com os atores institucionais da região Alentejo (autarquias locais, associações, casas do povo).

O modelo educativo da UPE/UE assenta em 10 princípios básicos (Nico & Nico, 2018):

1. Valorizar e integrar as dinâmicas educativas existentes em cada território;
2. Respeitar a autonomia de cada projeto educativo;
3. Promover o trabalho cooperativo;
4. Valorizar os conhecimentos científico e experiencial;
5. Promover a intergeracionalidade;
6. Promover a participação ativa dos estudantes da Universidade de Évora;

7. Considerar a realidade na investigação científica;
8. Privilegiar a investigação científica na intervenção na realidade;
9. Promover a presença da realidade na formação graduada e pós-graduada;
10. Estar presente nas redes de comunicação, resultado da parceria estabelecida com o grupo de comunicação social «Diário do Sul», instituição fundadora do projeto.

Neste momento, a rede é constituída por 13 polos localizados em São Miguel de Machede/Évora, Alandroal, Portel, Viana do Alentejo, Barrancos, Reguengos de Monsaraz, Canaviais/Évora, Bacelo e Sra. da Saúde/Évora, Cano/Sousel, São Manços/Évora, Redondo, Vila Viçosa e Cuba.

Os destinatários das atividades de educação popular dos vários polos são todos os que queiram aprender (e outras vezes ensinar), independentemente da sua idade, escolaridade ou condição socioeconómica. A frequência é gratuita e a participação tem uma certificação social.

Entre 2014 e 2018, a UPE desenvolveu dois projetos, ambos financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Programa de Projetos de Desenvolvimento do Ensino Superior – Projetos Inovadores no Domínio Educativo 2014 e 2016, respetivamente:

1. «Janelas Curriculares de Educação Popular na Universidade de Évora: para um conhecimento académico mais humanista e solidário (2014-2016);
2. «Currículo, Educação Popular e Responsabilidade Social» (2016-2018).



Encontro de Estudantes da Universidade Popular Túlio Espanca em Reguengos de Monsaraz

O primeiro projeto concretizou-se entre 1 de setembro de 2014 e 31 de agosto de 2016. Nele, emerge o conceito de «*janela curricular*» entendido como um segmento do processo de aprendizagem e de avaliação dos estudantes, nas unidades curriculares que estes frequentam, no âmbito do respetivo curso/plano de estudos (com maior frequência na Licenciatura em Ciências da Educação). Uma das componentes pode consistir na realização de um trabalho de natureza mais prática. Ao mesmo tempo que mobilizam os conhecimentos mais teóricos, na preparação de algumas atividades de aprendizagem, os estudantes adquirem outras competências (de liderança, de perfil humanista e social) e proporcionam oportunidades de aprendizagem aos destinatários daquelas atividades (Nico & Nico, 2016).

A concretização do projeto contou com uma forte participação da academia (docentes, discentes, técnicos) e dos Polos da UPTe/UÉ (coordenadores, técnicos e estudantes). As atividades de aprendizagem organizadas destinam-se à participação dos estudantes de diferentes idades, gerações, experiências e conhecimentos (de natureza científica e/ou popular).

A natureza das «*janelas curriculares*» concretizadas estão tipificadas em visitas de estudo, palestras, colóquios, cursos breves, entre outras (Nico & Nico, 2016).

O segundo projeto concretizou-se entre 1 de setembro de 2016 e 31 de agosto de 2018. Neste projeto, deu-se continuidade ao que havia sido feito no primeiro, promovendo-se novas «*janelas curriculares*» e envolvendo-se um maior número de participantes, dentro e fora da academia.

Através da UPTe têm vindo a ser proporcionadas oportunidades de aprendizagem aos cidadãos do território do Alentejo e conferida uma utilidade social imediata ao conhecimento académico, através da sua disponibilização com recurso a dispositivos didáticos desenhados e concretizados, de acordo com o perfil pessoal e institucional dos que neles vão participar (Nico & Nico, 2016). Tratam-se de oportunidades privilegiadas de socialização do conhecimento científico e cultural produzido e ensinado na Universidade de Évora e um instrumento adequado para a concretização da responsabilidade social da academia, junto da região Alentejo e das comunidades locais aí residentes (Nico & Nico, 2018).

Bravo Nico & Lurdes Pratas Nico

Universidade Popular Túlio Espanca/Universidade de Évora

REFERÊNCIAS

Decreto de 10 de Abril de 1976, da Assembleia Constituinte. Diário da República n.º 86, Série I de 10-04-1976. <https://files.dre.pt/1s/1976/04/08600/07380775.pdf>

Nico, Bravo, & Nico, Lurdes (2016). *Janelas Curriculares de Educação Popular na Universidade de Évora: para um conhecimento académico mais humanista e solidário*. Edições Pedagogo e Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora. <http://dSPACE.uevora.pt/rdpc/handle/10174/18917>

Nico, Lurdes, & Nico, Bravo (2018). *Currículo, Educação Popular e Responsabilidade Social*. De Facto Editores. <http://dx.doi.org/10.5935/978-989-8557-93-3>

Nico, Bravo, & Nico, Lurdes (2023). *Educação, cidadania e associativismo local*. In J. Areias, J. Pereira & M. Lopes (Eds.). *Associativismo e Animação Sociocultural: reflexões e inquietações à volta da educação, autonomia, participação, voluntariado e cidadania* (pp. 153-160). *Intervenção-Associação para a promoção e Divulgação Cultural*. ISBN 978-989-35023-0-3. <http://hdl.handle.net/10174/34969>

LUÍS AFONSO

Jornalista



“A cabeça é para ser usada. Se possível, pela própria pessoa.”

Luís Afonso, referência maior do cartoonismo nacional, iniciou o seu percurso em 1984, quando no bar da Faculdade uns amigos lhe sugeriram levar “uma banda desenhada pequenina, de quatro páginas”, a o diário, onde o chefe de redacção, Armando Pereira da Silva lhe propôs fazer um cartoon, “coisa que nunca tinha experimentado”. Na semana seguinte pediram outro. “Desde então só parei duas semanas em Setembro de 2019, quando tive uma dissecação da carótida”. É assim, sem papas na língua, que refere no jornal da exposição que teve no início deste ano na Casa da Imprensa, este alentejano nascido em Aljustrel que se radicou em Serpa há três décadas e meia, em 1988. Luís Afonso, amigo fraterno, sócio do CEDA desde sempre, que faz questão de garantir que cumpre escrupulosamente o Código Deontológico da profissão de jornalista, de que detém a carteira profissional.



CARLOS ROSA

Tecelão, músico, activista...



Fotos: Eduardo M. Raposo

Precisamos de políticos com coragem, de seres humanos livres e independentes...

Nasceu em Almodôvar em 1958, bem no Sul, paredes meias com o Algarve. Artesão, tecelão, músico, cantor, percorre o país em feiras, exposições e espectáculos a divulgar a tradição da tecelagem que na família terá 300 anos de vivência, mas também a música popular e tradicional, presente em programas televisivos. Chama-se Carlos Rosa e é um amigo fraterno.

Carlos, se o artesanato e a tecelagem é um dos teus amores, a música e a poesia não o serão menos. Como é que compatibilizas essas múltiplas actividades? Tu que também tens activas preocupações pelo defesa do ambiente. Tu que praticas activamente a fraternidade pois és presença assídua quando apresento livros no Alentejo.

A minha actividade principal é a tecelagem uma arte que já vem de família, pois tenho 300 anos de atividade ligado a tecelagem na família, a minha bisavó era tecedeira, a minha avó fiadeira e fazia meias de 5 agulhas e outros produtos ligados ao fio, a minha mãe é uma excelente costureira e também faz meias de 5 agulhas, crochet e outros produtos tradicionais como os bordados dos alforjes, etc...

Tenho neste momento a minha oficina na aldeia dos Curvatos, e participo em várias feiras por este país fora, nomeadamente a Feira Nacional de Artesanato de Vila do Conde, a FIA Lisboa, Feira de Tavira, assim como vários festivais, o Islâmico de Mértola ou o Festival de Djidiridoo e outros...

A musica tradicional do Alentejo é outra das minhas paixões, principalmente acompanhada de parte instrumental. Estou ligado a uma associação de música "Os malteses" que também contempla o grupo de musica popular "Os Malteses". Já estive ligado a vários projectos de música tradicional com os "Cantares da meia noite" com o Pedro Mestre, os "Artesãos da Música" e ultimamente o grupo "Beira serra". Tivemos vários



CD's editados, dois com os Malteses, um com os artesãos da música e um com os "Beira serra".

Sou o presidente da ARMA (Associação Regional de Música Tradicional do Alentejo), com sede em Serpa, que pretende promover e defender os grupos de música tradicional do Alentejo.

Sou um convicto militante cultural, pois sem cultura não se tem sensibilidade para defender outras causas. Um agente associativo de longa data, presidente de duas associações culturais e musicais, presidente de duas mesas de assembleia geral, e estive na grande luta para a obtenção da Carta de Artesão. Sou ainda um dos fundadores do "Manifesto Artesão" que luta pela normalização na obtenção de novas cartas de artesão, a redução do IVA para o artesanato e uma regulamentação para as organizações de eventos de artesanato e outras questões ligadas ao artesanato.

As preocupações ambientais prendem-se essencialmente com a herança que vamos legar aos nossos filhos e netos. Que planeta e futuro será o deles e das gerações vindouras?

Este mundo está coberto de capitalistas que só pensam neles ... e os que vierem a seguir que fechem as portas, oportunistas que criam estratégias para o enriquecimento pessoal e que não olham a meios e o nosso governo e outros são aliciados a seguir a tendências sem olhar as consequências.

Precisamos de políticos com coragem, de seres humanos livres e independentes! ... não será o caso neste momento, mas políticos capazes de enfrentarem o que está a acontecer à nossa volta: aquecimento global, abates selvagens de árvores para plantar painéis solares e moinhos negligenciando os verdadeiros impactos ambientais: As pessoas, e trabalhar em prol das comunidades, sejam elas urbanas ou rurais. Encontrar soluções que futuros políticos poderão contrapor às apresentadas por estes lobos que nos estão a espoliar das terras e tradições deixadas pelos nossos antepassados.

Precisamos de decisores com uma cultura diferente das políticas culturais apresentadas nos últimos anos em que vimos o nosso património a ser vendido e saqueado, seja ele material ou imaterial.

Há que estabelecer novos valores, em que os verdadeiros valores humanos sejam mais valiosos do que o valor monetário ou económico, em suma: uma carta dos valores humanos, mas verdadeira, não uma hipocrisia como o que acontece no Conselho de Segurança da ONU.

"O MEU PROJECTO PARA O FUTURO É A SOBREVIVÊNCIA DA MINHA ARTE, A TECELAGEM"

Como vê o futuro das questões patrimoniais e ambientes neste Alentejo pouco lembrado pelos decisores e quando há alterações parece ser para pior, como a anunciada extinção da DRCA?

Neste momento, este país está a saldo, e o Alentejo não foge à regra, vejamos o que acontece em Melides, a destruição da costa para mega projectos turísticos para ricos, comporta destruição da orla costeira para construção desenfreada só para alguns. Abate de sobreiros para a chamada instalação pela EDP de moinhos eólicos, sobreiros com 400/500 anos, mas



deixamos os eucaliptos em paz, verdadeiros fosfenos plantados no nosso coração. Em Mértola a previsão de instalação de uma mina a céu aberto para exploração de ouro. Por isso não interessa uma Direção Regional de Cultura que poderia bloquear por causa de um monumento antigo que não interessa. E tudo isso com o parecer do ministério do ambiente, através do Conselho Nacional do Ambiente. Outros valores monetários e sombrios se levantam, interesses que vão para além do que imaginamos como a compra do nosso voto nalgumas instâncias internacionais. É tempo do povo e dos Alentejanos abrirem “a pestana” ou quando a abrirem, será demasiado tarde e teremos uma paisagem vazia de ambiente e cultura.

Projectos em curso ou para o futuro?

O meu grande projecto para o futuro é a sobrevivência da minha arte, a tecelagem na minha região, no meu concelho e no Alentejo. Tenho um projecto

para avançar com uma oficina de tecelagem em Sta. Clara-a-Nova, já temos os teares, material e o espaço, precisamos de criar três postos de trabalho durante um ou dois anos para por as coisas a estabilizar. Existe um estudo do mercado que diz que poderemos ser rentáveis, basta uma breve formação. Eu estou disposto a dar algumas das minhas encomendas que não consigo fazer e dar vazão. Como diz o Jorge Palma: “Enquanto houver estrada para andar a gente vai continuar”, esse é o meu lema e nem a reforma que é pequena mo vai alterar. Quanto ao resto vamos continuar a andar por este Portugal fora, antes que eles o mudem ou o transformem em algo que nada tenha a ver com o que Fernando Pessoa e o Padre António Vieira, no seu Quinto Império, visualizaram para este pequeno país, mas tão grande na diversidade cultural, ambiental e arquitetónica.

O que pensas do CEDA, da Revista Memória Alentejana e do

trabalho desenvolvido na valorização da memória identitária e da cidadania do nosso Alentejo – já lá vão 23 anos. Que sugestões darias para acções a realizar ou assuntos a tratar?

Sigo esta revista desde os seus primórdios e como todos os temas ligados ao Alentejo me interessam, leio com prazer o seu conteúdo que acho muito interessante. Gostaria de uma participação mais ativa quando certos problemas são enunciados, mas deve haver mais interação, com os leitores e com os Alentejanos. A tendência é de ficar passivo e penso que já chega de passividade. Precisamos de agir, fazer deste território, que é um terço de Portugal uma força que se possa exprimir com mais visibilidade. Proponho um evento que possa divulgar melhor a revista e o Alentejo em particular, o seu cante, a sua música, a sua gastronomia, a sua poesia, a sua cultura no seu todo. Mas um evento que não seja depois cristalizado como acontece com muitos outros ou então deturpado ou politizado.

Esta revista precisa de ser um defensor do Alentejo face os grandes interesses que o estão neste momento a destruir, mesmo o próprio Estado quando cumplice dos muitos crimes ambientais e não só, que estão a fazer do Alentejano uma espécie em vias de extinção.

A luta continua e está cada vez mais agreste, pois verificam-se ataques em várias frentes e temos de estar atentos ou sucumbiremos a uma destruição maciça. Os crimes estão a acontecer a nossa volta e por vezes não o vemos.

Era bom uma frente mais unida, onde esta revista pode ter um papel importante.

Um lema para o futuro?

O Alentejo é alma!

O Alentejo é coração!

**Entrevista de
Eduardo M. Raposo**

Da desertificação à teimosa esperança no futuro

O silêncio angustia-nos. Ninguém, ruas desertas, nem o habitual latido. Portas e janelas fechadas, casas vazias, muitas já com a marca impiedosa do tempo e do abandono. Parreiras secas, poiais onde já não há quem se sente. A antiga venda já fechou portas há muito. Umhas quantas casas têm um aspecto mais cuidado, são dos poucos que ainda lá vivem e dos filhos que partiram e que as mantêm.

Aqui, como em muitos outros lugares, aldeias e vilas do Alentejo, a vida agoniza, o tecido humano envelhece rapidamente.

Com um terço da área de Portugal continental, o Alentejo detém menos de oito por cento da sua população. Dos quarenta e sete concelhos só cinco têm registado um tímido crescimento populacional, consequência do surgimento de ilhotas de localização industrial em Évora, Vendas Novas, Castro Verde/Minas de Neves Corvo e Campo Maior, mais a plataforma logística, portuária e industrial de Sines.

A desertificação invade o interior do Alentejo e enche os lugares de solidão. A desvitalização económica e social decorrente da falta de trabalho regular e devidamente remunerado e de outras condições básicas de sobrevivência, determinam a partida dos mais jovens e qualificados em busca da vida que aqui, há muito, lhes é negada. Dos que restam, a maioria vive abaixo do limiar de pobreza. Este, na origem, é o resultado acumulado de décadas, para não dizer séculos, de um povoamento e de uma economia, predominantemente agrária, constringidos pela forte concentração da propriedade fundiária e atavismo das suas formas de exploração e pela marginalização política. Até finais do século passado, podemos dizer que o Alentejo, com excepção de alguns empreendimentos hidro-agrícolas, do complexo mineiro e de Sines, foi marginalizado no planeamento e estratégias do investimento público, da industrialização e do acesso ao conhecimento.

Hoje, a desertificação humana atinge mais de dois terços do território. Os indicadores de referência do desenvolvimento económico-social permanecem, no geral, significativamente aquém dos valores médios nacionais.

Pode parecer um contra-senso dizer que o Alentejo rural continua a empobrecer em plena fase de evolução de um "novo capitalismo" na agricultura, emergente com a concretização do Alqueva, com o acesso a vastos recursos financeiros de programas comunitários, com a formação de um novo tecido empresarial e o alargamento a novos horizontes económico-productivos. Pode parecer, mas não o é, mesmo tendo em conta que o sector tem registado crescimento económico. Neste contexto, como entender a afirmação que o Alentejo rural continua a empobrecer?! Para o entender, não podemos cingir a avaliação apenas aos factores técnico-productivos, aos interesses, objectivos e resultados de exploração estritamente economicistas, como se as dimensões humana, económico-social e ambiental se pudessem excluir, subordinar ou reduzir à dimensão económica da produção/lucro.

A verdade, é que a "nova agricultura" (da monocultura intensiva, da sobre-exploração dos recursos naturais e humanos), em regra, não tem proporcionado mais trabalho aos residentes, nem mais nem melhor distribuição do rendimento, nem desenvolvimento sócio-económico.

Impõe-se uma estratégia político-económica orientada para fazer convergir o crescimento da econo-

mia com a correção das profundas assimetrias intra-regionais e de inverter o caminho para a desumanização do território rural. Tem de se acelerar o processo de transformação da base económica da Região; orientar a política agrícola para a diversificação da economia rural, para uma gestão sustentável dos recursos, protegendo a biodiversidade, o solo e os recursos hídricos para mudar do actual paradigma e evoluir para o desenvolvimento territorial policêntrico como via para reduzir os desequilíbrios económicos e demográficos, promovendo a desconcentração do investimento industrial e dos serviços; melhorando a mobilidade inter e intra-regional por via da requalificação e reforço das redes viária e ferroviária e dos transportes públicos; requalificando os centros urbanos, tornando-os atractivos e impulsionando a actividade económica. É preciso avançar na diversificação da economia; na modernização, consolidação e criação de novas indústrias; na Investigação e na Inovação; no reforço e democratização do conhecimento; no incentivo e promoção da actividade turística, nela incluindo o agro-turismo e a preservação, valorização e promoção do património natural e paisagístico, histórico e cultural.

O caminho a percorrer vai da desertificação à teimosa esperança de um futuro verde. Apesar de tudo, ainda podemos ir a tempo.

Restaurante A Adega - São Domingos



Foto: Ana P. Neto

A propósito de conhecer um pouco sobre o território onde o meu querido sogro passou a infância, deambulei com a família por parte que desconhecia do Alentejo litoral, no concelho de Santiago do Cacém.

Habituada aos cheiros marítimos e aos sabores que eles me estimulam, foi um prazer sentir a diferença potenciada por um calor estival, quase abrasador. Na deambulação, que começou uma hora antes daquelas que são habitualmente consideradas horas de descanso e de repasto diário, ao meio do dia, cresceu a minha vontade de estar sentada num local fresco onde pudesse comer e beber.

Nos lugares por onde passávamos não havia qualquer estabelecimento de restauração, apenas a minha imaginação trespassando as paredes das casas, algu-

mas com contrafortes, tornava quase real os atos de manducação de acepipes alentejanos.

Chegada a São Domingos, visualizei A Taberna, bem no centro da aldeia. Tal qual oásis após a travessia de um deserto, com a indicação gráfica bem visível e pessoas à porta que supostamente atestavam, pelo número, a qualidade ou dos produtos ou do serviço. Um pequeno espaço público com bancos de jardim, protegidos do sol por um túnel verdejante, ali perto, reforçou esta imagem hedonística.

Não há falta de espaço para estacionar e o tempo pode ser alargado para cumprimentos e conversas que se guardam no aconchego da lembrança. O meu sogro ficou feliz por ter lá comido e ouvido notícias sobre amigos e vizinhos, com os quais partilhou a sua infância e, eu e o meu marido, ficámos mais instruídos e saciados de tudo o que sentíamos falta naquele dia.

A ADEGA

Largo 25 de Abril, nº 7 em São Domingos

Não colocando imagens do estabelecimento, refere-se a gestão e serviço familiar, com cuidado na decoração temática, com alguns pormenores de utensílios da etnografia rural.

Uma oferta gastronómica com cunho de tradição culinária caseira, com inclusão de tempero da zona.

Pese o facto de haver na carta designações de pratos que podemos encontrar em todo o território nacional, verifica-se a inclusão de alguns pratos com designação caracteristicamente alentejana, como nas migas, sopas e carne.

Simpatia no acolhimento, sendo a anfitriã, a dona do restaurante que, para além de confeccionar as refeições, assume as tarefas de mordomia da casa e da terra. Assim, este local é um espaço que acolhe quem vem de fora para conhecer e encontrar pessoas.

Um espaço que tem na gerência o gosto pela salvaguarda da memória. das estórias e das pessoas que configuraram os sabores deste território.

Voltaremos mais vezes, sem dúvida.

Ana Pereira Neto

ISEC Lisboa e CHAM, UNL

Alcarias - aldeia do concelho de Ourique

Fotos: Ana P. Neto



Mais uma vez, apresento um conjunto urbano como se fosse uma unidade de acolhimento, a propósito de uma casa, cuja foto em baixo deixo, apaixonei-me por Alcarias, pequena aldeia do concelho de Ourique

Esta imagem, embora não contenha pessoas tal como todas as casas e ruas por onde passámos em diversas ocasiões, mantém a essência de um passado que se preserva bem no presente. O cuidado na manutenção da traça arquitetónica,



o respeito pelos materiais e simbólica utilizada, são alguns dos indicadores da estima de cuidadores invisíveis bem patentes em todo os espaços e lugares. O “poi-alinho” com sombra e o banco convidam a supostas conversas e à descoberta do “outro”.

O privado acolhe o público e este o privado. Um convite feito com braços abertos, com água fresca que pode ser usada por forasteiros com sede, chegados no pino do calor. A presença, ainda que virtual, das pessoas que cunharam a alma dos lugares encontra-se patente também em pequenos azulejos com poemas que atestam a essência do povo e a presença benemérita de que deixa registo em assinatura para a posteridade.

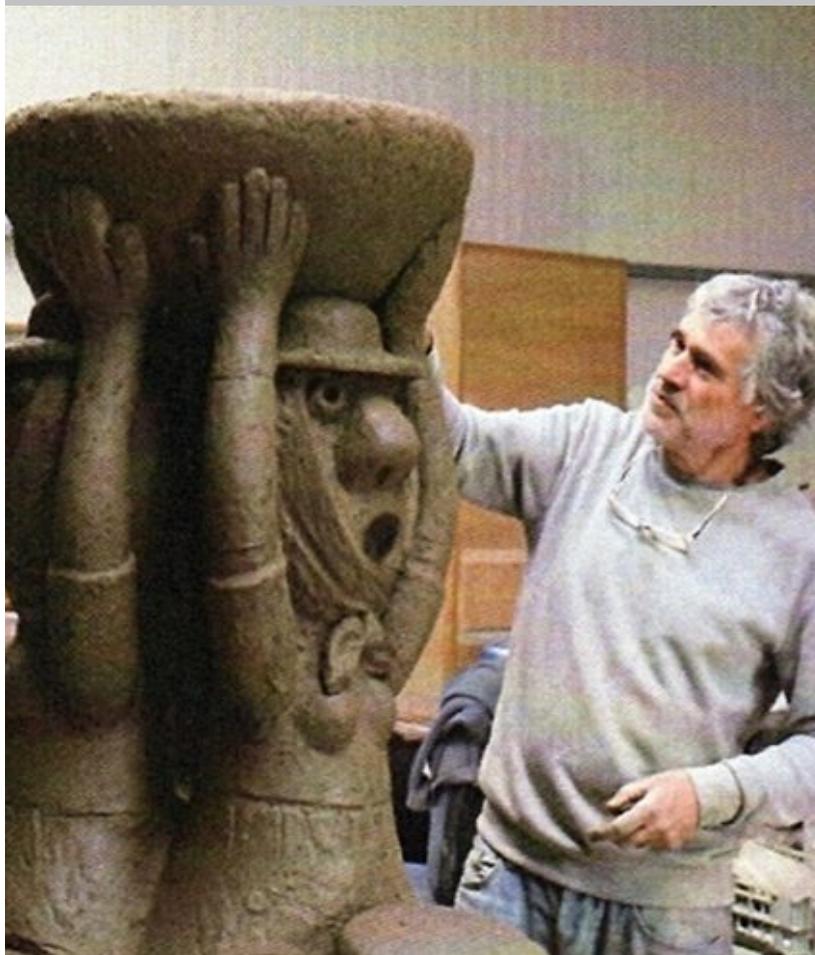
A preocupação com o registo visual para leitura do visitante é bem patente, até na interpretação de traços culturais para os quais possa não haver explicação, nomeadamente para quem não detém os códigos de interpretação simbólica. O exemplo de “Argola para animais” que nos induz à percepção de que os animais utilizados como veículo de transporte tinham presença nesta terra, cabendo-lhes locais, e utensilagem. E, como bem preciosos, tinham de ser cuidados para que não fossem roubados ou fugissem por má obra do destino...

ALCARIAS

Um local- casa para retemperar corpo e espírito, tão à maneira do que é atributo para o bem-estar que é identificado, para muitos como eu, pela ausência de *show-offs* de quem presume de turista em tempo de pausa de trabalho quotidiano. Basta passar por lá e sentir o que não é habitual. ver a paisagem com a grandiosidade das nuvens, sentir o vento e olhar para os indicadores da mudança de rumo deste materializados em figurinhas apostas no cume dos telhados ou nas chaminés. A ausência de estabelecimentos comerciais é também uma nota marcante. Uma ilha bem ao nível dos lugares imaginados da obra de Alberto Manguel (1980). Dictionary of imaginary places, bem no meio de um território que ainda mantém marcas da cultura tradicional associada ao regadio.

Ana Pereira Neto
ISEC Lisboa e CHAM, UNL

Uma Fonte de Amizade no Centenário da Casa do Alentejo



temos, após a subida das escadas, no átrio conhecido como árabe, a Fonte de Amizade.

Obra de um alentejano de valor, escultor nacionalmente reconhecido, Jorge Pé-Curto, foi a quem calhou dar ainda maior relevância ao espaço que recebe o visitante.

Valor artístico que convida de imediato a reconhecer que entramos no Alentejo do Cante, das ceifeiras que já não existem mas moldaram a paisagem regando-a com o seu suor, dos ganhões que deixaram de ter gado.

Passado e Presente numa obra de onde a água flui como regato para dar de beber a todos os seres sequiosos que somos e seremos. Sequiosos de amor, de paz, de cultura, em comunhão com os simples animaizinhos nossos irmãos, habitantes da terra na mãe natureza.

Com a devida vénia, reproduzimos o texto de João Monge, nosso conterrâneo e galardoado letrista e dramaturgo nacional, escrito para homenagear o escultor e a nova obra artística inaugurada: *“Quando a nascente da ribeira ecoa nas paredes das casas toda a lonjura e as taramelas do calor se desvanecem aos nossos pés. É assim que resistimos. Os nossos ombros têm a forma dos braços que neles se apoiam. É assim que surge o “ponto”, é assim que surge o “alto”.*

A amizade é um bicho de roupa branca e, tal como a água, só se veste da vontade para se despir da forma. São corações “a tempo” que fintam as agruras da planície para a ribeira desaguar em paz.

“Dá-me uma gotina de água” mais do que um pedido é a prova de

100 anos, há quem diga que é um número redondo.

Nunca vi um número redondo, desconheço a origem de tal despau-tério e reconheço que viver essa quantidade de aniversários é algo que não toca a todos, muito menos a Associações Regionais ou outras.

A Nossa Casa do Alentejo, agora que tem rosto novamente lavado e demonstra uma vitalidade vibrante de existência na diversidade das iniciativas que produz e acolhe, para além dos turistas que a invadem com a reverência de quem está num espaço místico, onde se continua a reproduzir nos cheiros e sabores a

terra berço distante que está no sangue dos que dela se encontram afastados pela vida, ganhou agora a sonoridade da água que flui pingando, acompanhando as modas que povoam as memórias e a lembrança do calor intenso que nos temperou como ao ferro, na nossa forma de sermos solidários, de demonstrar a amizade entre nós e pela humanidade, que sentimos e somos parte, agora ainda mais que passámos a ser vários patrimónios dela própria.

Vai a prosa longa e já faz sede.

Na verdade este relambório é para dar a conhecer que agora

confiança que alguém nos ajudará a secar o rosto. Porque essa, a água do rosto, não se bebe por ser salgada.

As gentes do “canto chão” alimentam-se de água doce para transpirar o mar inteiro. É isto que levamos: a sede e a amizade na barriga de um cocharro.

Sorrimos das goteiras da telha vã e inventamos nas paredes das casas o eco das ribeirinhas e, tal como elas, desaguamos em paz junto de quem mata a sede.”

Assim se festejou e continuará a festejar um aniversário que é de uma Casa, mas que sendo mais do que da Casa é das gentes e um território abandonado pelos poderes governativos, entregue cada vez mais às empresas abutres económicos, ditas agro-alimentares de mona produção intensiva, que transformam as relações humanas, ambientais e produtivas, num espaço de lucros fabulosos e abjectos.

Vivam os 100 anos da Casa do Alentejo, os seus pretéritos e presentes dirigentes.

António Ramos

(Este artigo baseou-se no folheto comemorativo da Casa do Alentejo - 2023)



Nos 100 anos de Urbano, o Eterno Sedutor

Foi este o título do livrinho sobre ele, que em 2015 publicámos com a chancela da Colibri, cerca de ano e meio depois da sua morte, a 9 de Agosto de 2013.



Fotos: José Alex Gandum

Poderia chamar-lhe o menino luminoso. Tal era luz que irradiava daquele ser mesmo quando já octogenário – de como recordamos nesse livro – uma bela tarde ficámos calmamente à conversa por alturas da conclusão do seu *Os Cadernos Secretos do Prior do Crato*, editado em 2007, que ainda não tinha sido publicado, e ele ainda estava com o livro “na cabeça”. Então contou-me demoradamente as pesquisas realizadas, de como D. António, muito devoto sofria sentindo-se pecador por se deleitar tanto com os prazeres terrenos – teve dez filhos de dez mulheres diferentes. Daí até confidências mútuas sobre antigos amores foi um passo, desaparecendo a barreira de quase 40 anos que nos separavam, a diferença entre o Mestre e o discípulo. Era como se falasse com um irmão mais velho, confidenciando amores, as mulheres que passaram pelas nossas



vidas... o Urbano ficava com o olhar extraordinariamente luminoso e falava sempre com grande ternura de amores passados, de como sofrera quando um amor chegava ao fim., porque como dizia, “amava-as mesmo...”

Esse menino luminoso, um dos mais importantes escritores – e poeta, ensaísta - portugueses do séculos XX e inícios do XXI, um dos mais corajosos, física e intelectualmente, antes do 25 de Abril enfrentando a polícia política – de que conheceu os cárceres três vezes - até à pancada, ajudando oposicionistas das mais diversas facções – Helder Costa, António Melo que o digam – mas certamente de todos o mais generoso. O mais generoso pelo apoio aos opocionistas, o mais generoso que meia Lisboa

literária tanto deve – dando visibilidade a tantos escritores maiores da actualidade – a generosidade da coerência como dele e do irmão Miguel que doaram as propriedades agrícolas em Moura a Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a generosidade nos pequenos grandes gestos. Falamos com conhecimento de causa, pois desde que começámos a privar com ele, há quase 30 anos, em meados de 90, nunca disse que não a tantos convites que fizemos, como dizíamos “pedi-lhe tanta coisa para projectos colectivos e até para outros, nunca nada para mim pessoalmente”: Sessões da Alma Alentejana, na Casa do Alentejo, a fundação da CEDA – Casa do Alentejo, 4 de Outubro, 2000 – de que foi fundador, e sócio com participação empenhada no Conselho



Científico de CEDA e Editorial da Revista, a presidência do Prémio Literário Pedro Ferro durante três edições, a participação com belos textos escritos com três edições das Jornadas Literárias em Montemor-o-Novo – 2011, 2012 e 2013 – onde foi homenageado na última edição.

Ele que viu a sua vida devassada pela PIDE, resultando inúmeros processos no total cerca de 10.000 folhas, mais de 15.000 páginas, desde centenas de páginas com escutas telefónicas... até denúncias à PIDE de Beja, quando ele tentava arranjar apoio para “colocar” na fronteira jovens oposicionistas refractários à guerra colonial, que ele mantinha escondidos em casas “clandestinas” de amigos em Lisboa... entre a vivência do dia-a-dia, até a sua vida amorosa, transparece a sua grandeza, a sua enorme generosidade, que a todos (as) seduzia...

E sempre enfrentou a PIDE, as injustiças, sempre, até ao último minuto – já na cama do hospital falava em “ocupar” a superfície comercial frente à sua casa para distribuir alimentos pelos necessitados – teve sempre a liberdade

como valor inegociável, a todos seduziu com os seus valores, a sabedoria, a fraternidade e a delicadeza que caracterizou, caracteriza Urbano, o eterno sedutor...

No âmbito da passagem do centenário do seu nascimento, a 6 de Dezembro 2023, o CEDA levou a efeito na Feira do Livro, no dia 7 Junho, às 19h, no stand das Edições Colibri uma conversa intimista com o André Gago que acabou a amplitude prejudicada pelo aparecimento da chuva.

Já anteriormente tínhamos participado numa sessão realizada na Livraria Bertrand, ao Chiado, onde a Ana Maria Salvado, sua mulher, foi oradora.

No âmbito do centenário do nosso querido Urbano, o CEDA prepara um ciclo de cinema Transtaganano, a realizar em Almada, no final de Janeiro de 2024, que se prevê a abertura com a projecção de *O Adeus à Brisa*, documentário de Possidónio Cachapa, título do livro homónimo de Urbano editado em 1998.

Eduardo M. Raposo

DISSE-TE UM DIA

Disse-te um dia
que havia de dar-te uma estrela
tão real como os sonhos
do rio Guadalquivir
e o perfume adolescente
do teu corpo
a ondular na aurora de Sevilha
Não foste comigo a Barcelona
ver as pesadas corolas e os
mosaicos
de La Pedrera
mas esperava-me no aeroporto
de nunca antes
o rumor febril dos teus olhos
onde aprendi
que o tempo não existe
Mas a vida pode ser
também mágoa escura
bem sabes Por isso te prendo
as mãos sobre as ancas
para não fugirmos mais um do
outro
e bebo todo o sol e afinal o tempo
nos teus lábios

Urbano Tavares Rodrigues
Dedicado a Ana Maria, in *Horas de Vidro*, Lisboa: 2007, Dom Quixote

NATÁLIA CORREIA

“Por vezes fêmea, por vezes monja, uma mulher de carisma paralisante.” Foi com estas palavras que Filipa Martins, jornalista e escritora, autora da biografia de Natália Correia [‘O Dever de Deslumbrar’, Edições Contraponto, 2023, 295 páginas] começou por descrever Natália Correia. E



mais: “Intimidando pela verve de aríete e pela beleza, Natália Correia simbolizou, como poucos, as inquietações do século XX português.

Precoce e radical no pensamento feminino, vítima de efabulações e de mitos, incompreendida e amada, lançou

um olhar oracular sobre o seu tempo. Em tertúlias, que eram verdadeiras olimpíadas de confraternização lisboeta, o seu traço aglutinador envolvia, juntamente com o fumo dos cigarros, intelectuais e admiradores, que se irmanavam com párias e malditos em ideias e poemas de vanguarda”. Deslumbrante e carismática, atacou o antigo Regime na “moral caduca” deste, e elegeu o erotismo como arma política. Assim era Natália Correia, que teria feito 100 anos no passado dia 13 de Setembro.

EDUARDO LOURENÇO

Eduardo Lourenço foi professor e filósofo, mas – e sem qualquer sentido pejorativo – podia ter sido humorista. Ou podia ter sido isso tudo. E se calhar foi. Assistir a palestras ou conferências de Eduardo Lourenço era garantia de ouvir falar de assuntos do passado, do presente e do futuro sempre com pitadas de humor simples e perceptível, mesmo já na casa dos 90 anos. As assistências que o digam. Era comum encontrá-lo



na Gulbenkian a almoçar nos seus últimos anos de vida. Sempre bem disposto, conversador e com uma memória incrível, pois reconhecia pessoas e alunos que não via há anos.

Natural de uma pequena aldeia da Beira interior,

estudou na Universidade de Coimbra, leccionou na Faculdade de Letras, publicou vários livros ainda antes dos anos 50 do século passado. Em meados desse século foi para França, andando pela Alemanha e pelo Brasil, até se fixar em França. Recebeu vários prémios, entre os quais o Prémio Camões (1966). Regressado a Portugal foi administrador não-

executivo da Fundação Gulbenkian e Conselheiro de Estado. Morreu em Dezembro de 2020. Teria feito 100 anos no passado dia 23 de Maio.

José Alex Gandum

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

Viveu o Mário-Henrique entre os anos de 1923 ao de 1980. Foi artista plástico, produtor, encenou e escreveu muito, foi outras coisas tantas que não cabem aqui todas e



sobretudo foi surrealista embora afirmasse que tinha aparecido antes deles, como o Cesaryny e outros. Uma embrulhada.

Felizmente enganaram-se e publicaram o Gin-Tónico e depois repetiram com outro. Ainda hoje me rio!!!! Obrigado

Mário-Henrique por me ajudares a rir ou a pensar! Façam o favor de o ler quem o não fez.

António Ramos

EUGÉNIO DE ANDRADE

Eugénio de Andrade, pseudónimo de José Frontinhas Neto, nasceu em Póvoa de Atalaia, Beira Baixa. Com sete anos de idade mudou-se com a mãe para Castelo Branco e em 1932 muda-se para Lisboa, onde em 1939 publicou seu primeiro poema, “Narciso”.

Um dos maiores poetas portugueses contemporâneos, Eugénio de Andrade publicou mais de vinte livros de poesia,



publicou obras em prosa, dois livros infantis e traduziu para português Frederico Garcia Lorca, José Luís Borges, René Char. Teve obras publicadas em várias línguas. Recebeu o Prémio Camões, em 2001, foi distinguido com o Grau de Gran-

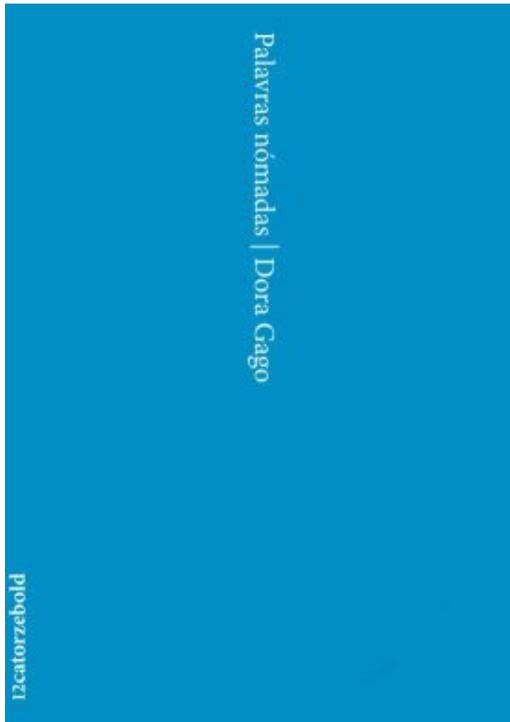
de-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada (1982) e outros cinco importantes prémios.

Considerado o grande poeta do Amor, entre os poemas de Eugénio, destaca-se “As Palavras”.

Eduardo M. Raposo

DESTAQUE

Palavras nômadas



Dora Gago

L2catorzebold, Porto: 2023
208 pp.

Este mais recente livro de Dora Gago é um excelente e belo trabalho. Como o nome parece indicar, trata-se de um livro de viagens.

Por outro lado, pode aplicar-se aquela máxima, aqui transposta de homem para livro: Os livros não se medem aos palmos. É que se trata mesmo de um livro de bolso. Mas a dimensão – 16 x 11,5 cm – em nada lhe belisca a beleza e a importância. São 51 pequenos textos autobiográficos cuidadosamente integrados, como se pode ver no início com duas citações, como é o caso de Michel Onfray, *Teoria da Viagem. Uma Poética da Geografia*. “O desejo de viagem tem a sua fonte nessa água lustral e morna, alimenta-se estranhamente desse manto meta-

físico e dessa ontologia germinativa.”

Não se tratando propriamente de um trabalho diarístico, pois estende-se desde 30 de Novembro de 2001 até ao período pandémico - e até ao pós-pandémico? - a que a autora dedica vários textos, que se podem designar por crónicas, que têm claramente um carácter autobiográfico e são na maioria inéditas, mas outras já publicadas em revistas, jornais ou blogs.

Escrita viva, por vezes metafórica, entre o humor e a poética, carregadas de referências a uma memória de ancestralidade e numa busca permanente de eu no mundo, entre o pessoal e o universal, cidadã transtagana – aqui no sentido mais amplo - do mundo à procura de si

própria, qual andarilha do século XXI. Na derradeira crónica intitulada “Um nó para atar a vida” onde nos descreve o seu percurso andarilho desde a viagem inicial a Montevideu, para depois se instalar em Macau - onde fica sitiada praticamente durante a pandemia, devido às medidas muito restritivas de circulação da China – passando pelos EUA, Inglaterra, Malásia, Itália, Laos, entre outros países, “desaguando em Portugal, no meu sul, seguida pela surpresa materializada numa breve incursão pela Índia.”, sempre em trabalho, seja como docente, leitora de português ou participando em vários eventos literários.

Onésimo Teotónio Almeida, no interessante e elucidativo prefácio “Viagens na nossa Terra” é mais exaustiva na indicação dos países por onde Dora andou, viveu, viajou: China, Taiwan, Camboja, Indonésia,

Tailândia, Índia, Laos, Malásia, Japão, Filipinas, Singapura, Turquia, EUA, Países Baixos, Espanha, Brasil, Reino Unido, Uruguai, Guiné-Bissau...

É ainda do prefácio o excerto que surge na contracapa. “terminei a leitura destas crónicas assaltado pelos versos finais do poema «Pedra Filosofal» de António Gedeão. Quer dizer, por imagens da autora a fazer pular a bola colorida do mundo saltitando-lhe entre as mãos sob esse olhar de mulher viajante, saltapocinhas, aventureira em cata dos encantos do globo terrestre. Outra imagem me surgiu – essa frequente – a de Fernão Mendes Pinto em versão moderna: uma mulher a viajar sozinha pelo planeta.”

Com um vivo sentido de desorientação como refere diversas vezes, decalca a máxima de Descartes “penso, logo existo”, alterando-a para “perco-me, logo existo”, pois, como refere: “Mais do que o pensamento será este instinto de procurar o desconhecido, de percorrer novos rumos, de experimentar novos sabores, novas culturas, novos cheiros, multiplicando e reconstruindo cada aresta do que chamamos vida. Sim, viver poderia ser muito mais simples: uma casa modesta, agradável, numa pequena cidade, uma profissão minimamente estável, uma família, um cão, um gato... Mas faltaria sempre a vertigem do voo, o esboço do sonho, o desejo de viajar horas perdidas acima das nuvens, depois enterradas no tempo. O prazer de entrar numa biblioteca como se transpusesse as portas do reino mágico de *Alice no País das Maravilhas*, esse fascínio de passar para o outro lado do espelho. (...)” (p. 104-105)

Mas a viagem ao encontro de si, interior, coabita, paredes-meias com a descoberta do outro, que Dora assume na perfeição, citando Mark Twain sobre a importância de viajar, quando reflecte sobre a voracidade do nosso tempo “(...) duma possante

ditadura do medo do «Outro», do diferente, como se contivesse a fonte de todos os perigos ou até a chave de uma Caixa de Pandora na iminência de ser aberta a qualquer momento.” (p. 106).

Essa visão universalista encontramos no início de outra crónica: “Istambul é a doçura vermelha de uma romã aberta, a mão de Pamuk [escritor turco Orhan Pamuk] a guiar-me pelo labirinto das ruas, o som de uma oração dolente, derramando-se de uma qualquer mesquita, a gotejar serena. E o grito azul do Bósforo ponteadado pelas asas brancas das gaivotas. Se soubesse pintar, seria esta a imagem, com o retrato de Pamuk como marca de água.” (p. 94). Ou de como, depois de uma estadia prolongada devido à pandemia em Macau ” (...) um diminuto enclave de 29km² com a maior densidade populacional do planeta (...)” numa estrada, na Toscana sente a “(...) fome de terra, de cerros, de cheiros de estevas, de cantos vermelhos de papoilas, de

vozes de cigarras e de pássaros que não sejam estrangeiros.(...)” Aconchego que encontra “(...) nos campos da Toscana, projectado no tempo e no espaço do meu sul.(...) ao virmos de um reino distante, do radicalmente diverso, a óptica diverge, sendo o domínio do familiar que nos salta aos olhos, a agasalhar a alma. (...) Assim, no Oriente sou ocidental, no Ocidente europeia, na Europa, mediterrânica (...). (pp. 107, 108)

Assim nos vai deliciando Dora Gago, nestas peregrinas errâncias pelo universo, na inquietação do ser, nómada, pressentindo as referências guardadas no âmago do eu, onde o regresso “(...) feito de reaprendizagens, de readaptações da dúvida de haver um espaço onde se caiba, por muito reduzido que seja, nesse mundo que habitámos, que já foi nosso, mas ao qual deixámos inevitavelmente de pertencer da mesma forma.(...)” e depois de referir, citando Jorge de Sena, remata: “(...) Isto porque, inevitavelmente, os

lugares mudam e nós também. Perante esta panóplia de incertezas, de possibilidades, restam as palavras para *desenhar* o caos que somos e que nos cerca, para unir as pontas dos universos que galopam pela nossa alma como cavalos doidos sem freio. (...)” (pp. 206-207)

Nestas *palavras nómadas*, com referências várias a autores nomeadamente portugueses, que se debruçam sobre este caminhar interminável e inquieto, como suspeitamos - e a autora assume - num jogo, por vezes dilacerante na busca do eu, entre o local referente e o universal. Um olhar quase antropológico em prosa poética.

A saborear sofregamente, este delicioso livrinho, autora premiada e com um percurso invejável - depois de nos termos conhecido há mais de uma década em Viana do Alentejo.

Leitura obrigatória para quem tem a capacidade poética de saborear o belo.

Obrigado, Dora, pela partilha das tuas mágicas *palavras nómadas*.

DESTAQUE

Monsaraz. Reconstruir a Memória

Ana Paula Amendoeira

Edições Colibri, Lisboa: 2023, 160 pp.

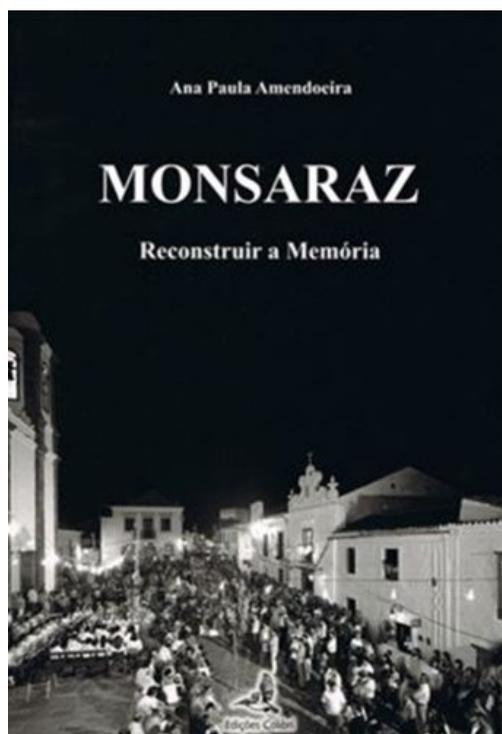
Quem esteve na sessão de lançamento da 2ª edição de interessante livro de Ana Paula Amendoeira *Monsaraz. Reconstruir a Memória* na Casa do Alentejo, na Casa do Alentejo, no passado mês de Junho, entende perfeitamente o espírito que sentíamos no final da sessão, exteriorizado:

“Se este fosse um país diferente, esta mulher seria certamente Ministra da Cultura”, comentávamos com amigos como, aliás já referira-mos no Editorial da edição anterior. Tal foi a excelência da intervenção de Ana Paula Amendoeira, que alia um grande capacidade de comunicação, enorme sensibilidade, com um conhecimento profundo e rigoroso do Território, e muito especialmente no que ao Património, à Memória e à Identidade concerne, mas também uma coragem intelectual de pôr o “dedo na ferida” com frontalidade e clareza em “temas quentes”, o que é muito invulgar, tendo em atenção o cargo público que desempenha - onde outros certamente se retrairiam. Isso para além das suas características pessoais de uma postura de

uma grande simpatia, humildade e disponibilidade permanente para ouvir todos de uma forma afectuosa, fraterna, solidária - característica que, aliás, foi realçado pelo Amigo Manuel Madeira Piçarra, Director do *Diário do Sul*, quando foi distinguida pelo Município no dia da Cidade de Évora.

Foi na Sala Agostinho Fortes, lugar de excelência para apresentação de livros e outras cerimónias na Casa do Alentejo, com muitos, muitos amigos a quem agradeceu a presença, desde figuras públicas como o fotógrafo José Manuel Rodrigues ou o director do Panteão Nacional, Santiago Macias e cidadãos. como nós.

Monsaraz. Reconstruir a Memória revela-se um trabalho fundamental



para pensar o futuro, de Monsaraz mas também do Alentejo, no que ao Património diz respeito, mas ainda pelas questões conceptuais levantadas. Embora editado em 2009, 14 anos passados não lhe tiraram a actualidade, embora a autora, tenha o cuidado de referir, na abertura, que a investigação/trabalho de campo e redacção foram realizados entre 1995 e 1997, tendo estudado o processo de evolução de Monsaraz ao longo do século XX, o que compreensivelmente não abrangem a realidade actual e as transformações decorrentes da Barragem do Alqueva.

Com uma grande actualidade, apesar do aviso da autora, este é um trabalho caracterizado pelo rigor, pela segurança de quem conhece profundamente o Território em estudo e domina como ninguém o seu “métier”, como referiu o prof. José Aguiar, orientador da tese de mestrado – pois o livro é resultante desse seu trabalho de dissertação – e autor do prefácio. Dividido em quatro partes: I - Análise Geo-

Histórica; II - Análise do processo de conservação; III – Transformação social e económica; IV – Transformação e mistificação urbana, a autora leva-nos a uma viagem a este território.

Ou como surge no prefácio, depois e referir o nascimento, nas universidades, de uma nova disciplina, a ciência dos restauros, termina, em síntese, com destaque na contracapa: Este estudo sobre o século XX em Monsaraz mostra-nos como foi sendo construída a imagem desta vila alentejana e do seu território. Os mitos e as ideias feitas, a invenção da tradição, a recriação

do «paraíso perdido» e a patrimonialização das últimas décadas, são questões aprofundadas e clarificadas nesta obra. Uma investigação exaustiva sobre a desconhecida história recente de Monsaraz e também um recurso para o seu futuro.”

Ana Paula conduz-nos, desde as primeiras ocupações em Monsaraz: Neolítico, Calcolítico, Bronze, Ferro e nomeadamente a proliferação de monumentos megalíticos – cerca de 150 identificados – a ocupação romana e islâmica – quando terá ocorrido a fundação, no século VIII, a conquista cristã no século XIII por Afonso III, os períodos mais fundamentais na formação do núcleo urbano, assim como papel desempenhado ao longo dos séculos por Monsaraz devido à “importância estratégica regional ao nível da defesa fronteiriça” e finalmente a transferência da sede de concelho para Reguengos, em 1851.

Na segunda parte a autora referencia demoradamente as várias entidades que intervieram ao nível da conservação no século XX: A Direcção

Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a Câmara Municipal, a Junta de Freguesia, a Paróquia de Monsaraz, a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, criada em 1965, o Grupo dos Amigos de Monsaraz, criado no ano anterior, a Junta de Turismo de Monsaraz, (1972) e a Associação de Defesa dos Interesses de Monsaraz (1988), para além de intervenções particulares. Posteriormente refere os edifícios alvos de intervenção, bem como a intervenção no equipamento urbano – ruas, água, luz, comunicação e transportes - e as intervenções da Câmara Municipal na vigência do regime democrático.

Na parte final a autora debruça-se sobre quatro vertentes: 1 – O turismo como unicidade funcional; 2 – A cor e a imagem urbana; 3 – Autenticidade; 4 – O processo de mistificação. Para concluir, citando Paul Philippot sobre a problemática do museu ao ar livre, não sem referir antes:

“Com uma população diminuída e envelhecida, cujas actividades tradicionais vão terminando ou são mesmo, em alguns casos, proibidas por imposição legal, Monsaraz é hoje palco para visitantes. A objectiva musealização e patrimonialização deste conjunto é visível até na designação de uma das principais actividades de animação turística e cultural, anualmente promovidas, «Monsaraz, Museu Aberto»

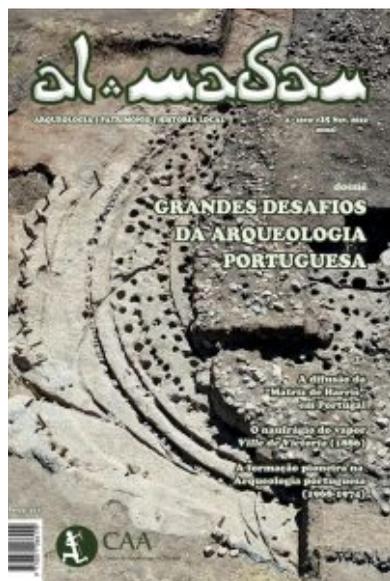
Por tudo o que ficou dito e muito mais, acompanho a autor do prefácio quando escreve;

“(…) julgo tão precioso este livro de Ana Paula Amendoeira, tanto para o futuro de Monsaraz e do Alentejo, como da própria ideia de conservação em Portugal; Monsaraz torna-se assim quando revisitado neste livro o (nosso) centro do mundo.”

Eduardo M. Raposo
CHAM - NOVA FCSH

Al-Madan

Arqueologia/Património/História



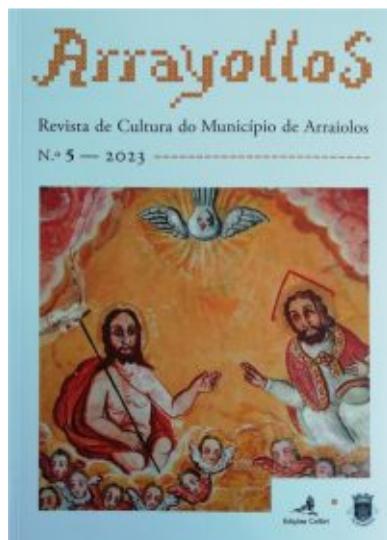
Grandes Desafios da Arqueologia Portuguesa

2ª série nº 25 Novembro 2022

Centro de Arqueologia de Almada,
Almada: 2022, 196 pp.

No final do ano anterior, foi lançado um novo número, da prestigiada revista *Al-Madan*. Sendo esta uma revista de cariz arqueológico, este número para além de uma serie de textos/artigos de grande interesse para o ambiente arqueológico português, centra-se principalmente, nos grandes desafios da arqueologia Portuguesa, as suas problemáticas, com os seus desafios atuais (sua gestão, o seu passado, etc.). E um pouco em modo de interrogação, que futuro queremos para a arqueologia, quer do ponto de vista da conservação, do setor empresarial, da investigação científica, a partilha de conhecimento, entre outras contingências. Faz-nos pensar e ao mesmo tempo apresenta propostas e caminhos, para um passado mais presente.

Arrayollos



Revista de Cultura do Município de Arraiolos, nº5

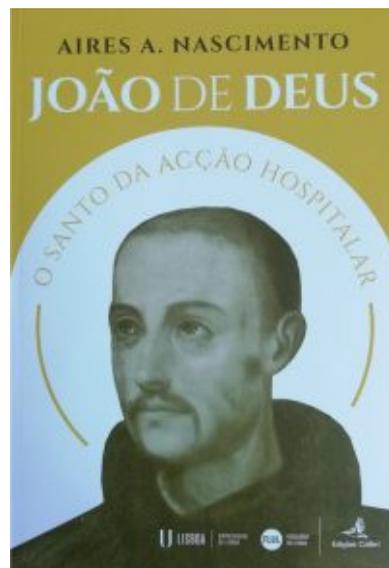
Edições Colibri, Lisboa: 2023,
196 pp.

Esta é uma revista anual, de carácter científico, que vai já na sua edição nº5. Apresenta um conjunto de doze artigos, agrupados, em três “gavetas”: Estudos Locais, onde destacamos “Contributo para a história do abastecimento de água no actual concelho de Arraiolos (1600-1930)” do investigador - José Inverno. Onde faz um levantamento da forma como o sistema de abastecimento foi concebido ao longo dos séculos e a sua importância para as necessidades da população; um outro artigo, “Como a análise isótopos leves estáveis poderá contribuir para a determinação da proveniência de matérias-primas utilizadas na confecção de Tapetes de Arraiolos” com uma investigação de Ana Manhita, António Carrapiço e Cristina Barrocas Dias. Uma importante abordagem para ajudar a determinar a proveniência das matérias-primas na conceção dos Tapetes e reforçar a importância deste património. Nos Estudos Gerais, aonde podemos dar como exemplo, “*Un paseo por la simbología medieval e manuelina de Olivenza*” do Canteiro-Mineralogista - José António Carnerero de la Paz, que nos convida através deste artigo, a

viajar pelas ruas de Olivença e descobrir alguns dos seus segredos! E por ultimo Estudos Institucionais, nesta ultima “gaveta” ou conjunto de estudos assim agrupados, destacamos “Falcoaria: O reconhecimento de uma prática e a recuperação de um edifício” de Patrícia Leite da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos. Falcoaria Real que nos mostra as práticas desta importante manifestação cultural e de valorização do seu património, através da recuperação do antigo edifício da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos.

João de Deus

O Santo da Acção Hospitalar



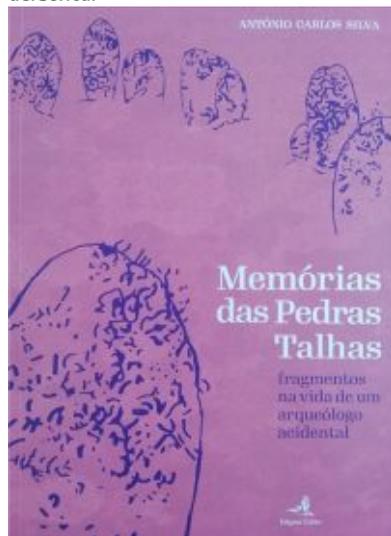
Aires A. Nascimento

Edições Colibri, Lisboa: 2022,
138 pp.

Uma publicação, em que o autor nos dá uma visão muito atual, da vida e obra de João de Deus. Com curiosidades bem interessantes como a sua sigla de assinatura. Fica aqui um pequeno excerto para aguçar a curiosidade e o vosso interesse: Em 1495, “João de Deus, Nasceu em Montemor-o-Novo, a caminho de Évora, (...), no batismo, é dado o nome de João Cidade...” Escrito de uma forma muito apelativa, sem descorar o seu rigor histórico.

Memórias das Pedras Talhas

Fragmentos na vida de um arqueólogo acidental



António Carlos Silva

Edições Colibri, Lisboa: 2023, 438 pp.

Este é o último livro do arqueólogo António Carlos Silva, que ao longo da sua carreira acumulou uma série de textos de grande interesse, em que, umas das formas encontradas, na altura, foi a sua publicação num *blog*, ao longo de vários anos. Mais tarde com o esmorecimento natural em torno do *blog*, surgiu a ideia de dar uma nova vida ao seu conteúdo. Transformando os conteúdos do *blog* numa espécie de “documento”, para as gerações atuais e futuras. Sendo também uma forma de homenagem para os profissionais e amigos que com ele se cruzaram no ambiente da arqueologia.

João Santos

Arronches com Vida

Memórias e Afetos

Diogo Júlio Serra

Edições Colibri, Lisboa: 2022, 109 pp

As vilas mais pequenas e as aldeias do Alentejo estão a ficar cada vez mais desertas de gente. E com a diminuição da população perdem-se referências identitárias que não mais voltarão. Por



isso é importante tentar preservar as memórias possíveis, até para que os mais jovens não percam a identidade com o território dos seus pais e avós. Diogo Júlio Serra, arronchense de nascença e de coração, já fez a sua parte: em “Arronches com Vida – Memórias e Afetos – Restaurantes, Cafés e Coletividades anos 60”, o autor, gestor de projectos e consultor Cultural e Turístico, recuperou os espaços de convívio e lazer de Arronches dos anos 60 do século passado “num tempo em que as mulheres estavam circunscritas ao lar e às tarefas domésticas” e só os homens e os rapazes se encontravam nos espaços públicos de lazer.

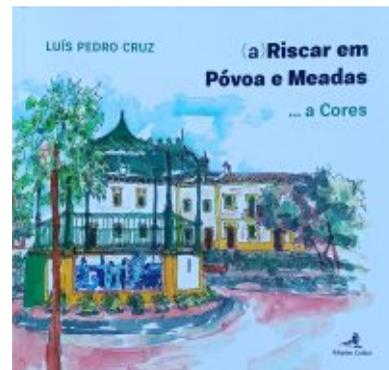
“Tabernas, cafés e colectividades recreativas e culturais eram os espaços de convívio fora do ambiente laboral”, mas também onde se aguardava que os capatazes e manajeiros dos lavradores procurassem pessoal para serem integrados na lavoura.

O autor faz um levantamento da oferta que havia, até através de fotografias, descrevendo cada espaço e chegando ao ponto de debitar as receitas dos pratos especiais de alguns espaços. Um livro que não tem só a ver com Arronches mas com todo o Alentejo.

(a)Riscar em Póvoas e Meadas

Luís Pedro Cruz

Edições Colibri, Lisboa: 2022, 198 pp



A primeira impressão é de que o livro é pesado. Mas depois, e muito mais importante que o seu peso é o seu conteúdo: uma perfeita simbiose entre imagem e texto, esta obra de Luís Pedro Cruz reflecte as suas vivências de infância e não só, aqui traduzidas em “dizendo a linguagem simples de um discurso muito directo, por um imediatismo de palavras mais ‘terra-aterramente’ entendíveis, os testemunhos vão viajando como nos sonhos que por vezes não fazem sentido e nos sonhos são aceites”, segundo Rui Casal Ribeiro, no Prefácio.

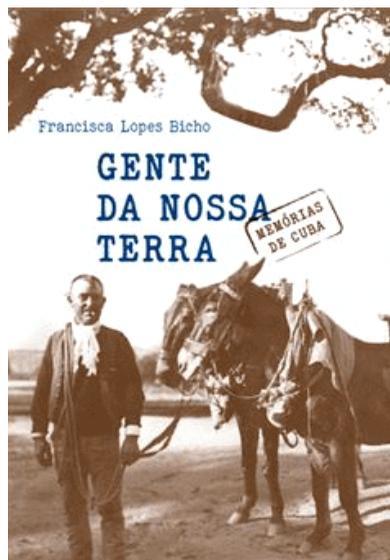
O livro é sobre a localidade de Póvoa e Meadas, freguesia de Castelo de Vide. Taco a taco, o autor descreve o caminho para Póvoa e Meadas, a localidade em si, todos os pormenores do caminho e todos os pontos de interesses, povoando as suas recordações e descrições dos lugares e dos objectos ainda por cima ilustradas a cores em aguarelas fascinantes, que também são um documento identitário e histórico. Onde não faltam as gentes da terra, “cria-se o hábito, todos ficam à espera e de repente estimulados pelas imagens da sua terra, todos (ou quase todos) os povoenses participam e vai-se longe... muito longe!”.

Luís Pedro Cruz, também conhecido como ‘Arquitecto do Alentejo’, sendo fascinado pela paisagem que o cerca, é desenhador compulsivo com um traço rápido que funciona por sucessivas aproximações à realidade sem nunca lá chegar... pode ler-se na badana que descreve o autor.

José Alex Gandum

Gente da nossa terra

Memórias de Cuba

**Bicho, F. L.**

Colibri. Lisboa: 2022, 144 pp.

Francisca Lopes Bicho, incansável divulgadora da cultura do território de Cuba, oferece-nos um conjunto muito interessante de informação que fixa a memória do período de transição do século XIX para o século XX. Começando pela apresentação geral da comunidade, vai destacando personagens que se destacaram, relevando Manuel António de Castro poeta popular. Apresenta também personagens coletivas, de diversas atividades e, por último, personagens com ligação a Cuba.

O interesse de Francisca pela salvaguarda do património é patente nas diversas formas em que manifesta o seu interesse pelo registo de informação, a sua divulgação e debate.

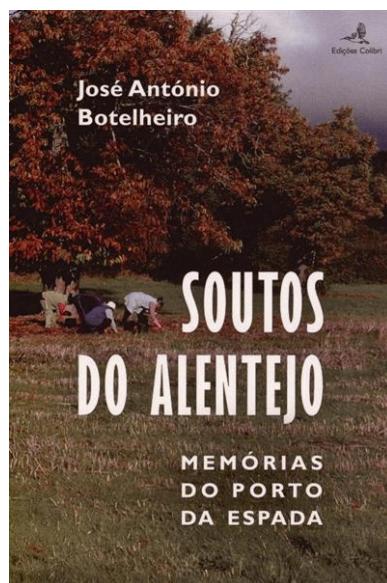
Os textos compilados, e que apresentamos, foram escritos no ano de 2017 com o objectivo de integrarem uma pequena rubrica do programa radiofónico, semanal, da Câmara Municipal de Cuba na Rádio Voz da Planície, Beja; como é óbvio, os textos deveriam ser necessariamente curtos (apesar do muito que haveria para registar), e querendo apenas significar uma breve homenagem aos que passaram pelo programa. Devemos destacar que o critério de

selecção obedeceu essencialmente a uma perspectiva histórica, evitando sempre abordar a actualidade, bem como actores sociais e políticos relativamente próximos da mesma. (Bicho, F. 2022, pág. 11).

Este livro acresce o conhecimento sobre uma realidade que se cimeta num conjunto passível de ser descoberto e, pela sua leitura, suscitar o interesse para outras pesquisas.

Soutos do Alentejo

Memórias do Porto da Espada

**Botelho, José A.**

Edições Colibri. Lisboa: 2023, 221 pp.

Mais um excelente livro de memórias sobre o território alentejano editado por Fernando Mão de Ferro, da Colibri. Notas precisas, bastante ilustrativas sobre uma terra que guarda já poucos habitantes naturais desta aldeia, conhecedores das estórias que configuram a essência de tudo o que tem ou não tem nome, dentro dos espaços e dos lugares. Porto da Espada, consubstanciado na configuração bio sociocultural de soutos, é captado textualmente como se tratasse de uma película cinematográfica passível de ser transmitida em 4D.

A atenção do leitor que se interessa pela temática da cultura, na sua con-

ceptualização holística, é captada desde as primeiras páginas.

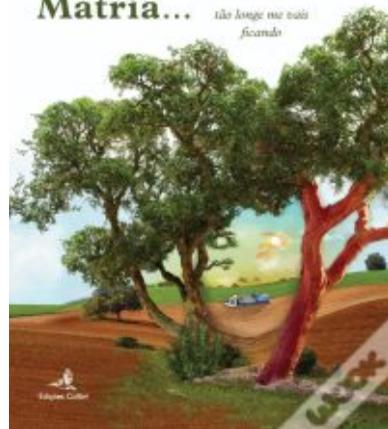
Como refere o autor na dedicatória à memória da minha avó Júlia que não conheci mas que sempre a imaginei e sonhei, o leitor depois da leitura da obra poderá sentir o ensejo de visitar esta aldeia que se imagina e quase que se sonha, pela autenticidade e originalidade que transparece em todo o conjunto textual.

Ana Pereira Neto

ISEC Lisboa, CHAM, FCSH-NOVA

Alentejo minha Mãria...

Maria Vitoria Afonso

Alentejo minha Mãria...*tão longe me não ficamos***Maria Vitória Afonso**

Edições Colibri, Lisboa: 2023, 100 pp.

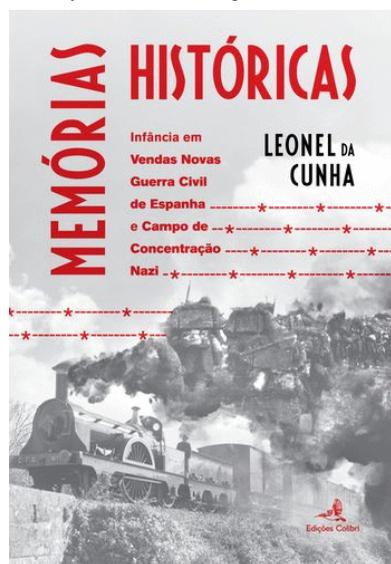
“Eu escrevo porque amo as palavras.” Com esta frase Maria Vitória Afonso sintetiza a ideia deste livro. Um livro que é a porta para revivermos um tempo feito de estórias de vida e de luta de um povo, uma região e profissões ligadas ao meio rural, em década de muitas dificuldades a todos os níveis. Onde faltava o pão e a liberdade e sobrava a miséria, a injustiça, a arrogância e a prepotência.

Ler “Alentejo minha Mãria ...” é ir ao fundo da vida. É também buscar na história das nossas vidas, das vidas dos nossos pais e avós, alento para viver na diferença, para lutar por dias melho-

res, pela dignidade, para reagir perante os cenários difíceis de tempos idos. Mas que não estão mortos. Há que estarmos atentos.

José Moutela

Memórias Históricas. *Infância em Vendas Novas, Guerra Civil de Espanha, e Campo de Concentração Nazi*



Cunha, Leonel da
Edições Colibri. Lisboa: 2023,
269 pp.

Livro interessante baseado em memórias, umas que nos parecem ter sido sentidas em primeira mão pelo autor, e outras que nos parecem ser fruto de estórias da História das quais que o autor se foi apropriando e transformando de maneira criativa.

A obra está dividida em três partes que, de certo modo abrangem parte da vida do autor, que nasceu na década de 30, do século XX.

A primeira parte que designa de *busca a um tempo perdido* reporta às impressões das vivências em território alentejano, na dureza crua dos anos 40. A segunda refere-se à vivência em Lisboa, distrito onde nasceu e donde partiu cedo para terras transtaganas. Narrativa vivida, com pormenores de que ouviu, viu e sentiu ambientes e pessoas. A terceira reporta a testemunhos que lhe foram passados por um

personagem que terá sentido os horrores da Guerra Civil de Espanha e da Segunda Guerra Mundial.

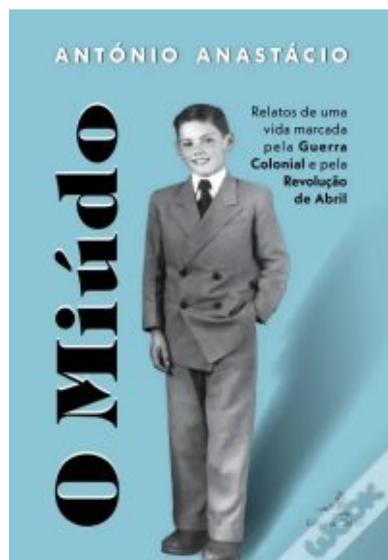
Pormenores interessantes sobre a vivência em territórios e ambientes sociais com características distintas cativam o leitor. A memória da realidade torna-se ficção que é perfeitamente inteligível para quem viveu instantes em alguns dos ambientes, que o autor descreve de forma tão vívida, assim como os locais de passagem, em que tudo fica bem impresso na sua memória, nomeadamente as pessoas, os seus olhares e tudo o que estes podem materializar com boa conversa.

Ana Pereira Neto

ISEC Lisboa, CHAM, FCSH-NOVA

O Miúdo

Relatos de uma vida marcada pela Guerra Colonial e pela Revolução de Abril



António Anastácio

Edições Colibri, Lisboa: 2023,
242 pp.

Tivemos o privilégio de apresentar este livro no seu lançamento na sede da Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda, no auditório recentemente baptizado com o nome do autor, António Rodrigues Anastácio (1944).

Foi assim um evento muito participado

- com a sala completamente cheia, com autarcas, antigos e actuais, de Almada e de Alcanena, dirigentes associativos e familiares, público em geral e muitos amigos do autor. Após a nossa intervenção, pois abrimos “as hostilidades” – após a abertura, usou da palavra o presidente da JFCCS, o Amigo Pedro Matias, depois Simão Mendes de Sousa, que assinou o prefácio, assim como o editor e Amigo Fernando Mão de Ferro (Edições Colibri), terminando as intervenções o próprio Autor - que presidiu a esta Freguesia durante 16 anos, com início em 1989, intervenção que recebeu uma vibrante e prolongada salva de palmas.

A sessão teve animação musical pelo músico Silvestre Fonseca, virtuoso da guitarra.

Esta obra, de que tivemos oportunidade de acompanhar na parte final, devido à confiança com que o autor nos brindou, que referimos com reconhecimento na intervenção, aborda o percurso de vida de António Anastácio desde a sua Alcanena natal.

A ida para Lisboa – para estudar, onde conheceu a vida cultural e “que fizeram dele um leitor compulsivo”, teve empregos, namorou, casou, teve filhos – e a posterior experiência traumática na Guerra Colonial, que o marcou decisivamente, tal como 25 de Abril, enquanto prosseguia a profissão de bancário.

A instalação na Charneca de Caparica em 1983 é uma das etapas mais importantes do seu percurso, que Anastácio considera “uma das experiências mais marcantes da sua vida”, confirmado pelos muitos presentes – fregueses, autarcas e amigos – e pelo ambiente emotivo e fraterno vivenciado, que certamente reforçou a autoestima identitária dos presentes motivado por esta primeira experiência literária com que António Anastácio em boa hora dos brindou, a quem deixamos um abraço fraterno.

Bem haja!

Eduardo M. Raposo
CHAM - NOVA FCSH

Quarto Crescente



Joseia Matos Mira
Edições Colibri, Lisboa: 2023,
118 pp.

Entre romances, poesia e contos, Joseia Matos Mira, alentejana de Beja, já editou duas dezenas de livros, e hoje está exclusivamente dedicada à escrita. Este ano nasceu “Quarto Crescente”, que mais não é que uma colectânea de contos variados, que se lêem de um fôlego, de tal modo prendem o leitor à narrativa apelativa e muito bem delineada. Histórias que viajam por Serpa, Beja ou até pelo Porto: “Que fascínio exercem sobre mim os comboios! Todos! Os ronceiros, arrastados por máquinas a vapor, os de média velocidade, os de alta velocidade (TGV), esse que ainda não temos mas já nos prometeram, talvez, quando no resto da Europa já seja obsoleto (...) Tomei o Alfa em Lisboa, Santa Apolónia, dez e quarenta e cinco. Já não são de tábua os bancos, até a 2ª classe tem requintes de falso luxo, comodidades burguesas”. Esta obra também assinala os 25 anos de vida literária de Joseia Matos Mira e a edição do seu primeiro romance, muito apreciado pela crítica, “O Cavaleiro e a Serpente”.

José Alex Gandum

António dos Olhos Tristes *Um Girassol chamado Beatriz*



Eduardo Olímpio
Edições Colibri, Lisboa: 2023,
130 pp.

Em boa hora as Edições Colibri resolveram publicar esta livro, resultado de dois trabalhos agora reeditados em conjunto *António dos Olhos Tristes* e *Um Girassol chamado Beatriz*.

Eduardo Olímpio, nasceu em Alvalade Sado (1933), tendo completo 90 anos em Janeiro. Contextualizando, diríamos que faz parte de um grupo de ficcionistas e poetas, todos oriundos no concelho de Santiago do Cacém, que deram um contributo inestimável às letras portuguesas, e não só, grupo informal “capitaneado” por Manuel da Fonseca (1911-1933), o mais velho e mais importantes de todos eles. Também Domingos Carvalho (1919/2008), poeta e escritor, preso político, comerciante (Casa das Bandeiras) e dirigente associativo (Casa do Alentejo), pai do escritor Mário de Carvalho e José da Fonte Santa (1925/1998), poeta, ficcionista, desenhador autodidacta e resistente, tal como Domingos foi em tenra idade para Santiago, - nascido em Colos, enquanto aquele, nascido em Figueira dos Cavaleiros, foi para Alvalade-Sado. Como se pode ver, uma plêiade, em que o autor em questão, o delfim – e

sobrevivente - do grupo, que depois de experimentar um conjunto diversificado de profissões, dedicou-se a tempo inteiro à escrita, seja de romances, crónicas, poesia, literatura infantil e letras para cantigas.

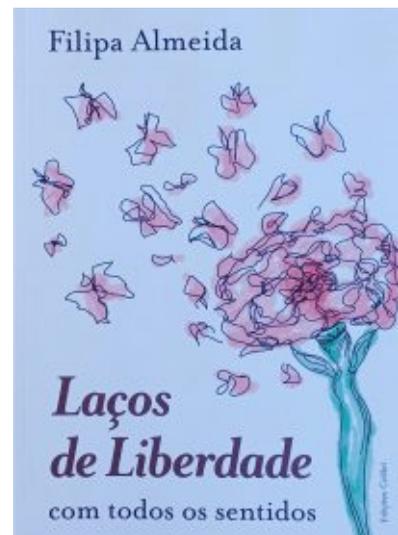
Eduardo Olímpio é para Urbano Tavares Rodrigues “aedo do Alentejo em tom singelo” e ainda, sobre *António dos Olhos Tristes*:

“Para quem sinta o Alentejo, esta novela poética de Eduardo Olímpio é um verdadeiro tesouro. Poucos terão sabido como ele evocar a aldeia, acionar os sons familiares das romarias e dos outeiros, as águas dos riachos, os dias chãos desse outrora que o tempo bordou a orvalho de prata. (...)” que, tal como *Um Girassol chamado Beatriz*, nos delicia.

Um livro a saborear em toda a magia poética.

Eduardo M. Raposo
CHAM - NOVA FCSH

Laços de Liberdade *Com todos os Sentidos*



Filipa Almeida
Edições Colibri, Lisboa 2023: 123 pp.

Misto de poesia e prosa, “Laços de Liberdade com todos os Sentidos” da psicóloga alentejana Filipa Almeida, é, na visão da autora do prefácio do livro, Isabel Mesquita, “um encontro com as

diferentes formas de amor”, remetendo “para um imaginário onde o encontro amoroso com o outro está repleto de sentimento, sensualidade e sexualidade, deixando espaço para a expressão da dor, da perda do não vivido e da ausência de amor correspondido”.

A autora, que já foi vereadora em Borba nas áreas da Cultura e Recursos Humanos, apresenta o seu livro como “os amores, as paixões, o prazer, a dor ou o desespero, a tristeza ou a compaixão... são dos leitores, cada um podendo interiorizar ou apropriar-se dos textos, à sua maneira, com a sua experiência de vida, a sua condição e as suas vivências relacionais”. E acrescenta: “porque de relações se trata, de cada um consigo e com os outros e de mim com todos os que comigo se cruzaram, ao longo da caminhada, este é um livro sobre as emoções e o seu poder nas nossas vidas”.

José Alex Gandum

Siempre Abril Abril Siempre



Moisés Cayetano Rosado
Edições Colibri, Lisboa: 2023,
114 pp.

Há algo de urgência neste “poemário”, como lhe chama o seu autor, embora

os poemas sejam datados desde 1999/2000.

Há algo de urgência mesmo assim, pois procurar em Abril o Sempre, há muito esgotado mas teimosamente sobrevivente “no latente do imaginário popular” p. 11, é como dizer estar presente na memória antes de esta o ser, é afirmar e assumir uma derrota no devir histórico revolucionário mas revisitando o passado sem nostalgia, antes com a alegria de o ter vivido, assumindo-o Sempre.

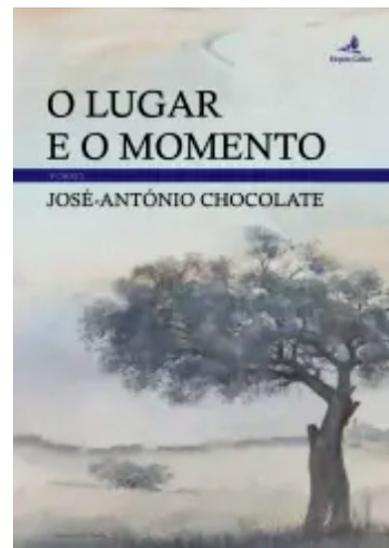
Cada poema é uma homenagem, aos desconhecidos sem nome mas conhecidos por serem do povo que se entregou a uma revolução que foi feita por si, aos conhecidos por se destacarem pela entrega à luta antes e depois de Abril, sempre por caminhos revolucionários, aos que vencidos são a prova que os caminhos das transformações não terminaram pois continuam como metas da humanidade.

São particularmente pungentes os poemas endereçados às mulheres, “Anciãs de luto repousam à sombra”, “Anciãs à porta de casa à espera” e “Mães à beira mar” que contrastam temporalmente com o “As mulheres de Abril”, onde a angústia do autor/poeta não se perde na dureza da realidade actual pois nele e nos homens a esperança nunca morre:” O que me resta?/Tudo ainda,/mesmo que a areia queime/e os desertos avancem/como um potro domado pela morte!/Resta-me tudo, /porque a lembrança/acorda as pombas/que enchem com as asas/ o ar e o vazio, / que repelem a escalada/ mesquinha/dos que só a si próprios se viram retratados, /e trazem-nos de novo o ar fresco, / dos sonhos, /renovada utopia /que ninguém nos pode arrebatara.”

Uma edição que se inclui, sem o afirmar expressamente, neste tempo em que vivemos as comemorações do 50º Aniversário da Revolução de Abril. Uma publicação que tem ainda o pormenor de ser bilingue, onde podemos, pois, acompanhar o autor na sonoridade das palavras na sua língua natal.

António Ramos

O Lugar e o Momento



José-António Chocolate
Edições Colibri, Lisboa: 2023,
114 pp.

O José António Chocolate Contradanças – como o conhecíamos em Setúbal – é um velho amigo de S. Eulália.

Radicado há muito na cidade sadina, onde desde inícios dos anos 80 acompanhamos a sua vida literária, nomeadamente no Grupo de Poetas e Escritores de Setúbal, que ele criou em 1984 e foi o grande impulsionador até 1991, onde tivemos o privilégio de participar e iniciar uma amizade que se prolongou até hoje. Tivemos também o privilégio da sua participação na Nova Antologia de Poetas Alentejanos, que dirigimos, editada em 2011 (2ªed. 2013).

Neste seu último trabalho poético, *O Lugar e o Momento*, o 14º a “solo”, para além de participação em 17 obras colectivas ou antológicas, transportamos por momentos e lugares, como uma revisitação dos espaços e das circunstâncias e da duração temporal de que somos feitos.

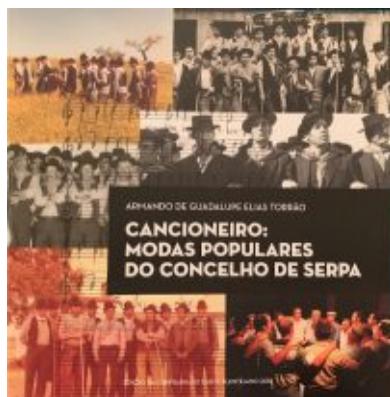
Dividido em três partes: “O Primeiro beijo” e outros poemas; “A casa que nos habita” e “Em redor da casa”, este é um livro maduro, onde cada palavra está no lugar certo, trabalhada e burilada. Diverso talvez do fulgor do poeta (mais) jovem deixando a escrita fluir no fulgor torencial dos sentidos, caso de *Íntimos Afectos* (2006).

Com um acrílico sobre tela de Adriano Conceição e aquarelas de Carlos Pereira da Silva, autor também na imagem da capa, este é um livro para saborear, sempre com o Alentejo em pano de fundo.

Um abraço de parabéns, Zé António, por esta tua nova obra.

Eduardo M. Raposo
CHAM - NOVA FCSH

Cancioneiro: Modas Populares do Concelho de Serpa



Torrão, Armando G.E.

Confraria do cante alentejano. Serpa: 2018, 132 pp.

Pese o facto desta edição já ter alguns anos, vale bem a pena deixarmos aqui a sua referência. Com uma referência aos grupos corais do concelho de Serpa existentes no início da década de 80, do século XX, nomeadamente 1982, este livro permite ao leitor perceber um pouco mais sobre o cante alentejano.

Ainda que, de uma forma elementar, o conhecimento é passado com um grafismo que inclui rostos dos membros dos grupos, um pouco da sua história e um cancionário, com indicação de cantigas e modas que incluem os nomes dos *altos* e *pontos*.

Um bom texto introdutório explica sucintamente ao leitor, o significado semântico das palavras que destacamos em itálico.

Uma obra pequena de grande riqueza simbólica para cada utilizador/leitor. Pode-se conhecer experimentando,

através da leitura musical com os textos que serão interpretados vocalmente.

De fácil manuseamento e interessante em termos de design. Um complemento a compilações feitas anteriormente. Dedicado à memória de todos os cantadores já desaparecidos, atesta-se com o interesse pela leitura, o valor da salvaguarda do património.

Ana Pereira Neto
ISEC Lisboa, CHAM, FCSH-NOVA

Cante ao Menino Janeiras Reis do Concelho de Serpa



Coord. Armando Torrão

Confraria do Cante Alentejano, Serpa: 2019

Chega-nos agora um trabalho discográfico, saído já a algum tempo, mas que, certamente, devido aos reflexos da – maldita – pandemia só agora podemos saborear.

Trata-se de um - mais um – significativo trabalho de recolha e análise, como outros que o Amigo Armando Torrão tem vindo a realizar, no âmbito da Confraria do Cante Alentejano, de Serpa. Como o *Cancioneiro*, que nesta edição fazemos referência, aqui o Armando, assume a coordenação, assim como transcrições musicais e autoria de textos.

Este trabalho, como outros saídos da sua lavra, revestem-se da maior importância, pois “o Cante não é só para ser cantado, tem que ser estudado, alvo de reflexão”, como referiu um outro amigo num colóquio em Almada.

O Armando Torrão é a pessoa certa

para o realizar, como grande conhecedor e autoridade na matéria.

São-nos aqui apresentados 18 temas das temáticas referidas, interpretados por nove grupos de Cante do concelho de Serpa.

Antecede dois interessantíssimos textos, um de Brito Camacho “As Janeiras. Memórias e Narrativas Alentejanas” e outro de Manuel Dias Nunes, publicado da Revista *A Tradição* (1899), onde são transcritos as letras – e no caso deste também as músicas – de modas populares de Serpa (Séc. XIX) “Ao Deus -Menino”, “Às Janêras”, “Aos Reis” e “Pedindo Esmola”. No elucidativo e excelente texto introdutório, Armando Torrão, depois de referir, o repertório desta quadra, ainda que uma temática transversal a outras regiões, em Serpa “assume uma prática exclusivamente coral, com grande diversidade de interpretações.” e interroga-se pela música diferente nas interpretações actuais desses poemas, excepto no Cante ao Menino. Termina: “Aos grupos corais deve-se a recuperação esta ancestral riqueza musical, actualmente em todo o concelho de Serpa há apresentações devidamente programadas nas igrejas, auditórios ou simplesmente pelas ruas, dando continuidade a tradições com dois séculos de existência.”

Em abraço fraterno ao Armando Torrão e parabéns pelo excelente trabalho que tem realizado na valorização e salvaguarda do nosso Património Identitário.

O Abraço da Guitarra

António Chainho

Rapsódia, Lisboa: 2023

Com este seu disco *O Abraço da Guitarra* o seu décimo disco de originais, o Mestre António Chainho pretende “homenagear os meus professores através da Rádio, que foram os meus músicos de referência com quem aprendi muito, pois eu, como sabe, não frequentei uma escola de música.”, como referiu à *Memória Alentejana*, edição nº 43, 2021. António Chainho, Mestre e Embaixador da Guitarra



Portuguesa, este nosso Amigo, fundador e dirigente do CEDA, que completou em Janeiro 85 anos.

Este que é o seu último disco, um excelente trabalho, como os anteriores, um Disco Antena I — em que para além de temas originais e inéditos, o novo disco apresenta-se como tributo aos guitarristas e compositores de fado que constituem uma referência como José Nunes, Carvalhinho, Armandinho e Raul Nery.

Este derradeiro trabalho tem como convidados José Manuel Neto, Marta Pereira da Costa, Pedro Jóia, Marco Oliveira, Francisco Vaz (jovem aluno produto da escola de guitarra António Chainho), e o quarteto de cordas Naked Lunch, com Francisco Ramos (violino e arranjos de cordas), Fernando Sá (violino), João Paulo Gaspar (viola) e Tiago Rosa (violoncelo). que acompanhará toda digressão de apresentação já marcada e que contou com a produção e direção musical de Ciro Bertini, que assumiu também as funções de baixista nas gravações do disco. A digressão nacional de *O Abraço da Guitarra* iniciou a 28 de Janeiro, no Auditório Municipal de Reguengos de Monsaraz, em pré-apresentação — foi lançado em Março — e depois em 24 de Abril em Arcos de Valdevez, 24 de Julho por Santiago do Cacém — sua terra natal, no auditório com o seu nome, e a 24 de Novembro no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Considerado pela revista *Songlines* «um dos 50 músicos mais influentes da world music» ao longo dos seus 58 anos de carreira, Chainho levou aos cinco continentes um dos mais sonantes símbolos da cultura portuguesa — a guitarra portuguesa.

Um forte e fraterno abraço para o Mestre e Amigo, António Chainho, que mais uma vez nos delicia com o som mágico da sua guitarra.

Um Lugar para transformar o Tempo



José Manuel Castanheira

Companhia de Teatro de Almada, Almada: 2023, 119 pp

Lançado na edição deste ano do Festival de Teatro de Almada (FA) — a seguir referido — é o resultado do curso «O Sentido dos Mestres», realizado na edição do FA de 2022, dirigido por José Manuel Castanheira, personalidade homenageada nesse ano, mantendo a tradição iniciada em 2014, em que o homenageado dirige este curso de formação. Cinco tardes com cerca de trinta formandos de faixas etárias e profissões diversas. Com o título genérico «Um lugar para transformar o tempo», assim dividido: I. Um lugar para o espectáculo; II. Laboratório d'A Cenografia; III. Manual de sobrevivência de um cenógrafo; IV. Ensinar ou proporcionar; V. Para onde vai tanto tempo perdido. “Tendo a palavra cenografia como ponto de partida.

O Castanheira, nosso Amigo, que é arquitecto de formação, começou por chamar a atenção para o facto da cenografia ser uma disciplina cuja definição não é ainda consensual. E é justamente por essa razão que ele não desiste de procurar defini-la.”

É de saudar esta decisão de registar em

livro «O Sentido dos Mestres», esperando que se mantenha para o futuro.

José Manuel Castanheira, um dos mais prestigiados cenógrafos portugueses a nível internacional, que este ano completou cinquenta anos de cenografia, tendo assinado mais de 300 cenografias e foi distinguido com prémios, nomeações e prestigiados cargos.

Em entrevista que publicamos em 2022 no semanário *a Sul* afirmava:

“(…) Os Teatros nacionais receberam compensações pelo serviço público prestado ao país mas isso não chega. Quando se chega ao chamado teatro independente não existe uma aposta sólida, estruturada. O poder reconhece a importância de companhias como esta, de festivais como este e depois esquece-se que é preciso investimento para que as coisas funcionem bem, sem sobressaltos. Onde está a educação pela arte. Porque não está inscrita nos currículos do ensino básico, no secundário?”

Um forte abraço, Castanheira!

Nos 40 anos do Festival de Teatro de Almada



DR - Valha-nos Aristófanes!

O riso na denúncia do “pensamento único”

O Festival - de Teatro - de Almada (FA) realizou-se - como era tradição antes da pandemia — entre 4 e 18 de Julho, tendo completada 40 anos, enquanto Almada comemora a passagem dos 50 anos de elevação a cidade.

Com 20 espectáculos oriundos de nove países, três de companhias francesas e outras tantas espanholas, podendo-se assistir a produções da Bélgica, da Alemanha, da Itália, Suíça, Israel ou Líbano, enquanto de Portugal nos foram apresentados oito espectáculos, desrtacamos “Valha-nos Aristó-

fanés!” por Els Joglars, da Catalunha, no primeiro dia de Festival

A iniciar apresenta-se Aristófanes... o dramaturgo da Grécia antiga, (446 a.C., Atenas - 386 a.C., Delfos) no “Século de Péricles”, que terá escrito cerca de 40 peças, mas apenas 11 chegaram até nós. Trata-se de um espectáculo teatral cativante, de uma mordacidade acutilante, pontuado por falas que suscitam no espectador, perplexo, entre o riso meio envergonhado da constatação de uma realidade aqui exposta, o que denota a coragem intelectual desta produção teatral que, por vezes, leva à gargalhada franca também pelos excessos, seja pela obrigatoriedade de o feminino das palavras, para não beliscar a igualdade do género.

Com um cenário sóbrio, onde surgem símbolos característicos da comédia grega, da Antiguidade clássica, nomeadamente falos, um dos deles gigante que se desloca pela boca de cena, encontramos nesta produção teatral um desempenho de excelência. Dramaturgia colectiva, com encenação do actor que protagoniza Aristófanes, Ramon Fontserè. Viva o Teatro!

FMM 2023

Sines: Toda a música deste mundo



DR - Eneida Marta

Apresentado a 16 de Maio na Casa do Alentejo o programa completo do Festival Músicas do Mundo (FMM) 2023 pela voz do seu director artístico, Carlos Seixas, tendo o presidente do Município, Nuno Mascarenhas referido as distinções atribuídas ao FMM: o prémio de Melhor Programa Cultural (Portugal e Espanha) na edição de 2023 dos Iberian Festival Awards, o FFM soma 12 prémios Iberian Festival Awards recebidos entre 2016 e 2023 a seis ibéricos e seis nacionais. Entretanto na gala dos

prémios Iberian Festival Awards foi ainda entregue o prémio Excelência - Personalidade a Carlos Seixas, director artístico e de produção do FMM Sines desde a sua primeira edição, em 1999.

O prémio de melhor programa cultural reconhece a dimensão cultural dos festivais, nomeadamente, da sua programação de iniciativas paralelas, conforme refere a edição de Abril do “Sines Municipal”. Todavia, este boletim municipal, na edição de Setembro refere que o FMM 2023 bateu recordes de público, totalizando mais de 100 mil espectadores, comparando com as edições do FMM pré-pandemia: “Retomámos a pujança que tinha tido nos anos anteriores à pandemia (...) Só no Castelo (...) tivemos seguramente mais de 40 mil espectadores.”

Considerado um dos melhores festivais de sempre, na 23ª edição realizaram-se 42 concertos de 27 países e um programa de iniciativas paralelas.

Se a vizinha Espanha se destacou, nomeadamente com o espanhol Rodrigo Cuevas, que pôs o Castelo de Sines ao rubro, por outro lado, a África, sobretudo a subsaariana, esteve em peso com bandas do Mali, do Senegal, do Gana, da Nigéria ou do Malawi.

Mas os países de expressão oficial portuguesa estiveram bem representados: Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique três grupos lendários em língua portuguesa: Os Tubarões, África Negra e Ghorwane actuaram em Sines. Também a Guiné-Bissau teve este ano uma delegação de peso com Tabanka Djaz, Eneida Marta e mais uma banda histórica, Super Mama Djombo, a que tivemos o privilégio de assistir. Em Sines, toda a música deste mundo!

Nos 25 anos do FITS

O Festival Internacional de Teatro de Setúbal – XXV Festa do Teatro - realizou-se no cidade sadina entre 17 a 26 de Agosto com extensão a 20 de Setembro.

No dia 25 assistimos a dois espectáculos e a duas performances, ocorridas em espaços diversos da Escola Secundária Sebastião da Gama: “ASAE da



DR - Primate... Informe para uma Academia

Liberdade”, pelo Teatro Amanhã, de Palmela, “Primate... Informe para uma Academia”, pela companhia chilena Escenafísica, de Santiago do Chile, “Cartão de Visitas”, Performance de Vinicius Facó, de Brasília e a performance “Manifesto (Eco)-Ciborgue, pela brasileira Maria Léio Araruna, também de Brasília.

O espectáculo da companhia chilena é a segunda obra de uma trilogia kafkiana que o grupo tem produzido e inspirado num conto de Kafka.

Este interessante monólogo interpretado com uma mestria ímpar a raia a perfeição por Ricardo Gaete G., que assina também a encenação e a dramaturgia – com assistência do vencedor do Prémio Nacional de Arte, Ramón Núñez - conduz pela história de um chimpanzé aprisionado na Costa Ocidental Africana, que acaba treinado “a fazer um relatório académico ao ser chamado para entrar numa honrosa e prestigiada Academia. Progressivamente o primata vai perdendo a sua compostura humana para a qual foi treinado.”

Um excelente espectáculo, onde se cruzam questões como expedições, captura e escravização de indígenas, sua exibição em zoológicos, assim como as vítimas de ditaduras mundiais, esta “obra pretende confrontar-nos com a identidade perdida e recuperar raízes que nos devolvem a liberdade perdida nesta escravidão contemporânea”, como surge no programa.

As nossas saudações pela perseverança e empenho da organização, o Teatro Estúdio da Fontenova, que com apoio da C M Setúbal, põe de pé esta festival há 25 anos.

Eduardo M. Raposo
CHAM - NOVA FCSH

No adeus a Rui Nabeiro, o Comendador da Cidadania

Nove dias antes de completar 92 anos, falecia Rui Nabeiro.

Nascido a 28 de Março de 1931, em Campo Maior, Manuel Rui Azinhais Nabeiro veio a falecer a 19 de Março de 2023, no Hospital da Luz.

Na edição nº 43, de 2021, dedicada a Campo Maior, tivemos o privilégio de fazer uma aproximação ao percurso deste alentejano, não apenas com o excelente texto inédito de José Luís Peixoto, que escreveu propositadamente para esta edição, falamos de “A biografia de *Almoço de Domingo*” - sobre o processo de construção deste seu belo livro - mas foi sobretudo mais de 100 minutos que passámos – coadjuvados pelo Alex Gandum - a entrevistar *on line* aquele que foi o maior empresário alentejano, e um dos mais importantes empresários portugueses, europeus e até mundiais.

Mas foi sobretudo o mais humanista dos empresários, que sempre se preocupou com as pessoas e para quem as pessoas nunca foram meros números. Então, com 89 anos, revelou uma grande sensibilidade e humildade de reconhecer a valia do trabalho do CEDA, da *Memória Alentejana*, referindo – como intitulámos o editorial “Falamos a mesma linguagem...” e “A língua dos alentejanos é uma língua que fala com o coração”.

Homem sensível que se emocionou quando lhe referíamos o enorme carinho com o povo de Campo Maior o recebeu, em festa, como filho pródigo, quando regressou a Campo Maior, depois de uma ausência de 17 meses em Badajoz, em 1986.

Nesta edição em que entrevistamos um outro grande empresário – João Paulo Ramôa, este da nossa geração – como alentejanos, sentimos o enorme orgulho de ter tido na Pátria Transtagana um Homem como Rui Nabeiro, que honra e dignifica o Alentejo em qualquer parte do mundo, porque como dizia, a fechar a entrevista: “Costumo dizer que as coisas acontecem quando nós as fazemos acontecer”.

Obrigado Senhor Comendador por tanto ter contribuído para a dignidade dos Alentejanos. Para os Alentejanos terem uma vida digna.

Até sempre!



Foto: Delta Cafés

A importância da Memória na defesa da Democracia

Nos 50 anos de 11 de Setembro de 1973

Referência à passagem dos 50 anos sobre o golpe militar que levou ao poder o general Augusto Pinochet, enquanto o presidente socialista Salvador Allende, democraticamente eleito, era morto pelos militares, defendendo o Palácio presidencial de La Moneda.

O resultado, segundo o mais recente relatório oficial, em 17 anos de ditadura militar, estão contabilizados 3.225 mortos (desaparecidos ou executados), a que se adicionam 37.055 vítimas de prisão e tortura, num total de 40.280 vítimas, entre elas o mítico músico e cantor Victor Jara. A Associação de Familiares de Detidos e Desaparecidos calcula em mais de 100.000 vítimas.

A aplicação por Pinochet, pela primeira vez no mundo, das políticas económicas neoliberais, fez dos chilenos cobaias, de que meio século depois ainda sofrem as consequências. Daí as fortes desigualdades sociais que motivaram, nas últimas décadas, já em democracia, um clima de forte agitação social.



DK

Eduardo M. Raposo
CHAM - NOVA FCSH

CEDA

Centro de Estudos Documentais do Alentejo - Memória Colectiva e Cidadania

Inscrição Sócio | Tipo de sócio

Individual - Quota anual de 12,5€

(inclui um exemplar da Revista *Memória Alentejana*)

Coletivo - Quota mínima de 25€

(inclui dois exemplares da Revista *Memória Alentejana*)

Se pretende ser apenas assinante da Revista *Memória Alentejana* (dois exemplares - 5€/ano)

Enviar correio electrónico ou carta com os seguintes dados:

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 1 - Assunto: Inscrição Sócio - CEDA | 7 - Telefone/Telemóvel |
| 2 - Tipo de Sócio | 8 - Local de Trabalho |
| 3 - Nome Completo | 9 - Habilitações Académicas |
| 4 - Naturalidade | 10 - Área de Atividade |
| 5 - Morada | 11 - Área de Interesse para Participar |
| 6 - Correio Electrónico | 12 - Observações |

Contactos:

cedalentejo@gmail.com
93 945 75 23

Montepio Geral, NIB: 0036 0185 9910 000 845 616

Sede: Casa do Alentejo

Rua Portas de Santo Antão, n.º 58 · 1150-268 Lisboa

Delegação em Almada:

Casa das Associações, Rua Mário Casimiro, Charneca de Caparica

Locais de distribuição e venda:

A *Memória Alentejana* pode ser consultada:

- Municípios, Bibliotecas Municipais e Associações Culturais, através das respectivas Comunidades Intermunicipais
- É também distribuída para a Direcção Regional de Cultura do Alentejo
- Para a Entidade Regional de Cultura do Alentejo
- Para as Bibliotecas Públicas
- Para a Comunicação Social: *Diário do Sul*, *Diário do Alentejo*, *Folha de Montemor*, *Rádio Voz da Planície*, *Rádio Pax* e outros
- Pensão Carvalho – Rua Gago Coutinho, 13, Sines

Está à venda em livrarias e locais de referência:

Alentejo

Livraria Nazareth – Praça Giraldo, Évora

Quiosque Bandeirante (junto à Rodoviária), Beja

Livraria A das Letras – Av.º 25 de Abril, 8, Sines

Lisboa

Casa do Alentejo – R. Portas de S. Antão, 58

Livraria Tantos Livros – Av. Marquês do Tomar, 1B

Livraria Colibri – FCSH/UNL, Av. de Berna, 26 C

Estatuto Editorial

A Revista *Memória Alentejana* é uma publicação sem fins lucrativos, propriedade do Centro de Estudos Documentais Alentejanos (CEDA), dedicada essencialmente a temas que dizem respeito ao Alentejo.

Publicada desde 2000, a *Memória Alentejana* pauta-se pelos valores da dignidade da pessoa humana, da liberdade, da democracia, da independência, do pluralismo e do rigor jornalístico e ético.

Desde sempre que a *Memória Alentejana* tem abordado exaustivamente temas que dos pontos de vista histórico, geográfico, social ou cultural, são caros às gentes alentejanas, recorrendo a uma investigação aturada e séria. A informação fornecida baseia-se em entrevistas, reportagens, artigos de opinião e investigação, e informação geral, onde as raízes culturais alentejanas estão em destaque, embora possa abordar temas de âmbito nacional ou outro.

Como publicação sem fins lucrativos, a *Memória Alentejana* tem actualmente periodicidade anual e vive de contribuições de entidades públicas, podendo, no entanto, também contar com o apoio de entidades privadas, sendo que essas contribuições não têm carácter regular.

Ficha Técnica:

Nº 45 - 2023 | Sede da Associação, Editor e Redacção: Casa do Alentejo, R. Portas de Santo Antão, 58, | 1150-268 Lisboa | Redacção: 939 457 523 | Publicidade: 965 090 022 | E-mail: cedalentejo@gmail.com | Proprietário: CEDA – Centro de Estudos Documentais do Alentejo – Memória Colectiva e Cidadania - NIPC 505 750 040 - INPI 364684 | Edição: *Memória Alentejana* | Os artigos publicados são da responsabilidade dos respectivos autores. Estes têm a liberdade de escrever segundo o Novo Acordo Ortográfico ou não | Director: Eduardo M. Raposo | Coordenação Editorial: Eduardo M. Raposo e José Alex Gandum | Editor de Imagem: José Alex Gandum | Editores: Ana Pereira Neto, António Ramos e João Santos | Conselho Editorial: António Borges Coelho, António Ventura, Cláudio Torres, Manuel Malheiros, Moisés Espírito Santo e Rogério de Brito | Colaboraram neste número: André Carneiro; Biblioteca Municipal de Beja José Saramago; Bravo Nico & Lurdes Pratas Nico; Centro UNESCO; CIMBAL; Deolinda Tavares; Grupos Corais de Beja (Cantadores de Beringel, Cantadores do Desassossego, Douradas Espigas de Albernoa, Grupo Coral da Freguesia da Cabeça Gorda, Grupo Coral Moças da Aldeia, Grupo Coral de Baleizão, Grupo Coral Feminino da Casa do Povo de Nossa Senhora das Neves, Grupo Coral Feminino do Centro de Cultura, Recreio e Desporto de Santa Vitória “Estrelas do Alentejo”, Grupo Coral Os Moços do Penedo Gordo, Grupo de Cantadores de Nossa Senhora das Neves, Grupo Coral Masculino de Mombeja, Moços da Aldêa, Rosinhas de Santa Clara de Louredo, Rouxinóis do Alentejo e Searas ao Vento); José Moutela; Luís Miguel Ricardo; Manuel Baião; Marco Monteiro Cândido; Museu Jorge Vieira; Paula Mota Garcia; Paula Santos e Rogério de Brito. | Fotografia: Ana Pereira Neto; André Rebelo e Costa ; Armando Raposo; Delta Cafés; Eduardo M. Raposo; Fotografia Albuquerque; JFCCS; João Santos; José Alex Gandum; Município de Beja; Ricardo Zambujo e Universidade Popular Túlio Espanca | Revisão: José Alex Gandum e Eduardo M. Raposo | Foto da Capa: Município de Beja | Paginação: 4iD – Design Gráfico | Impressão: Gráfica Jorge Fernandes, Lda. - Rua Leite Faria, n. 24, 2820-476 Charneca de Caparica | Tiragem: 1500 exemplares | Depósito legal: 172 511/1 | ISSN: 1645-6424 | Registo: ERC 124487

A *Memória Alentejana* contou com os apoios:



Colaboração:



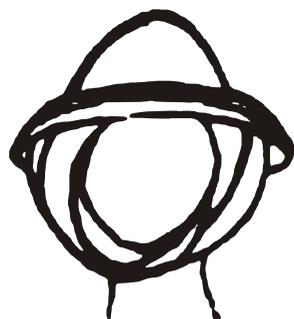
Apoio na distribuição:





Jardim Público de Beja (anos 50)

Foto de Armando Raposo (gentilmente cedida por Manuel Janeiro)



CEDA

Centro de Estudos Documentais do Alentejo
Memória Colectiva e Cidadania

VENHA A BEJA COM VAGAR



visitebeja.pt



CÂMARA MUNICIPAL
BEJA
CENTRO DO S